BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XXVII • MARÇO DE 1952 • N.º 301

«COM MÉTODOS MODERNOS, OBTÊM-SE EM TERRAS VELHAS CAFÈZAIS TÃO PRODUTIVOS COMO OS DAS MELHORES ZONAS»

Palavras do DR. MÁRIO ROLIM TELLES, presidente da Sociedade Rural Brasileira

"O Estado de São Paulo está gradativamente decaindo em sua produção cafeeira, de maneira tal que causa sérias apreensões. Quem viajar pelo Interior observará, à margem das estradas de ferro, extensões imensas que não são aproveitadas com nenhuma cultura e que nem ao menos servem de invernadas. Se as receitas do Estado vêm em progressão crescente, na parte da arrecadação do impôsto de vendas e consignações e de outros tributos, isso se deve mais à grande ascensão de preços das mercadorias do que ao volume da produção. Se lançarmos os olhos para os armazéns gerais, verificaremos que estão agora quase vazios. E' preciso, portanto, recuperar a produtividade do solo dentro do Estado de São Paulo, nas regiões servidas pelas ferrovias e estradas de rodagem, ao invés de irmos buscar mercadorias produzidas à custa da derrubada das matas dos sertões.

MÉTODOS MODERNOS DE AGRICULTURA

"Isso que afirmamos foi o que realizamos aqui numa nossa fazenda, a 100 quilômetros da Capital, onde temos cafèzais tão lindos, de dois anos de idade, como não conseguíamos ter melhores nos dois milhões e meio que formamos em Terra Roxa, cidade que fundamos, e em Guararapes, quando aí plantamos café antes da existência da cidade".

"Com os métodos modernos de agricultura, obtêm-se, nas terras velhas, cafèzais tão produtivos como os das melhores zonas ou mais produtivos que os destas. E' preciso que se cuide da irrigação, para evitar os prejuízos das secas, e da mecanização, para o barateamento da produção e suprimento da falta de braços. Das mesas redondas — com o comparecimento de técnicos, dos agricultores, com as conferências realizadas, projeções de films instrutivos, exibição de máquinas e artigos usados na lavoura, pelos interessados na sua venda, enfim, com a discussão dos problemas constantes do temário elaborado — poderá a agricultura brasileira muito lucrar para o seu desenvolvimento, em benefício do país."

(Do "Diário de S. Paulo", de 11-11-51)

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVII | MARÇO DE 1952 | Número 301

Sumário

COLABORAÇÕES:

A potassa na adubação do cafeeiro — J. Bemelmans.

Moderniza-se a agricultura — J. Testa.

A cultura de café, adaptada ao nosso tempo — Sigmar Kaufmann.

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Reerguimento das fazendas de café em zona "velha".

O café visto nos Estados Unidos — (Cartas mensais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York).

O café no norte do Paraná.

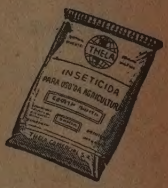
ESTATISTICA

Guia DO LAVRADOR

NO COMBATE ÀS PRAGAS DO ALGODÃO

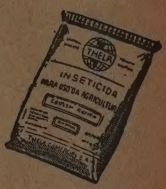
PREVINA-SE CONTRA A INVASÃO DOS PULGÕES — **BHC**

... da vaquinha furadeira e da broca de raiz, as primeiras pragas que surgem na lavoura algodoeira. Logo após o desbaste, aplique o inseticida BHC "THELA" 2%, repetindo o tratamento 12 a 15 dias depois. Se verificar a existência de ácaros use o 340 ou o 325. É um tiro!



NO FLORESCIMENTO... — **THELATOX**

... aparecem também os percevejos, o "coruquerê", a lagarta rosada, a lagarta das "maçãs" e os ácaros. É a época de aplicar misturas mais fortes: 3540 ou 2040 a 3 5 25 e a 20 30. Resultado 100% garantido.



NA FRUTIFICAÇÃO... — **MISTURAS**

... polvilhe a mistura 31040 ou 31025, para que as lagartas não comam as "maçãs". Êstes inseticidas são mais fortes que os anteriores. Garantem boa produção e bons lucros. E assim o "ouro branco" estará livre dos seus grandes inimigos!

USE A POLVILHADEIRA

"FARQUHAR"

Consulte o Instituto Biológico ou recorra aos agrônomos da THELA.

Pedidos à

THELA COMERCIAL S. A.

RUA MARIA TEREZA, 149 • TELEFONE: 52-6191 • SÃO PAULO

Filiais: Rio de Janeiro • Curitiba

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Enxada Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

ENXADA CALÇADA DRAGÃO

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

A POTASSA NA ADUBAÇÃO DO CAFEEIRO

J. BEMELMANS
Engenheiro Agrônomo

Graças aos preços compensadores do produto, assistimos a um interêsse todo especial, por parte do fazendeiro inteligente e previdente, pela questão da adubação do cafeeiro.

Ainda pouco se faz neste sentido, em plantações novas. Assim, consideraremos apenas as adubações de manutenção e restauração das lavouras velhas e das plantações novas em terras velhas.

Desde sempre os fazendeiros sabem que o cafeeiro deve ser adubado, pelo menos com estêrco. E' que o cafeeiro não é planta anual, que pode mudar de terreno cada dois ou três anos, como tem sido o costume para as outras culturas. O cafeeiro instala-se no mesmo local por muitos anos e mais dum cafèzal chegou à idade secular.

Assim, ao lado do esgotamento do solo pelas raízes do cafeeiro, há também um esgotamento talvez muito maior feito pela erosão e pela lixiviação, que está se acelerando cada vez mais nestes últimos vinte anos. É que as reservas florestais estão pràticamente acabadas; as chuvas são mais fortes e duram menos tempo (embora o total anual continue o mesmo), a estação sêca é mais pronunciada, o que vem prejudicar o húmus do solo e suas reservas naturais de umidade.

Assim os nossos cafèzais chegaram a um ponto baixíssimo de produção em terra nova com mais de 100 arrobas por mil pés.

E' o que podemos chamar de "ponto de equilíbrio" entre os elementos que a terra é capaz de fornecer à planta (solubilização das rochas) e a produção que a planta é capaz de conseguir com tão minguado matérial.

O mesmo "estado de equilíbrio" observa-se aliás com as outras culturas e as pastagens e isto faz com que as médias de produção por alqueire, do Estado, correspondam às médias por hectare da Europa e outros países.

Essa produção baixa não é mais compensadora. Ela é anti-econômica, motivo pelo qual a adubação é uma necessidade imprescindível, tanto mais que a terra representa um capital cada vez maior.

A adubação exige hoje certos cuidados especiais devido ao estado de pobreza dos solos. E' preciso que se verifique a acidez do terreno, porque embora o cafeeiro tolere uma acidez relativamente forte (com pH 5,5) êle produz melhor em terreno pouco ácido. O excesso de acidez será corrigido com pó calcáreo, cal virgem extinta, pó de sambaquís ou outros corretivos calcáreos.

O teor em húmus deverá também ser considerado, pois um terreno completamente esgotado nesta matéria reage muito pouco e muito mal aos adubos químicos.

A adubação química deve sempre comportar os três elementos mais importantes, ou seja o azôto, o fósforo e o potássio.

O azôto tem ação mais direta sôbre o crescimento da folhagem.

O fósforo é indispensável à boa formação das flores, dos frutos e dos grãos.

O potássio é, de todos os elementos, o principal para o cafeeiro, fato salientado pelos mestres, Dafert, Helmrich e Rogerio Camargo.

O potássio favorece o desenvolvimento do sistema radicular, influi sôbre as soluções do solo e da planta, mantendo melhor a umidade, o que permite à planta resistir melhor às sêcas e às geadas.

O potássio regulariza a respiração e a transpiração das fôlhas, limitando as pêrdas de água; é indispensável para o transporte dos produtos elaborados pela clorofila, e a função desta (fotossíntese) é aumentada pela presença de potássio.

Em suma, o potássio é o grande regulador da vida da planta e assim dá-lhe maior resistência às doenças e às pragas.

É provavel que o potássio melhore a "bebida" do café, assim como êle melhora o sabor das frutas e o aroma do fumo.

Na Estação Agronômica de Porto Rico, ensaios de adubação com café durante 8 anos, relatados no Boletim 31, salientam que a POTASSA É O ALIMENTO QUE DÁ O MAIOR AUMENTO DE RENDIMENTO, vindo em seguida o azôto, e depois o ácido fosfórico.

Insistimos porém no fato da adubação para o cafeeiro precisar ser "completa", isto é, dever comportar os 3 elementos (azôto, fósforo e potássio) ainda acrescidos de húmus.

Chamaremos ainda a atenção do lavrador sôbre o fato dos galhos frutíferos do cafeeiro serem galhos de segundo ano. Assim, os resultados patentes de aumento da produção só se tornam visíveis do segundo ano de adubação em diante.

É difícil recomendar uma fórmula de adubação para o cafeeiro visto como as necessidades variam de acôrdo com o tipo de terra (massapé, roxa etc.) com o seu estado físico e químico, com o clima e muitos outros fatores.

Apenas diremos que cada pé de café deve receber de 10 a 40 quilos de composto ou estêrco, (ou 2 a 4 kg de torta de mamona etc.).

de 5 a 20 gramas de azôto
de 20 a 80 gramas de ácido fosfórico
de 30 a 90 gramas de potassa.

Em caso de dúvida será sempre interessante estabelecer talhões de experiências a fim de comparar as várias proporções.

Formam legião os fazendeiros que praticam a adubação dos seus cafèzais, contribuindo assim patrióticamente para a conservação da maior riqueza do País: o solo.

Seja êste exemplo seguido por todos, a fim de podermos manter bem alto a qualidade e a fama do café brasileiro.

Sintomas progressivos da deficiência de potássio

A falta de potássio no solo acarreta distúrbios como o que ilustra a gravura

MODERNIZA-SE A AGRICULTURA

CADA VEZ MAIS NECESSÁRIA A TÉCNICA AGRÍCOLA

J. TESTA
(Chefe de Estatística e Publicidade
da S. S. C.)

Longe vão os tempos em que para ser agricultor, principalmente lavrador de pequenas posses ou assalariado, bastava apenas ter bons músculos, hábito com o serviço duro da terra, rosto curtido de sol, frugalidade alimentar e poucas exigências quanto a conforto... Cultura técnica era dispensável, ou pelo menos assim se julgava. Nem mesmo saber ler... E inteligência, então, ou capacidade mental, seria um luxo! A cousa vinha vindo assim desde os mais recuados tempos e isso acontecia, aliás, com tôdas as profissões conservadoras, principalmente as relativas ao comércio e à agricultura. O homem que possuia haveres tinha quase a obrigação de ser ocioso. Seus bens, êle os adquiria por herança ou conquista. E às vezes mesmo pelo árduo trabalho. Mas êste era repudiado quando o indivíduo chegava ao poder e à riqueza. O trabalho era para a gente de condição escrava.

Com o decorrer dos tempos, o comércio e a indústria se especializaram. Sendo atividades realizadas principalmente nos centros urbanos, seus profissionais melhoraram e refinaram o padrão de vida estudaram, tornaram-se técnicos. Só a agricultura permaneceu, principalmente em certos paises como a Índia e o Egito, nas condições de um pariato.

Hoje em dia, no entanto, a agricultura também se especializou, e tende mesmo a se tornar mais complexa e mais técnica do que as atividades citadinas. Na Europa e nos Estados Unidos já se vem compreendendo dêsse modo o problema e os lavradores, longe de serem párias analfabetos ou felahs semi-nús são gente que estuda, que trabalha com livros e tratores, possui bibliotecas e, nas ocasiões de dificuldades, como aconteceu agora no Velho Mundo, está não sòmente mais livre dos cataclismas políticos como mais a coberto da fome... Nos Estados Unidos, ainda agora, os maiores benefícios da manutenção dos preços e da estabilidade nacional são auferidos pelos lavradores.

Essa melhoria intelectual e essa especialização da classe rural tem uma dupla origem: primeiramente, o fato de que os níveis gerais de cultura se expandiram, atingindo tôdos os setores humanos e não se compreenderia, pois, ficassem sòmente os homens do campo dela excluidos indefinidamente; em segundo lugar, o empobrecimento dos solos, alterações climáticas, exigências alimentares cada vez maiores, afastamento das áreas agricultáveis, tudo isso forçou a adoção de processos mais e mais aperfeiçoados de lavrar a terra e de criar os rebanhos.

O lavrador, hoje em dia, e cada vez mais, precisa ser um homem afeito ao convívio dos livros, capacitado a extrair dêles as indispensáveis noções relativas ao estudo dos solos, dos climas, dos adubos, dos tratos culturais, da genética, da parasitologia, etc. Principalmente ao agricultor independente, não assalariado, indispensável se tornam conhecimentos muito amplos e que não devem ser adstritos a uma só especialização. Como assalariado, numa grande fazenda, êle póde especializar-se em tratorização, ou enxertia, apicultura, piscicultura, etc. Isso também póde e deve acontecer nos países coletivizados situados detrás da **cortina de ferro,** onde não existem agricultores individuais e o único fazendeiro é o Estado, que contrata como empregados os antigos lavradores, admitindo também os especialistas que deseje. Numa propriedade individual, isso não acontece, e o seu dirigente precisa, hoje em dia, conhecer bem numerosos assuntos, teórica e pràticamente.

Naturalmente, ainda não chegámos a êsse estágio. Existe uma geral presunção, no Brasil, de que o técnico é mais ou menos desnecessário. Ouvem-se constantemente afirmações de que a **agricultura se aprende é na terra, e não nos livros**. Isso é até certo ponto verdadeiro, mas cumpre notar que o que está nos livros foi primeiramente experimentado, na prática, pelos técnicos e agrônomos, ás vezes em exaustivas experiências, que duraram muito tempo e custaram muito dinheiro, não podendo ser realizadas por um particular qualquer.

Felizmente, a mentalidade brasileira está evoluindo notàvelmente, nos últimos tempos, principalmente no Estado de S. Paulo e no do Rio Grande do Sul, onde grande é o número não só de instituições científicas, governamentais e de particulares, do mais alto nível, como ainda se nota o crescimento cada vez maior de uma verdadeira elite de experimentadores particulares, fazendeiros, ou sitiantes de bôa cultura e sadia mentalidade.

Constitui um índice desse estado de espírito o número cada vez maior de fazendas dotadas de curvas de nível, terraceamentos, irrigação artificial, plantio em faixas, mecanização. As análises do solo, a preparação dos adubos orgânicos compostos, a rotação das culturas, o emprêgo de sementes selecionadas e outras práticas desse teor, cada vez mais se generalizam. Já se anuncia que nossa produção de trigo atingirá nêste ano a 600.000 toneladas, — cerca de quarenta por cento do consumo nacional —. E as nossas sementes de trigo, selecionadas dentro de nossas fronteiras por técnicos nacionais do mais elevado mérito, vêm sendo procuradas até por países tradicionalmente plantadores de trigo. Relativamente ao algodão e à cana de açúcar, os progressos alcançados não são menores, havendo fazendas absolutamente racionalizadas, onde tudo é científico e a produção atinge um alto gráu de eficiência.

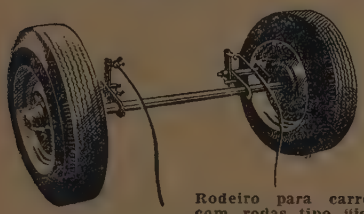
O mesmo se póde dizer com relação ao café. O que se fez no domínio do combate à **broca,** na seleção de variedades altamente produtivas, nos sistemas de plantio, adubação, proteção do cafeeiro e outros processos de bôa técnica, muito recomendam os nossos institutos oficiais e alguns dos nossos experimentadores particulares.

Outra indicação dêsse progresso técnico da agricultura se encontra no emprêgo cada vez mais generalizado de adubos e inseticidas Calcula-se que só em S. Paulo tenham sido aplicados no ano agrícola de 1951-52 cerca de 35.000 toneladas de inseticidas, contra apenas 15.000 no ano anterior. Quanto aos adubos, sua importação foi em 1951-52 de 250.000 toneladas, contra 65.000 no período anterior. Por outro lado, sabe-se que é considerável a importação de tratores e implementos agrícolas. A publicação de livros, estudos e revistas especializadas tem-se desenvolvido, também, consideràvelmente.

Tudo indica, pois, que estamos entrando na era da técnica agrícola. Cumpre a cada lavrador, grande ou pequeno, procurar assenhorear-se dos novos processos que a química, a física, a biologia, lhe põem ao alcance. A época da rotina e da improvisação, do "fazer como o meu avô fazia", já pertence ao passado.

RODAS E RODEIROS Pontal
MATERIAL RODANTE

DÃO SEGURANÇA E VELOCIDADE AS CHARRETES E CARROÇAS



Rodeiro para carroças, com rodas tipo "jeep", aro 16, com ou sem freios.

Rodeiros para charretes, com rodas tipo "Nielsen", aro 21, eixo curvo ou reto.

Procure o revendedor de sua cidade

As rodas e os Rodeiros Pontal são famosos em todo o país pela sua eficiência e durabilidade. Fornecemos rodas avulsas, com cubos, rolamentos e pontas de eixo. Com ou sem pneus e câmaras de ar. Fornecemos também com jogo de molas.

UM PRODUTO
Pontal
MATERIAL RODANTE
Pioneiros do transporte agrícola adequado ao Brasil

FABRICANTES:
INDÚSTRIAS GASTÃO PINATEL
Construções Mecânicas e Metálicas Ltda.
EXPOSIÇÃO E LOJA:
R. Don Bosco, 148 (Moóca) Fones 33-4609 e 92-0758 - End. Tel. "TELPINA" São Paulo

Um implemento com mil-e-uma utilidades em sua fazenda

PLAINA TERRACEADORA DEARBORN

para

Nivelamentos
Limpeza de terreiros
Aterros
Terraceamento
Consertos de estrada etc.

Em trabalhos de movimento de terra, esparramação etc., a Plaina Terraceadora DEARBORN, ligada ao Trator Ford, realiza em horas o que alguns homens precisariam de vários dias para fazer! E o preço dêste implemento é mínimo.

Pode ser engatada no Trator Ford em 1 minuto! É levantada e abaixada pelo sistema hidráulico do trator. Sem sair do assento, o tratorista pode ajustar o ângulo, a inclinação e a profundidade. Peça ao seu Revendedor Ford uma demonstração sôbre êste e outros implementos Dearborn.

Escavador DEARBORN

Outro implemento de grande utilidade na fazenda.

Economiza tempo e trabalho em todos os trabalhos de remoção de terra. Pode ser usado também para transporte. Prático. Fácil de engatar. Resistente.

1461

FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC.

A CULTURA DE CAFÉ, ADAPTADA AO NOSSO TEMPO

Sigmar Kaufmann

Investigador prático dos nossos problemas agrícolas, o sr. Sigmar Kaufmann, durante o tempo em que foi proprietário da fazenda "Banharão", em Jaú, teve ocasião de introduzir, ali, métodos de trabalho tendentes a racionalizar os serviços de adubação e de carpas e os sistemas de colonato e mão de obra.

Muitos dos seus estudos e experiências o sr Kaufmann os refez (e ainda agora o faz com relação à sua "esparramadeira" de cisco); quanto a outras investigações, não teve e não pretende ter prioridade. Mas, no geral, o que conseguiu foi dar um sentido realizador a trabalhos que quase só existiam em teoria ou em experiências de laboratórios.

Das suas iniciativas (aparelhos mecânicos para a carpa e esparramação; preparo do adubo composto; adubação profunda; e novo sistema de colonato, reputamos mais interessantes as que se referem ao preparo do composto e ao trabalho agrícola, em que estabeleceu um muito melhor aproveitamento da mão de obra rural, com vantagens mútuas, para o trabalhador e o patrão. É sôbre este último assunto a conferência que abaixo publicamos, recentemente proferida pelo Sr. Kaufmann na Sociedade Rural Brasileira.

A maior parte dos interessados conhece, com certeza, as linhas principais da minha atividade, onde consegui modificar substancialmente a estrutura do trato do café. Estas modificações básicas consistem em:

1 — Abolição total do sistema do colonato, introduzindo um sistema de "Anualista-Empreiteiros"

2 — Uma mecanização parcial, adaptando aparelhos novos com tração animal para abolir o uso exclusivo da enxada, desocupando os braços e metodizando assim os trabalhos.

3 — Adubação; o modo do seu preparo e de sua aplicação.

Estes 3 fatores formam um conjunto para a metodização do principal produto do Brasil, o qual se baseava até agora sobre costumes e tradição, não tomando em conta as necessidades das terras e as condições atuais do trabalho.

Não sendo possível tratar os 3 assuntos de uma só vez, achei oportuno repartí-los em 3 items, falando hoje para a parte do COLONATO.

Nas primeiras publicações, ha anos, acentuei que o sistema de colonato não está adaptado para ao tempo, e cada ano se manifesta sempre mais clara a impossibilidade da continuação deste regime. Cada ser humano necessita de estímulo, ambição e responsabilidade para progredir e só quando verifiquei a falta absoluta destes fatores, dos quais resultam uma indolência total em face da vida e do trabalho, decidi a sua modificação e lutei durante anos com perseverança para alcançar o meu objetivo. Queria e devia restaurar os meus cafeeiros decadentes com uma adubação intensa, para salvar as plantas e a minha própria situação. Olhando de perto verifiquei que tinha plantas e terras, mas não

era dono delas; tinha trabalhadores fixos, remunerados por mim, mas não estavam a minha disposição. "Adubar, não póde", dizia o meu administrador. O colono tem de tratar as SUAS plantas dentro do MEU cafèzal. E quando o mato estava se alastrando, os poucos dias de sol na época da chuva foram aproveitados pelos colonos para limpar as suas plantações — fóra do cafèzal. Verificando esta situação paradoxal, ficou para mim bem claro que estava entre duas alternativas: ou modificar êste regime, ou deixar as terras e as plantas no estado de abandono como as adquiri. Decidi-me a modificar e a luta começava, não sòmente com os trabalhadores, mas também com os meus próprios administradores e os lavradores da zona.

Vejamos de perto o que se passa com o sistema de Colonato. No início do ano agrícola, na abertura da colonização, uma verdadeira corrida começa não da parte do trabalhador para procurar uma situação, mas sim da parte do patrão. Cada trabalhador passa a ser objeto de leilão. Karl Marx diz que nos países capitalistas estão criando artificialmente uma superabundância de braços, para poder baixar os salários. O que aqui, no Brasil, se demonstra é bem o contrário. Cada zona, cada lavrador experimenta sobrepujar o vizinho, oferecendo sempre mais dinheiro e o outro aumenta ainda o número dos cafeeiros para tratar, sem saber si o trabalhador é capaz de cumprir a sua tarefa. Casos ha, em que o próprio fazendeiro tem de modificar as suas condições, oferecendo mais dinheiro, ou café, ou os dois juntos, só "para acompanhar o vizinho": leilão. Apesar de os salários bastante altos, o colono se interessa geralmente sempre mais pelas vantagens financeiras sem se preocupar com o estado da habitação que irá usar o ano todo. O colono conhece a fôrça da sua posição e de aqui em diante o patrão tem de tolerar tudo, como a um filho único mimoseado.

O colono se considera como APOSENTADO durante o ano. A única obrigação que conhece é "de fazer o ano", e muitos ùltimamente não estão mais respeitando mesmo esta obrigação. Em vez de procurar trabalhar, êle se especializa cada vez mais em procurar os seus "direitos". A falta absoluta de estímulo, ambição, e, antes de tudo, responsabilidade, cria sempre mais um ambiente de indolência, não só em face do seu trabalho, mas também em face de sua própria existência. O prazer de economizar está sempre diminuindo espantosamente, e ligado a isso desaparece também o gôsto de trabalhar. O trabalhador rural, especialmente na zona do café, ganha hoje bem mais que o trabalhador industrial nas cidades. Mas o trabalhador das indústrias tem as suas obrigações; êle tem de pagar aluguel e outras coisas no fim do mês e sabe que, si não trabalhar, não ganha. Êstes fatos provocam consequentemente os estímulo do trabalhador. Êle acha natural levantar-se as vezes 2 horas antes para encontrar condução que o leva ao seu serviço e passa mais tantas horas para voltar à casa, e êste transporte as vezes cansa mais o trabalhador que o próprio trabalho. O colono, não tendo nenhuma obrigação na vida, pois, se trabalha mais não ganha mais e trabalhando menos não ganha menos, e ganha mesmo não trabalhando, já que o patrão tem de pagar no fim do mês o que está "devendo", é natural que êle procure trabalhar o menos possível. E assim o desequilíbrio está se alastrando cada vez mais. De um lado uma paralização do trabalho, e do

outro uma exigência crescente de serviço, como o combate à erosão e às pragas e a necessidade sempre maior da adubação. De outro lado, êstes poucos braços que existem ficam sempre mais atraidos pelas zonas novas e pelas indústrias, as quais estão últimamente se formando até "in loco", no próprio interior. Não existindo práticamente uma imigração nova, póde-se calcular fàcilmente, quando se enxerga a formação de uma nova indústria, a quantidade dos cafeeiros destinados a perecer, calculando por um braço da indústria, 4000 cafeeiros sacrificados.

Não posso deixar de mencionar um dos fatores que determinaram a venda da minha fazenda. Trata-se do caso das "férias pagas".

Só quem observou de perto a reação deste movimento póde julgar a gravidade. Essa lei não melhorou a vida do trabalhador, mas peorou as suas relações e a sua atitude com a relação ao patrão. O dinheiro que o trabalhador recebeu inopinadamente foi empregado em coisas para êle desnecessárias, como ternos de casimira, rádios, bicicletas, viagens de taxi, enquanto que as crianças continuam correndo descalças e alimentadas com caldo de feijão desde o seu nascimento. Aqui se verifica o provérbio americano: "para pular, precisa antes aprender a andar". E essa lei, com certeza feita com as melhores intenções, não alcançou seu objetivo, criando grandes aborrecimentos para o patrão, dificultando a vida dos administradores afundando mais o abismo nas relações entre os trabalhadores e o patrão cujas consequências não podemos prêver.

Sôbre este assunto convém citar um trabalho do último Congresso Internacional da Organização Científica em Bruxelles, elaborado pelo pelo Sr. Nordling, Presidente do "Comité National de l'Organisation Française", intitulado: "Como realizar uma comunidade de vistas de interêsse entre a direção e o pessoal de serviço". Citando certos progressos alcançados neste sentido, na Suiça, o autor francês diz: "o desejo de ver o conjunto dos Estados imitar a Suiça, é puramente platônico e ultrapassa nosso tema". Neste trabalho se encontra uma estatística interessante, demonstrando a queda do movimento grevista nas indústrias dos Estados Nórdicos, desde 1909. Depois de ter passado por uma crise em 1945, perdendo nêsse ano 14.416.000 dias de trabalho pela greve, baixou em 1946 para 17.000, para perder somente 4.000 em 1950. Nada ha pois a estranhar quando o Vice Presidente do Brasil ,expondo justamente nesses países a legislação brasileira, "despertou verdadeiro espanto".

Voltando para o sistema de Colonato, vou repetir o que publiquei ha anos e que hoje tenho pouco a modificar:

"O COLONO: Aqui chegamos na parte substancial não só do meio rural, mas na artéria da vida econômica e social do país. Estudei êste problema, vivendo, por assim dizer, durante cinco anos absorvido profundamente pelo assunto. Primeiro fiz mau juízo dos colonos, quando, carpindo, cortavam as replantas novas com a enxada, juntavam o café dentro da leira ao fecharem a corôa, derrubavam partes do cafeeiro para sombra durante o descanso, observando com que rítmo vagaroso êles iam para a roça fazer a colheita. Mas com o tempo tive de corrigir tais suposições, tomando em consideração o sistema e as condições de trabalho e a parte psicológica por êles determinada. Coloquemo-nos no lugar dêles: si não tivessemos nenhuma obrigação diante da vida, como fazer pagamentos, vestir, calçar e educar os nossos filhos, aconteceria conosco

o mesmo que se dá com êles. O "trato" do café consiste em carpir, coroar e esparramar, tudo feito com a enxada; a adubação não faz parte do trato. O colono trata os seus 3.000 ou 15.000 cafeeiros, mas, não o "pé de café".

"O empreiteiro é considerado como trabalhador rural de condição inferior ao colono, não tendo compromisso com o patrão, nem sendo protegido pela caderneta oficial. Êle "aperta" o patrão quando êle está "apertado" como mato, e pedindo sempre um preço maior. O papel muda, quando o patrão "sai do mato", e então é pago de modo que mal dá para viver. Ele começa a tirar adiantado, tanto do patrão como da venda, e um belo dia se encontra na estrada com o saco nas costas... Procurei mudar as coisas, demonstrando que pago o mesmo preço, quando não estou apertado e fiz com êles compromisso, chamando-os "empreiteiros anualistas". Êles se obrigaram a ficar até no fim da colheita, deixando uma caixa de 20% e eu me obriguei a dar-lhes serviço o ano todo. Depois de ter quebrado esta desconfiança, as mesmas famílias contratadas em minha própria fazenda, se converteram ao regime novo, onde ainda estão, já no terceiro ano. O moral da minha gente é excelente; todo dia, tôda hora êles estão vendo o que ganham. E quando recebem empreitadas boas, correm animados a roça e a colheita, certas famílias abanando café até com lampeão, em talhões de muito café; só "para não perder a rua". E a noite, na venda, o colono não tem novidades a contar; a vida dêle está "selada" para o ano todo, emquanto os meus empreiteiros, muitas vezes exagerados, contam que ganham 30, 40 ou 50 Cr. emquanto o preço normal por dia é de 15, - Cr.

Com este rítmo de trabalho e eliminado o uso exclusivo da enxada, consegui reduzir, mediante uma metodização do trabalho, 30 - 40% de braços e fazendo com esta pouca gente uma adubação quase completa anualmente. Entretanto com 100% de braços no regime do Colonato, mal se consegue adubar uma fração da fazenda. Um colono mal trata 4.000 pés SEM adubação; na empreita se tratam 6-7.000 com adubação quasi completa.

A COLHEITA

Quando acentuei que podemos reduzir os braços mediante o estímulo ao trabalhador e com um serviço bem organizado, auxiliado em parte pela desocupação dos braços onde se pode mecanizar (assunto em que vamos tocar a próxima vez), ouvi sempre a mesma pergunta: "Como podemos resolver o problema da colheita?" Pois bem: apoiado sôbre a prática e observações de diversos anos, posso assegurar que a colheita, num ambiente de estímulo, pode se reduzir pelo menos de 30% em proporção do serviço do colono. E temos esta confirmação, a regra: quanto menos café, mais a colheita demora" o que não é uma lenda, e cada lavrador pode confirmar a sua autencidade. Nisso se demonstra bem claro que se trata de um serviço executado com indolência e onde falte sòmente o estímulo. Sendo um serviço de pouco esforço físico, mas demorado e monótono, não póde ser efetuado num ambiente de indolência. Sempre tive pouca gente na colheita e nunca acabei mais tarde que os outros. Em diversos anos

acabei mesmo bem antes. Em muitos casos constatei que um empreiteiro colhe **o dobro** de um colono.

Organizei minha colheita pela fórma seguinte:

Fora dos preços fixos, estabeleci diversos prêmios assim distribuidos:

1 — O empreiteiro recebe no momento em que acaba cada 50 sacos colhidos, um talão do fiscal. Entregando este talão na fazenda, o trabalhador recebe **na hora** 100 Cr. em dinheiro, acompanhado de um número de rifa — uma novilha por exemplo, — para correr no momento em que acabar a colheita.

2 — No dia da abanação, mando, à tarde, para o fiscal, um prêmio para o melhor abanador do dia, a ser distribuido diretamente na roça: uma caixa de charutos ou dinheiro, e por outro lado, uma advertência a aqueles cuja abanação não estava perfeita. Quando havia muitas famílias que abanavam bem (depois o primeiro prêmio coube a quase todos, que queriam ganhar charutos ou dinheiro), muitas vezes a turma toda, mandei 200 Cr. ou um relógio para tirar na rifa diretamente na roça, na hora de acabar o serviço.

3 — Quando a colheita era pouca, estabeleci, fora dos prêmios citados, mais uma paga de 100 até 150 Cr. por 1000 cafeeiros colhidos. Assim, não tendo bastante café, o trabalhador não desanima e fica recompensado pela quantidade dos cafeeiros.

4 — O serviço da colheita necessita uma fiscalização rígida e não se deveria pôr "qualquer camarada" para este serviço. Para evitar que o trabalhador não abuse e não ande depressa, estabeleci finalmente um prêmio, sem compromisso, e o qual foi psicològicamente o mais eficaz: Quem executasse o seu serviço bem em ordem, não quebrando galhos, não deixando café por trás e abanando bem, receberia mais um prêmio de 2 Cr. por saco, más só para aqueles que o merecessem. Aqui temos um ponto importante, visto que um serviço monótono, durante meses, cansa o trabalhador e torna-o indiferente. Com este prêmio se alcança uma vigilância sempre maior à medida que avança a colheita. Porque, no fim, não se trata sómente de 2Cr., mas em muitos casos de 200 ou 400 Cr. dos 100 ou 200 sacos que foram já colhidos e os quais poderia perder. O fiscal tem aqui também um bom apoio para educar o trabalhador a fazer um bom serviço até o fim, e quanto mais a colheita avança, mais o trabalhador fica atencioso ao seu serviço, acontecendo o concontrário com o colono.

DADOS:

Para finalizar, seguiremos as palavras de Lord Kelvin, quando dizia: "Si vôce pode medir o que está falando e exprimi-lo por um número, vôce sabe alguma coisa do seu assunto, senão os seus conhecimentos são mediócres e muito pouco satisfatórios".

Por isso, eis aqui alguns dados:

No ano passado (1950/1951) os colonos ganharam em geral Cr$ 2.500 por 1000 cafeeiros.

Eis o custo de meu trato:

3 carpas (preço conforme o mato, de 150 a 300 Cr.) base média 250, - Cr ,a carpa toda	Cr.	750,00
Corôação :	Cr.	300,00
Esparramação: (exclusive parte mecanizada)	Cr.	30,00
Total	Cr.	1.080,00

Temos aqui de juntar o preço da colheita. O colono que colhe o café "barato" recebe em média Cr. 10,00 por saco. Meus trabalhadores receberam Cr. 40,00. Na base de rendimento menor deste ano (o ano passado paguei Cr. 20,00) a diferença seria de Cr. 450,00 por 1000 cafeeiros. Adicionando essa parcela ao custo do meu trato (Cr. 1.080,00), teremos Cr. 1.530,00, - pelo trato que os colonos fazem, isto é: carpa, corôação, esparramação e colheita.

A economia é de quasi Cr. 1.000,00 por 1.000 cafeeiros e a econômia de braços foi, como dissemos, bastante elevada: emquanto o colono trata no máximo 4.000 cafeeiros, adubando só uma fração, os meus "anualistas" trataram 6-7.000, adubando quasi a totalidade dos cafeeiros.

O QUE PRODUZ UM EMPREITEIRO

Transcrição dos meus livros, de um trabalho executado pelos dois filhos do meu chofer (de 18 e 15 anos): (rendimento do serviço)

mês		dias de serviço:	carpa:	adubação:	rodação:	colheita:	
Setembro	1950	43 1/2	—	—	—		
Outubro	"	16 1/2	—	2.153	—		
Novembro	"	16	1.854	2.196	—		
Dezembro	"	7 1/2	8.451	—	—		
Janeiro	1951	1	4.519	918	—		
Fevereiro	"	2 1/4	7.039	850	—		
Março	"	6 1/4	3.963	546	2.486		
Abril	"	4	1.855	—	9.335	260	sacos (1950)
Total	"	97	27.681	6.663	11.841	260	

o que eles ganhavam

Serviço por dia: a 30, - (adulto 35, -, menor 25, -)	2.910,00
Adubação	3.369,00
Carpa	6.716,00
Rodação	3.552,00
Colheita	5.240,00
Total ganho por ano:	Cr. 21.787,00

Os memos braços, tratando 6.000 pés no regime de colono, ganhavam:

6.000	pés a 2.500, -	15.000,00
40	dias de serviço a 10, -	400,00
180	sacos de colheita a 10, - ...	1.800,00
	valor das plantações na fazenda	1.000,00
	valor das plantações na fazenda	1.000,00
		18.200,00, ganhando assim

3.587,- menos do que na empreita.

O que eu deveria pagar ao colono:
(tomando a base da rodação)

11841 pés a 2.500,	Cr.	29.602,00
40 dias de serviço	Cr.	400,00
Colheita 260 sacos á 10,-	Cr.	2.600,00
Adubação (empreiteiro)	Cr.	3.369,00
Total	Cr.	35.971,00

ou seja Cr. 14.184,00 mais que paguei ao empreiteiro, ou seja:

1/ economia em dinheiro
2/ economia de braços
3/ aumento da produção.

Deste regime aproveitam:

1/ O PATRÃO: que gasta menos
2/ O TRABALHADOR: que ganha mais e fica mais estimulado
3/ O CAFEEIRO: que produz mais pela adubação intensa

e 4/ O BRASIL, por:

a) aumento do produto básico do pais
b) solução do problema da falta de braços

DADOS ELOQUENTES

e a relação entre o ganho do trabalhador rural e industrial:

RURAL: Tomando por base a zona do Noroeste			INDUSTRIAL:	
3.500 cafeeiro a ..	3.000,00 =	10.500,00	2.400 horas a Cr$ 5,00	
20 dias de serviço .	10,00 =	200,00		
Colheita 100 scs. a .	10,00 =	1.000,00	=	Cr$ 12.000,00
Total ganho do ano:		Cr$ 11.700,00	Total ganho do ano:	Cr$ 12.000,00

Condições de trabalho:

Não se descontam os Dias Santos regionais, chuvas, trabalhos na própria roça etc.

Qualquer hora em que não trabalhar fica descontada.

O QUE SOBRA NO FIM DO MÊS

Tendo tudo de graça, ficam liquidos no fim do mês:	Cr$ 975,00	Aluguel	Cr$ 500,00
		lenha, café, etc.	Cr$ 100,00
Líquido no fim do mês:	Cr$ 975,00	gasto total	Cr$ 600,00
		Líquido no fim do mês: .	Cr$ 400,00

Aquí não se calculam as vantagens que o colôno tem com os seus produtos que colhe de graça na fazenda, as possibilidades de adquirir outros produtos (leite, carne, ovos, frutas etc.) bem mais baratos e com o fato de que o próprio dinheiro no campo tem um nível bem maior que nas cidades.

O trabalhador industrial tem de pagar bem caro todos os produtos de consumo.

CONCLUSÃO

A cultura de café é o produto básico do país. E' uma indústria agrícola em grande escala. O trabalhador rural ganha hoje mais que o dôbro que o trabalhador industrial, encontrando-se assim em melhores condições econômicas em relação aos últimos. Mas êstes preços altos não podem continuar com um sistema de trabalho dos tempos passados, quando o trabalhador ganhava bem menos e quando o serviço dele, como rendimento do cafeeiro, era maior. E' mister se adaptar ao avanço do nosso tempo e temos de harmonizar o aumento crescente dos salários com o rendimento do serviço, para equilibrar econômicamente os trabalhos rurais.

Não sendo possível uma mecanização total, temos de utilizar eficazmente os braços disponíveis. Isto só podemos alcançar na base de empreitada, como na indústria.

Demonstrei, positivamente, que um sistema racional de trabalho e uma mecanização parcial, não resolvem apenas o problema da falta de braços, mas com o estímulo se tira do trabalhador o ambiente de indiferença que resulta do sistema do Colonato.

Trabalhando para êle, e não para o patrão, com sentimento de ambição e responsabilidade, se alcança ao mesmo tempo um certo grau educativo; o trabalhador procurará trabalhar, em vez de se especializar, cada vez mais, em não trabalhar.

Resumos e Transcrições

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO S. A.

(Com garantia do Govêrno do Estado de São Paulo)

Capital realizado ..... Cr$ 100.000.000,00

FAZ TÔDA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCÁRIA

EMPRÉSTIMOS
sôbre café, algodão e outros produtos agrícolas
Desconto de Letras e Duplicatas
Guarda de Títulos e Valores
Cobranças de dividendos e de juros de apólices
Bonus rotativos do Tesouro do Estado
Apólices Uniformizadas, Apólices Populares Paulistas, etc.
Operações de câmbio de qualquer natureza
Correspondentes nas principais praças do país e do exterior
Cofres de aluguel — Depósitos noturnos.

SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE

MATRIZ: — SÃO PAULO

Caixa Postal, 789 — Enderêço Telegráfico: "BANESPA"

AGÊNCIAS

1 — Adamantina
2 — Amparo
3 — Andradina
4 — Araçatuba
5 — Araraquara
6 — Araras
7 — Atibáia
8 — Avaré
9 — Barretos
10 — Batatais
11 — Baurú
12 — Bebedouro
13 — Botucatú
14 — Biriguí
15 — Brás (Capital)
16 — Caçapava
17 — Campinas
18 — Campo Grande (Mato Grosso)
19 — Campos do Jordão
20 — Casa Branca
21 — Catanduva
22 — Franca
23 — Gália
24 — Goiania (Est.Goiás)
25 — Guaratinguetá
26 — Ibitinga
27 — Itapetininga
28 — Itapeva
29 — Itú
30 — Ituverava
31 — Jaboticabal
32 — Jaú
33 — Jundiaí
34 — Lençóis Paulista
35 — Limeira
36 — Lins
37 — Lucélia
38 — Marília
39 — Mirassol
40 — Mogi-Mirim
41 — Novo Horizonte
42 — Olímpia
43 — Ourinhos
44 — Palmital
45 — Penápolis
46 — Pinhal
47 — Piracicaba
48 — Pirajuí
49 — Pirassununga
50 — Pres. Prudente
51 — Pres. Venceslau
52 — Quatá
53 — Registro
54 — Ribeirão Preto
55 — Rio Claro
56 — Rio de Janeiro
57 — Sta. Cruz do Rio Pardo
58 — Santo Anastácio
59 — Santos
60 — S. Bernardo do Campo
51 — São Carlos
62 — S. João da Bôa Vista
63 — São Joaquim da Barra
64 — S. José do Rio Pardo
65 — S. José do Rio Preto
66 — São Simão
67 — Sorocaba
68 — Tanabi
69 — Taubaté
70 — Tietê
71 — Tupã
72 — Uberlândia (Minas Gerais)

REERGUIMENTO DAS FAZENDAS DE CAFÉ EM ZONA "VELHA"

Da "Revista da Sociedade Rural Brasileira" reproduzimos o interessante artigo abaixo:

"A recuperação do solo e das lavouras, notadamente as de café, constitui prática que, pelos resultados positivos que apresenta, está tomando vulto em nosso Estado. Cafeicultores paulistas, reconhecendo os efeitos benéficos da substituição de plantas velhas e improdutivas, dedicam-se a êsse sistema de trabalho agrícola. Dentre os entusiastas dessa prática, encontra-se o Sr. Antonio Bento Ferraz, proprietário da Fazenda "S. Bento", onde o reerguimento dos cafèzais decadentes faz parte de seu programa de trabalho e significa exemplo convincente das vantagens econômicas da recuperação agrícola. Essa a razão por que trascrevemos do Boletim da Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura as observações que técnicos dessa pasta colheram na fazenda "São Bento":

"Continuando nossas exposições sôbre o trabalho de reerguimento das fazendas de café na chamada zona velha, apresentaremos as observações colhidas na Fazenda "São Bento", da qual é proprietário e administrador o Engenheiro Agrônomo, Sr. Antonio Bento Ferraz. Propriedade agrícola essencialmente cafeeira, achava-se em absoluta decadência por volta de 1936, quando foi adquirida pelo seu atual proprietário. Êste, então planejou reergue-la com o fim de obter renda. Posto o objetivo, era necessário delinear um programa de trabalho para alcançá-lo. Depois de estudar o problema verificou que o fim almejado poderia ser conseguido pela reorganização da propriedade. Esta foi feita obedecendo ao seguinte plano:

1 — Corte de 60 alqueires de mato existente e eliminação de 155.000 pés de café, obtendo-se assim uma renda imediata com a venda da lenha e uma diminuição do custeio pela eliminação do café improdutivo;
2 — Reflorestamento e formação de pomares comerciais nos 110 alqueires antes ocupado pelo mato e cafèzal decadente. Foram plantados 665.000 pés de eucaliptos e 15 alqueires de vinhedo e figueiral, explorações essas que permitiram à propriedade um aumento em sua receita anual;
3 — Ampliação das pastagens e aumento do rebanho, visando incrementar a produção de estêrço indispensável à restauração da propriedade;
4 — Restauração do cafèzal que foi conservado. Iniciada juntamente com a execução dos planos anteriores, sòmente tornou-se intensa e racional em fins de 1939 quando estendeu as práticas de reerguimento a todos os 40.000 cafeeiros existentes. Esta tarefa foi realizada porque seu proprietário acreditava na possibilidade de reerguer a produção de seu cafèzal pelo emprêgo de melhor técnica.

Como vemos, pelo esquema do trabalho seguido, a fazenda saía da monocultura — café — para a exploração mixta. Êste problema foi facilitado devido a localização da propriedade que além de oferecer condições ecológicas propícias à fruticultura, achava-se próxima aos grandes centros consumidores de lenha e de frutas. Na restauração do cafèzal foram aplicadas as seguintes técnicas:

a) construção de canaletas em nivel afim de reter e distribuir equitativamente as águas das chuvas. Medida esta considerada de alto valor pelo proprietário porque é de baixo custo e de grande proveito;
b) adubação orgânica e química feita sistemàticamente durante cinco anos. A seguir sòmente metade da lavoura passou a ser adubada anualmente. O estêrco é produzido por 180 cabeças mantidas em regime de semi-estabulação;
c) substituição das árvores fracas — prática iniciada logo que adquiriu a fazenda e que também é considerada de importância vital a restauração cafeeira. A ela o proprietário atribue em grande parte não só o aumento da produção como sua maior estabilidade;
d) desbróta e limpeza das árvores feitas anualmente em tôda a lavoura;
e) polvilhamento e repasse do cafèzal. Desde 1948 vem executando essas práticas em caráter profilático.

"As práticas usadas no reerguimento do cafèzal decadente vem satisfazendo inteiramente o objetivo. Os resultados alcançados podem ser apreciados através da produção que se elevou da média de 40 arrobas por mil pés em 1936-1939 para 79 nos anos de 1942-44, 93,8 em 1945-47 e finalmente 97 arrobas no período de 1948-50. E' de se notar, conforme os números abaixo que a produção mostra tendência para se elevar não obstante as quedas de 1949-50 que foram anos muito desfavoráveis devido à estiagem.

PRODUÇÃO DE CAFÉ BENEFICIADO

Anos	Sacas de 60 Ks.	Arrobas por 1.000 pés
1936-39		40,0
1942	823	73,2
1943	790	97,0
1944	682	68,2
1945	934	93,4
1946	1.096	109,6
1947	785	78,5
1948	1.202	120,2
1949	680	68,0
1950	1.028	102,8

"Os processos técnicos para restaurar o café na fazenda em questão, não difere muito das práticas desenvolvidas em outras propriedades igualmente bem orientadas e que estão reerguendo seus cafèzais. Contudo, devemos salientar dois pontos grandemente responsáveis pelo aumento e estabilização da grande produção da referida propriedade:

1.º) — Substituição sistemática dos pés decadentes; em média 1.000 pés foram e são anualmente substituidos por novos, estando atualmente sendo cultivada a variedade Burbon 370 I.A. E' importante notar que devido à prática sistemática da substituição, o proprietário eliminou o problema das falhas, comuns nas lavouras velhas, pois terá uma reforma completa do seu cafèzal após determinado período de tempo;

2.º) — Escolha de uma proporção entre o número de cafeeiros e rebanho leiteiro, a qual permite a adubação orgânica intensiva da lavoura. Assim é que

foi possível aplicar 40 litros de estêrco por pé, complementada ainda com torta e fertilizantes.

Como ficou visto atrás, apenas 20.000 pés são atualmente adubados por ano, custando essa operação cerca de Cr$ 5,00 por pé, estando aí computados o valor do estêrco e dos fertilizantes, bem como os serviços necessários à adubação (cálculo feito na safra 49-50). Se, porém, desejarmos conhecer os gastos totais dispensados anualmente com 40.000 cafeeiros em produção, para cobrir as práticas de restauração atrás enumeradas, precisamos alinhar as seguintes despesas, calculadas aos preços tomados em 1949-50: a) conservação de canaletas Cr$ 1.500,00; b) adubação orgânica e química, Cr$ 100.000,00; c) substituição de várias árvores fracas, Cr$ 3.200,00; d) polvilhamento e repasse contra a broca, Cr$ 10.500,00. Êsse total de Cr$ 118.800,00 distribuido por todo o cafèzal elevou o custo de produção em Cr$ 2.970,00 por mil pés. O acréscimo do custeio que à primeira vista parece ser grande, realmente não o é, se considerarmos que o valor de 50 arrobas por mil pés obtidas a mais no período de 1942-50, em relação à média de produção das safras de 1936-39, deve cobrir com folga a elevação do custeio decorrentes do emprêgo das práticas de restauração.

Diante desses resultados tão animadores, o proprietario da Fazenda "São Bento" decidiu ampliar sua lavoura cafeeira plantando, dentro das mais recentes normas técnicas recomendadas, 42.000 pés de café Burbon 370 I. A. Essa cultura foi feita em terras não destocadas que tinham sido prèviamente usadas com eucalíptos os quais forneceram dois cortes, sucessivamente em 1943 e 1949. A novel lavoura de aspeto sadio e viçoso tem vinte meses de idade e acha-se toda plantada em curva de nível. O seu custo de formação desde a abertura da cova até o presente momento, está calculado individualmente em cêrca de Cr$ 9,50. Com o objetivo de fazer face ao próximo aumento do consumo de adubo organico para abastecer seu novo cafèzal, o agrônomo-administrador está planejando além da irrigação para os 82.000 cafeeiros da Fazenda, a criação avícola, pois como é sabido uma ave produz de 16 a 20 quilos de dejeção por ano. As medidas adotadas na Fazenda "S. Bento" com o fim de reerguer e de formar café novo em zonas velhas nos causou ótima impressão .E agora, com a exploração avícola é de esperar que a propriedade possa iniciar a produção eficiente do composto, de modo a tornar mais econômica **a produção de adubo organico pela redução da extensa área de alto valor que hoje** é reservada para pastagem, com consequente diminuição do rebanho que atualmente é todo para produzir esterco."

Sais de
POTASSA
da Alsacia
UM ADUBO DE QUALIDADE
PARA OBTER CAFÉS EM QUANTIDADE
Delegado para América do Sul da Société Commerciale
des Potasses d'Alsace (França)
AVENIDA IPIRANGA, 674 — SALAS, 708 a 712 — CAIXA POSTAL 6082
FONE, 34-1247 — SÃO PAULO

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Mensais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

Nº 2 RESUMO MENSAL Fevereiro de 1952

SITUAÇÃO ECONÔMICA GERAL: O mês passado decorreu sem alterações de consequência para a economia nacional. Poder-se-ia dizer que prevaleceu, durante o mês, uma situação de equilíbrio precário a qual, naturalmente, não podia deixar de exercer influência sôbre o comportamento dos índices gerais de preços. Os acontecimentos de dia a dia não deram sinais que justificassem receios sôbre a escassez de artigos no varejo ou mêdo de variações substanciais nos preços, apesar de que a mensagem orçamental e o relatório econômico, apresentados pelo Presidente Truman ao Congresso, fixaram verbas enormes, de poderosas implicações inflacionárias, que perturbaram a opinião do país. Os negócios em geral continuaram calmos e a média dos preços baixou ligeiramente, caraterísticas que aliás prevaleceram em Dezembro e Novembro passados.

A situação explica-se, por um lado, pelo fato de que os homens de negócios, conhecedores da extravagância implícita nas enormes despesas que o Govêrno propõe, receiam os resultados inevitáveis da política deficitária e maior erosão no valor do dólar. Por outro lado êles duvidam que as verbas agora propostas cheguem a ser utilizadas, considerando a lentidão do programa de defesa, e não esquecem que a crescente capacidade produtora do país tem mostrado sua habilidade para satisfazer simultâneamente as exigências militares e a procura civil. À luz das perspetivas econômicas atuais a ligeira debilidade dos índices gerais é considerada como um reajustamento, à vista de que os preços para a maioria dos produtos subiram demasiado, e assim não seria correto qualificar aquele rumo descendente como uma tendência fixa.

Entrementes, o público ao aumentar seus depósitos nos bancos e ao moderar suas compras no varejo está com efeito mostrando confiança no futuro do dólar ou esperando uma descida nos atuais níveis de preços. A forma em que o público aquilata o valor de seu poder de compra consiste fundamentalmente na consideração otimista de que a presente prosperidade deverá continuar enquanto dure a alta produção agrícola e industrial provocada pelo vasto programa de defesa. Assim, o público parece estar antes de acôrdo com os analistas que consideram como fatores favoráveis para a economia o crescente nível da reçeita individual e o rítmo acelerado do programa de defesa e não com aqueles que apontam as implicações inflacionistas dêsses mesmos fatores. De uma forma geral, a cautela por parte do comércio e a confiança do público têm mantido a atividade econômica relativamente estável, lenta e altamente seletiva.

Analizando os índices de preços, vê-se que durante o mês de Janeiro os preços de todos os produtos no mercado físico baixaram 0,71% do nível que prevalecia em Dezembro de 1951, o qual era 325,8 tomando como referência a base 100 em Agosto de 1939. Aquela cifra representa uma descida de 15,1% do nível médio em Janeiro de 1951, mas está 29% acima da média que prevalecia no semestre anterior à guerra na Coréia.

A média geral de preços por atacado desceu durante o mês 0,74% do nível médio que prevaleceu em Dezembro último. O índice a 175,5% sobre a base 100 em 1926, encontra-se, agora, 3,1% abaixo do nível médio de Janeiro de 1951, mas está 14,8% acima do índice médio do semestre anterior à guerra da Coréia.

O índice de preços no varejo continuou num curso completamente diferente daqueles que seguem os preços no mercado físico e por atacado, influenciado sobretudo pelos aumentos nos preços dos produtos alimentícios. Durante Dezembro, último mês para o qual existem dados oficiais, o índice geral subiu 0,5% colocando-se em 189,1% sobre a base 100 para o período 1935-39, ou seja 0,3% acima do índice correspondente ao mês anterior de Dezembro.

Indices de Preço	Média antes de Coréia	Jan. 1951	Dez. 1951	Jan. 1952	% de alteração-Janeiro 1952 Antes Coréia	De Jan. 1951	De Dez. 1951
Mercado físico							
Agosto 1939=100	252,5	383,9	328,1	325,8	29,0	-15,1	-0,71
Atacado							
1926=100	153,8	182,1	177,8	176,5	14,8	3,1	0,74
Varejo							
1935-39=100	167,8	181,5	189,1	189,7*	13,1	4,5	0,3

*Estimativa

No que respeita a Europa, as informações oficiais e semi oficiais indicam que a situação econômica geral não sofreu qualquer alteração. Continuam sem solução grandes problemas tais como dificuldades financeiras, impossibilidade de expandir a produção e, sobretudo, a inflação. O noticiário importante em Janeiro referiu-se à visita de Winston Churchill aos Estados Unidos, sobre a qual fizeram-se muitas conjecturas. Mas até agora nada se sabe de acôrdos. Quanto aos programas econômicos europeus, sobretudo o francês e inglês, sua austeridade implica uma redução das importações gerais dêsses países com a consequente limitação do intercâmbio comercial.

Mas o problema sério na Europa continua sendo a inflação. Cifras oficiais para o Europa Ocidental, baseadas no índices gerais de preços por atacado para os doze países mais importantes, indicam que a média geral dos preços aumentou 20,4% durante o ano passado em comparação com o ano anterior de 1950. Os principais aumentos tiveram lugar na Finlândia, Suécia e Espanha onde os índices de preços por atacado foram 30,1; 23,7 e 22,2% mais alto, respetivamente, que os índices médios de 1950 nesses países. O movimento ascendente mais moderado ocorreu em Portugual onde o índice geral apenas subiu 8,2%, o que aliás não deixa de ser um aumento substancial. À luz dessas cifras (veja-se o quadro abaixo) pode-se dizer que a inflação na Europa continua desenfreada. Não há motivos para crer que essa situação inflacionista seja consideràvelmente aliviada mesmo quando alguns países mostram redução nos respetivos índices para os dois últimos meses de 1951. A maioria dos analistas observam que poderá haver um ligeiro alívio em alguns países ao passo que noutros a pressão inflacionista será ainda maior.

ÍNDICE GERAL DE PREÇOS POR ATACADO NOS PAÍSES EUROPEUS

1948=100

	1950	1951	% de Alteração
Bélgica	100	121*	17,3
Dinamarca	115	147	21,8
Finlândia	116	166	30,1
França	121	155	21,9
Itália	90	103*	12,6
Holanda	117	143*	18,2

Noruega	115	143	19,6
Portugual	101	110*	8,2
Espanha	126	162*	22,2
Suécia	106	139*	23,7
Suiça	94	105	10,5
Inglaterra	120	146	17,8
Média	109	137	20,4

(*) Na base de 11 meses.
Dados do Boletim Mensal de Estatísticas das Nações Unidas.

SITUAÇÃO ECONÔMICA DO CAFÉ: O mercado de cafe apresentou em Janeiro uma situação de contrastes. Durante a primeira quinzena esteve extremamente ativo com notáveis altas nos preços, ao passo que na segunda quinzena manteve-se relativamente tranquilo e indeciso.

Procura ativa pelos torradores junto com fortes compras no termo local, que, coincidiram com rumores de que os preços "tetos" seriam aumentados ou eliminados, constituiram fatores principais que estimularam os preços e causaram uma expansão notável no volume de vendas durante as primeiras duas semanas do mes. Estimativas particulares que reduziam o vulto da safra brasileira 1952/53 e a ameaça de outra greve nas docas de Nova York, foram outros fatores que influenciaram a atividade do mercado. A maior procura por parte dos torradores foi atribuída a várias razões: 1) inventários reduzidos; 2) excelente posição estatística do produto; 3) notável firmeza dos cafés brasileiros; e 4) bôa procura no varejo.

A alta de preços e a expansão do volume de operações no termo em janeiro, foram as maiores desde há muitos meses. A alta atingiu sua crista a 7 de janeiro, quando todas as posições exceto a de março subiram o máximo permissível de 2/c a 4/c mais altos que durante o mês anterior de dezembro (veja quadro nº 1770). Um total de 3.224 lotes foram negociados no Contrato "S" durante o mês.

A mesma firmeza que se observou no têrmo, durante a primeira quinzena, também se registrou no mercado físico do produto. O tipo Santos 4 chegou a ser cotado a 53,50c/ na base FOB e os colombianos atingiram preços de 58,75c/ ex-doca. A nota de firmeza foi dada sobretudo pelos cafés brasileiros e pela notícia de que a Federação Nacional de Cafeeiros aumentara os preços de compra no interior. Contudo, compras substanciais feitas no México e América Central elevaram também as cotações para esses tipos e deram um tom de firmeza geral ao mercado do grão.

No meio do mês, os rumores persistentes tanto no Brasil como aqui sôbre a iminente revisão ou eliminação dos preços "tetos" provocou declarações oficiais de ambos países sôbre a falta de fundamento para tais rumores. O escritório de Estabilização de Preços neste país declarou que não pensava em alterar os preços "tetos" e o Ministro da Fazenda do Brasil negou categòricamente que o seu Govêrno estivesse fazendo demarches junto aos Estados Unidos no sentido de alterar os preços "tetos", afirmando que o seu Govêrno nem sequer podia ser identificado, no momento, com qualquer ação dessa índole por parte dos exportadores. Como resultado dêsses acontecimentos diminuiu substancialmente a atividade do mercado. Contudo, o país encontra-se agora no período de maior consumo e a procura geral, se bem que mais seletiva, continua em bôa escala.

As cifras oficiais referentes às importações de café pelos Estados Unidos em 1951 indicam um aumento de 10,4% sôbre o ano anterior, tendo importado um total de 20.357.372 sacas de 60 quilos, comparado com 18.440.045 sacas em 1950 (veja-se o quadro Nº 1780). Como de costume, Brasil e Colômbia foram os exportadores principais de café para o grande mercado norte-americano, entrando com 54% e 20,8% respetivamente. Os países associados ao Bureau Pan-Americano do Café forneceram cêrca de 92% do café importado nos Estados Unidos, o que significa um aumento de 10,5% sôbre a quantidade exportada pelo grupo em 1950. Seis dos nove países associados ao Bureau aumentaram suas exportações para os Estados Unidos. O maior aumento coube à República Dominicana, a qual exportou 35,8% mais que em 1950; Brasil e Colômbia aumentaram suas exportações em 15,4% e 4,3% respetivamente.

Quanto à Europa, fontes semi-oficiais comunicam que as importações em 1951 excederam o total em 1950 em cêrca de 10%. Cifras oficiais indicam que França importou um total de 2.521.725 sacas de 60 quilos durante 1951, comparado com 2.492.500 sacas em 1950, ou seja um aumento de 1,2%; Inglaterra aumentou suas importaçoes em 7,1% sôbre a quantidade importada em 1950 ,a qual foi de 675.460 sacas contra 723.604 sacas em 1951; Noruega importou em 1951 um total de 256.706 sacas ou seja um aumento de 4,7% sôbre a importação em 1950. Por outro lado, Suiça diminuiu suas importações em 90.533 sacas, ou seja uma redução de 21,4%, ao importar em 1951 um volume de 330,714 sacas em comparação com 421.247 sacas em 1950.

O DESCANSO PARA O CAFÉ NO TRABALHO: Certas investigações realizadas pelo Bureau Pan-Americano do Café no sentido de fomentar o aumento do consumo de café, evidenciaram a importância que tem a interrupção do trabalho para tomar café no espírito e capacidade produtiva dos trabalhadores de ambos os sexos. Novas observações feitas no decurso dessas investigações foram compiladas recentemente e impressas em folheto que o Bureau distribuiu entre os torradores com o fim de que esse distribuam o mesmo entre os seus clientes.

As emprêsas que não oferecem aos seus empregados um período de repouso para tomar café, não podem compreender as vantagens que esse hábito representa não só para as próprias emprêsas como também para os empregados. O Bureau tem recebido inúmeros pedidos para esse folheto: "The Coffee Break in Industry" do qual já foram distribuidos 4.360 exemplares. Similarmente o Bureau recebeu muitas cartas de felicitações dos torradores por ocasião da publicação dêsse folheto, o qual, segundo seus próprios comentários, está contribuindo para aumentar consideravelmente o volume de seus negócios.

OUTRAS ATIVIDADES: Durante o mes de Janeiro o Bureau distribuiu entre o estudantes e educadores 42.221 exemplares de estudos elementares sôbre a economia do café; 2. 689 manuais e 339 mapas educativos contendo material de estudos sociais acêrca do produto; e 4.674 manuais e mapas ilustrados de material educativo sôbre a econômia doméstica relativa ao café. Além disso, foram mostrados filmes de propaganda 412 vezes ante um número de pessoas no total de 28,992 e através de três estações de televisão compreendendo 579.152 aparelhos receptores.

O CAFÉ NO NORTE DO PARANÁ

Apesar de tudo o que se tem escrito sôbre o Norte do Paraná, a região é de tal forma interessante sob o ponto de vista econômico, e especialmente cafeeiro, que muito há ainda a se dizer sôbre ela.

Elucidando, pormenorizadamente, vários aspectos referentes a essa extraordinária zona do país, publicou o "O Estado de São Paulo", de 11 a 28 de Março de 1952, uma série de bem elaboradas reportagens, que aqui transcrevemos, na íntegra, com o objetivo de prestar um serviço aos que procuram melhor conhecer a região.

HÁ 30 ANOS COMEÇOU A SER APROVEITADA UMA REGIÃO QUE OS BANDEIRANTES PAULISTAS CONQUISTARAM HÁ TRÊS SÉCULOS Á COLONIA ESPANHOLA DO PARAGUAI — UM POUCO DA HISTÓRIA DA REGIÃO ANTES DA INTRODUÇÃO DO CAFEEIRO

A região conhecida por Norte do Paraná, para onde hoje convergem brasileiros e estrangeiros de todos os rincões do País e do mundo, atraidos pelas notícias de facilidades na conquista de fortunas graças ao café, pertenceu em outros tempos à colônia Espanhola do Paraguai. Diz a história que quando ainda não existia qualquer outro núcleo de população branca em toda a área que atualmente constitui o Estado do Paraná, já por ordem do governador do Paraguai, na época colônia do Reino de Espanha, os jesuitas instalaram nesse território às margens dos rios Tibagí, Ivaí, Paranapanema, Iguaçu e seus afluentes, treze reduções ou missões, denominadas Nossa Senhora de Loreto, Santo Inácio, São Mini, São José, Anunciación, S. Miguel, Santo Antonio, São Pedro, São Tomé, Los Ângeles, Concepción de Santa Maria, São Paulo e Jesus Maria, com mais de 100.000 indios catequizados e que povoavam o florescente e progressista país dos nativos Guairacás.

Numa dessas missões, a de Nossa Senhora de Loreto, o padre Montoya escreveu, em 1613, a "Arte e Vocabulário de la Lengua Guaraní", que serviu como manual e livro de consulta para o intercâmbio entre os indígenas e os missionários. Mais tarde, os bandeirantes paulistas desbravaram toda essa região, então verdadeiro sertão, à procura de ouro e de índios e levaram as divisas da Pátria até o rio Paraná, dominando as missões ou reduções e espalhando seus moradores pelas matas de toda a região, motivando a guerra entre os brancos e os índios, que se mantiveram arredios e agressivos até bem pouco tempo, quando ainda toda essa zona e parte do Sudoeste de São Paulo eram identificadas nos mapas como regiões habitadas pelos índios. O Norte do Paraná somente voltou a ser olhado pelo govêrno pouco antes da guerra do Paraguai; a 2 de janeiro de 1851, foi ali instalada a Colônia Militar de Jataí, atualmente município de Jataízinho, colônia que poucos anos depois já produzia café, cana-de-açúcar, feijão, arroz, milho, algodão, mandioca, batata, fumo e vários outros produtos. Há cem anos, portanto, o cafeeiro foi introduzido no Norte do Paraná; mas du-

rante 70 anos, essa cultura deixou de apresentar maior importância econômica.

Durante a guerra mundial de 1914-18, notou-se certo interesse dos agricultores paranaenses pelo café, verificando-se que a exportação desse produto pelo Estado vizinho começava a desenvolver-se, vagarosa mas seguramente. As grandes geadas de 1918 reduziram esse surto a quase nada, e com cêrca de 10 milhões de cafeeiros cobrindo 18.637 hectares, a produção do Norte do Paraná foi estimada pelo Ministério da Agricultura, em 1920, em apenas 291.500 quilos. Os cafèzais reduziram-se a varas secas, destruidos pelas geadas, e assim permaneceram por mais uns dez anos. Dois anos depois, quando o Brasil comemorava o Centenário da sua Independência, um relatório então divulgado dizia, entre outras coisas, o seguinte: "As primeiras sementes de café plantadas no Paraná foram trazidas de São Paulo, e tal foi o rendimento dos cafeeiros que logo se multiplicaram as plantações. O café encontrou condições mesológicas excelentes nos municípios de Jacarézinho, Ribeirão Claro, Santo Antonio da Platina, Tomasina, Jaboticabal, Colônia Mineira e São José da Boa Vista. Todos esses municípios marcham em progresso graças à cultura cafeeira, exceto São José da Boa Vista, devido à falta de meios fáceis de transporte. Nessa região a altitude varia de 500 a 600 metros, e a temperatura entre 20 e 27 graus, no verão, e de 6 a 10, no inverno, havendo anos em que a temperatura baixa a menos de zero grau, o que muito prejudica as plantações. Há duas estações típicas, sendo uma quente e chuvosa, mais intensa em novembro e dezembro. Recolhe-se anualmente cerca de 1.600 milímetros de chuvas. Os meses de novembro e dezembro também são perseguidos pelas chuvas de pedras ou de granizos que, em parte prejudicam os cafeeiros, mormente quando eles estão em plena floração".

Naquela época, um grupo de lavradores paulistas esforçava-se por construir uma linha férrea — a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná — que, partindo das divisas estaduais, penetrasse profundamente no território paranaense, atravessando as boas e férteis terras roxas, transformando-as desta forma no centro de atração de um trabalho colonizador. Estavamos em 1924, quando os trilhos ainda não iam além de Cambará, e já os seus idealizadores verificaram que sòmente com recursos muito mais amplos seria possível levar avante o empreendimento. "Foi quando o presidente Artur Bernardes — diz o atual diretor-gerente da Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná — convidou a Missão Comercial Montagu a vir ao Brasil, a fim de estudar as possibilidades econômicas de empregar capitais britânicos em nosso meio. Integrando-a veio Lord Lovat, como assessor técnico em questões agrárias. De um encontro feliz entre este e os primeiros colonizadores brasileiros que exploravam a incipiente estrada São Paulo-Paraná, nasceu a consulta sobre a possibilidade de um financiamento e, por fim, a definitiva adjudicação da estrada aos capitais ingleses. Lord Lovat ficara impressionadíssimo com a feracidade das terras roxas, e de volta à Inglaterra incorporou a "Paraná Plantations", com duas entidades econômicas perfeitamente autonomas: a Companhia de Terras Norte do Paraná e a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná. E o

que fizeram os ingleses? Não menos confiantes que os brasileiros, mas bem mais equinhoados de capital, compraram do Estado, a preços da epoca, grandes glebas de terras virgens que se situavam além do rio Tibagí, entre as bacias do Paranapanema e o Ivaí, terras essas na sua grande maioria de alta qualidade, o que bem demonstra o alto critério da escolha. E foi assim que se começou realmente a transformar um latifundio — mata virgem de fertilidade incomparável — longinquo e inacessivel numa Canaã de riqueza vigorosamente potencial, caracterizada pela ideal subdivisão territorial de pequenas glebas que hoje enquadram na média absoluta de 15,6 alqueires "per capita" comprador".

Na realidade, o govêrno do Paraná vendeu a essa emprêsa colonizadora 515.000 alqueires paulistas, dos quais quase 4/5 partes já foram revendidas, sendo preciso construir, até 1950, nada menos de 3.500 quilômetros de estradas, atravessando todos os espigões e colocando os diferentes lotes de terras ao alcance das estradas municipais e estaduais e da própria estrada de ferro. Mas o Norte do Paraná — a região cafeeira — extravasou e se alargou rumo á fronteira do Mato Grosso e do Paraguai e para o Sul, penetrando em terras do govêrno ou terras devolutas, e hoje pode-se afirmar que numa região de cêrca de 2 milhões de alqueires paulistas se formam lavouras ou se iniciam os primeiros trabalhos de demarcação e abertura de picadas, podendo-se também assegurar que ha ainda uma reserva de 1,5 a 2 milhões de alqueires de matas, neste momento ainda inacessíveis e que poderão ser dentro de muito pouco atingidas pela fúria das derrubadas. E isso porque as notícias que se espalham por todo o Brasil, de que o Norte do Paraná é a terra por excelência em que se fazem fortunas rápidas, exercem sôbre todo o território brasileiro grande influência. Só a avalia quem percorre a região e observa os caminhões, automoveis e ônibus que procedem de toda parte com nordestinos, paulistas, mineiros, gauchos, catarinenses, baianos, amazonenses, enfim com brasileiros do Norte e do Sul, aos quais se juntam milhares e milhares de japoneses, poloneses, italianos, alemães, espanhois, suiços, portugueses e as mais variadas origens de colonos, inclusive de deslocados de guerra da zona soviética, transformando o Norte do Paraná numa região em que se misturam as raças mais diversificadas e estranhas.

Não é por outra razão que municípios que ha quinze anos não existiam, e cujas matas virgens seria temerário penetrar, hoje possue não sòmente suas glebas inteiramente cobertas com cafèzais, mas seus lotes residênciais — ou "datas" como se denominam ali — procurados para construção, numa ânsia desconhecida em outras regiões, mesmo nas capitais do Paraná ou de São Paulo. Esse crescimento demográfico, que se intensificou justamente nos ultimos dois anos, pode ser medido pela população existente nos principais municípios do Norte do Paraná em 1950:

Municípios	População
Abatiá	10.834
Andirá	18.778
Apucarana	89.297
Araiporanga	12.398

Arapongas	58.932
Assai	31.583
Bandeirantes	28.214
Bela Vista do Paraiso	24.171
Cambará	19.963
Cambé	19.350
Campo Mourão	32.675
Carlópolis	6.799
Cinzas	7.414
Congonhinhas	16.327
Cornèlio Procópio	56.826
Ibiporã	19.690
Jacarézinho	34.668
Jaguapitã	39.658
Jataizinho	13.822
Joaquim Tavora	10.634
Londrina	72.144
Mandaguari	102.586
Porecatu	25.340
Ribeirão Claro	13.303
Ribeirão do Pinhal	9.991
Rolândia	34.641
Santa Mariana	15.627
Sto. A. da Platina	25.632
Sertanópolis	36.467
Tomazina	20.522
Urai	18.853
Total	997.139

Vê-se que do recenseamento promovido em 1º de julho de 1950, para um total de 2.149.509 habitantes registrados no Estado do Paraná, 997.139 pertenciam aos 31 municípios que total ou parcialmente formam a chamada região "Norte", dentro dos 80 municípios que constituem a estrutura administrativa do Paraná. É lícito admitir, diante das informações que colhemos na região, que a população tenha crescido, de junho de 1950 até hoje, de mais 15% do total dos nunicípios acima citados. Em alguns municípios, na "boca do sertão", como Campos Mourão, onde agora se descobriram as mais férteis terras de toda a região, a população deve ter duplicado em dois anos, de modo que os algarismos apresentados já foram superados. Eis outro exemplo típico: o município de Mandaguari, que possui 14.001 quilômetros quadrados de superfície, era constituido em 1943 de um pequeno povoado de meia duzia de casas; em 1949, sua população municipal, da séde e do interior, foi estimada em 41.000 habitantes; um ano depois, em 1950, crescera duas vezes e meia, sendo recenceadas 102.586 almas, e muitos moradores acreditam que atualmente o município deve contar 140 a 150 mil habitantes. O município possui quatro grandes núcleos populosos, verdadeiras cidades, das melhores do Norte do Paraná e que deverão ser sedes municipais, desintegrando-se de Mandaguari dentro de poucos meses: Mandaguari,

Maringá, Marialva e Paranavaí. Muitos paulistas são de opinião que Paranavaí deve representar para o vizinho Estado o mesmo papel que Presidente Prudente na Alta Sorocabana para o nosso, dada a excelência de suas terras e clima para o cultivo do algodão, ao passo que outros dizem ser Maringá a cidade melhor projetada de todo o Norte do Paraná, sendo apelidada a "Ribeirão Preto Paranaense" do futuro.

Quando se sabe que o núcleo em verdade chamado "Norte do Paraná" ha trinta anos não possuia mais de 30.000 habitantes, e hoje conta com quase a metade da população paranaense, ou cerca de 1 milhão e 200 mil habitantes, pode-se avaliar o que toda essa onda humana ansiosa de enriquecer e tornar-se independente realizou nos ultimos tempos, realizações a que nos referiremos no decorrer desta reportagem.

(11-3-1952

II

AS CONDIÇÕES ECOLÓGICAS DA REGIÃO: OS SOLOS, A TEMPERATURA E AS CHUVAS — O CLIMA DE LONDRINA, NO PARANÁ, EM COMPARAÇÃO COM O DE RIBEIRÃO PRETO, EM SÃO PAULO — AS MANCHAS DE TERRAS RUINS E AS SURPRÊSAS DOS COMPRADORES DE GLEBAS — OS RECURSOS NATURAIS

Quando se iniciaram as "aberturas" de sítios e fazendas no Norte do Paraná, não existiam muitos elementos capazes de orientar os agricultores a respeito das condições ecológicas da região. Isso porque, não existindo estradas que atravessassem a região em todos os sentidos e sendo esta inteiramente coberta de matas, a impressão causada entre os mais afoitos e que melhor conheciam a zona era que, considerando-se mais ou menos a uniformidade das matas, os solos deveriam ser em sua quase totalidade constituidos de terras roxas. Em principio, portanto, foi aceito que o Norte do Paraná apresentava uma unica e igual formação de terras roxas e sòmente deixava de ter essa constituição na região dos campos de Guarapuava, ao Sul, ou os de Castro e Ponta Grossa, a Leste. Tal princípio redundou em muito juízo errado sôbre o valor e a qualidade das terras, o que agora começa a ser admitido. Infelizmente, até o momento ninguém é capaz de dizer com exatidão quantos alqueires de terra roxa há no Norte do Paraná, nem a área de terra misturada e muito menos a área de terra ruim ou de pouca fertilidade.

Mas, antes de falar dos solos pròpriamente ditos, é preciso atentar para um fator muito favorável a toda a região do Norte do Paraná. Queremos referir-nos á excelente topografia das terras, em comparação com as regiões cafeeiras de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Normalmente, o café é ali plantado no que se chama "espigão", mas na realidade os espigões são verdadeiros chapadões, alguns dos quais contando, no sentido do comprimento, milhões e milhões de cafeeiros. Em muitos terrenos o declive é insignificante, pois apenas se acentua próximo ás vertentes, que caem para os rios, riachos e arroios. O declive é assim mesmo suave, se o compararmos com os de muitas zonas cafeeiras de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro,

onde conhecemos lavouras formadas em terras de tal inclinação, que a própria colheita se torna uma operação difícil, custosa e causa a perda de muito café ,que é arrastado pelas chuvas que surgem no período em que o café já está derriçado. É natural que uma região com topografia tão favorável não sofra tão logo os estragos da erosão. Ainda mais, os trabalhos de capina, nas terras em que os cultivos forem feitos em curva de nível, serão ainda mais fáceis, para não falar no menor custo do transporte, muito embora em matéria de custo em geral a região esteja numa situação que reclama estudo e providências rapidas, uma vez que tudo é aí bem mais caro e dificil do que nas velhas regiões cafeeiras paulistas.

Quando se iniciou o trabalho de colonização e venda de terras, tanto das pertencentes a organizações, companhias ou firmas particulares, como das devolutas ou do govêrno, um "slogan" muito divulgado era o de que o Norte do Paraná constituia a última reserva de terras "roxas" do Brasil. Hoje, sabe-se que também há manchas de terras roxas em Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina e até mesmo nos limites do Rio Grande do Sul com a Argentina. A abertura de fazendas evidenciou que regiões que se acreditavam de terras roxas eram em grande parte constituidas de terras roxas misturadas e muitas delas eram mesmo altamente arenosas, iguais ás conhecidas terras da Noroeste e da Alta Paulista e Alta Sorocabana. É bem provável, segundo se sabe agora, que no Norte do Paraná apenas 1/3 da área desbravada e por desbravar seja de terra roxa apurada. Isso não significa que o restante não seja constituido de terra fertil; mas a experiência tem mostrado que essas terras se esgotam com uma rapidez incrível, não tanto pelo arrastamento no sentido do maior declive, mas no sentido do arrastamento dos elementos fertilizantes — que se encontram na superficie fixados pela matéria orgânica — para muitos metros de profundidade, onde as raízes das plantas não penetram. É o que se denomina em agronomia — a lavagem dos solos — que se difirencia da erosão, porque esta última é o arrastamento da matéria orgânica e dos elementos fertilizantes do solo no sentido do maior declive, com as enxurradas atulhando os rios, arroios e vertentes. Nessas terras roxas muito misturada com areia, ou nas tipicamente arenosas, os efeitos maléficos da queimada, logo após a derrubada para "limpar" o terreno e facilitar o plantio do café, é de tal forma prejudicial que quatro ou cinco anos depois dessa operação já se notam nos caminhos e estradas, mormente nas partes de ligeiro declive, uma camada de areia pura desagregada completamente por falta de matéria orgânica e que rapidamente vai tomando conta dos carreadores. Agora, vinte ou trinta anos depois do desbravamento, na zona que começa em Bauru e vai pela Noroeste, Paulista e Sorocabana, existem imensos areais, ás vezes cobrindo distritos inteiros, onde, em locais que em outros tempos foram florestas de frondosas árvores, imperam as manchas arenosas, como a querer antecipar o começo de um deserto. Não é outra a impressão que se tem ao atravessar a região de Porecatu, Jaguapitã, Centenário do Sul, Paranavaí e tantas outras. É certo que aí o fenômeno não tem a mesma intensidade do do Oeste paulista, pois, trata-se de zonas recém-desbravadas, mas ele não deixa dúvidas quanto a seu caráter

para quem está acostumado a observar com cuidado. Parece-nos que sòmente a adoção de certas medidas — tais como a obrigação, por parte de cada proprietário, de reservar de 10 a 15 por cento das suas terras com as matas primitivas, o estudo de um sistema que permita realizar a derrubada sem necessidade de promover a queimada, bem como a introdução de práticas de conservação, especialmente as capazes de evitar a erosão e o arrastamento da matéria orgânica — seriam capazes de evitar esse mal, que os formadores de fazendas no Norte do Paraná deviam ter em mente com a experiência paulista, mineira, fluminense e que tão caro custou aos recursos naturais das antigas e melhores regiões cafeeiras do Brasil.

A própria terra roxa apresenta varios graus de mistura, mas a terra roxa apurada do Norte Paraná é sem duvida de fertilidade e riqueza inigualáveis. A terra roxa apurada ou legítima é o resultado da decomposição das rochas diabásicas. Estas terras — de acordo, aliás, com a opinião do agrônomo J. E. Paiva Neto, do Instituto Agronômico de Campinas — "quando novas ou virgens, possuem propriedades físicas não demonstradas por qualquer outro tipo de solo. São bem arejadas, não são adensadas, de forma que as raizes não encontram obstáculos para se desenvolverem geocentricamente, sobretudo o "pião", e assim vão buscar água a grandes profundidades. Esse solo possui extraordinária porosidade, e em varios lugares a terra roxa legítima alcança 10 metros de profundidade, sem que se encontre rocha viva. Também no que se refere á rapidez com que as plantas aproveitam a fertilidade daquelas terras, os solos em questão são talvez os melhores do mundo.

O teôr em matéria orgânica pode subir acima de 7 por cento e o indice pH é da ordem de 6,5-7,0".

O valor das terras roxas do Norte do Paraná tem sido confirmado pelas análises promovidas tanto em Curitiba, no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnologicas, como no Instituto Agrônomico de Campinas, que colabora com o primeiro no exame de terras e outros estudos. Algumas terras roxas do Paraná deram 9,9% de matéria orgânica, e sua riqueza química em fósforo, azôto, potássio e cálcio foi de tal ordem que um dos relatórios da Secção de Agrogeologia do I. A. de Campinas diz: "É interessante notar a elevada riqueza química de uma das amostras de terras roxas do vizinho Estado. Estas análises de terra roxa, do Estado do Paraná, vão servir-nos para futuras comparações, não só sôbre o tipo de solo em si, mas dos processos de análises por nós usados e aplicados a esses solos". E assim é de fato. Tanto em Londrina, na região da estrada que vai para Maringá, como numa parte do município de Campo Mourão e em vários outros que agora começam a ser intensamente desbravados, há uma faixa de terras roxas legítimas, de tão alto valor que, sem favor, podem ser consideradas superiores às férteis terras da Ucrania, na Rússia, às da província de Buenos Aires, na Argentina, ou às de alguns distritos tritícolas do Canadá. São, assim, unicas no mundo.

Essa diversidade de solos, alguns dos quais figuram entre os melhores do mundo, outros regulares e vários deles maus e mesmo péssimos, causou grande supresa a compradores de terras que, em São

Paulo e outras regiões do Brasil, adquiriram terras "no mapa", e não se abalançaram a ir até o local onde estava demarcado o "lote" para examinar sua qualidade, ou pelo menos, os seus padrões. Mas mesmo os que tal fizeram não tiveram dificuldades em desfazer-se dos lotes com grande lucro e ir mais adiante ou mesmo para trás, empregar seu capital no alto negócio que é a valorização constante das terras no Norte do Paraná.

Mas se as terras ou os solos são tão adequados ao cultivo do café, será que o clima também se mostra tão favoravel?

Tudo indica que sim, pois, tanto a temperatura quanto a chuva têm permitido que a lavoura de café que ali se ampliou de uns 25 anos para cá produza as maiores safras do Brasil, considerados os rendimentos por mil pés. Mas, antes de prosseguir nesta análise climática, façamos uma comparação entre a temperatura média e a chuva caida nos diferentes meses do ano, em Londrina, atual centro do Norte do Paraná, quanto à produção, e as de Ribeirão Preto, em nosso Estado, outrora centro por excelência da lavoura cafeeira não sómente em São Paulo, mas no Brasil.

	Ribeirão Preto		Londrina	
Meses	Temp. média	Chuva	Temp. média	Chuva
Janeiro	23,5.o	273	25,9.o	202
Fevereiro	23,9.o	188	25,9.o	198
Março	23,4.o	170	24,6.o	135
Abril	21,9.o	87	22,8.o	73
Maio	19,0.o	39	20,3.o	76
Junho	17,8.o	40	18,3.o	84
Julho	17,6.o	20	17,9.o	56
Agosto	19,2.o	26	20,8.o	60
Setembro	21,5.o	68	20,9.o	88
Outubro	22,8.o	115	23,6.o	138
Novembro	23,4.o	160	24,1.o	136
Dezembro	23,5.o	229	25,5.o	174

Como se vê, há estranha semelhança entre a temperatura média de Ribeirão Preto e a de Londrina. Apesar desta última cidade estar bem mais ao Sul, ou seja, exatamente a 23º 18' 39" de latitude Sul, a 610 metros de altitude sobre o nível do mar, e de Ribeirão Preto estar a 21º 10' da mesma latitude e a 540 metros de altitude, a temperatura média de Londrina, com exceção do mês de setembro, é superior à de Ribeirão Preto. A chuva média em Ribeirão Preto, num período de observação de 40 anos, atinge 1.415 milímetros, enquanto em Londrina, para um período de 21 anos de observação, a média é de 1.385, pràticamente equivalente, como se vê. Cabe atentar para o fato de, em Londrina, as chuvas serem mais bem distribuidas do que na capital cafeeira paulista, com maiores precipitações nos meses de inverno, de abril a agosto, fato que, se de um lado favorece o desenvolvimento foliar e prepara o cafeciro para as floradas, de outro, prejudica os trabalhos de colheita e secagem, que requerem tempo seco. Anos muito chuvosos

em Londrina foram os de 1932, com 1.853 milímetros de chuva; o de 1941, com 1.915 mm; e, finalmente, o de 1946, quando o pluviometro registrou 1.800 mm. O ano de 1946 foi devéras úmido em grande parte do Norte do Paraná, tendo sido registrado em Mandaguari um recorde de precipitação de 2.156 milímetros; nesse mesmo ano, choveu em Mandaguari, no mês de fevereiro, nada menos de 439 milímetros, ao mesmo tempo que em Londrina era registrada a maior chuva verificada num mês, com 459 milímetros, cabendo ressaltar que se tratava do mês de fevereiro, que tem apenas 28 dias. O ano mais seco do Norte do Paraná, desde que se iniciaram ali as observações em várias localidades, foi o de 1949, com as seguintes precipitações em quatro localidades: Londrina, 990; Rolândia, 802; Mandaguari, 1.197 e Maringá, 1.152. Nesse ano, muitos moradores da região atribuiram a falta de chuvas às derrubadas que já se faziam num rítmo como jamais se vira até então. Com solos, temperatura e chuvas favoráveis, apenas um fator adverso tira o sono de muitos lavradores e ameaça todo ano as lavouras que cada vez caminham mais para o Sul, destruindo ao mesmo tempo a capa protetora constituida pelas matas virgens. Esses fantasmas são as geadas, as temperaturas baixas e os ventos frios. Temperaturas de 0,0 grau têm sido registradas tanto nos meses de junho e julho, quanto em maio. Anos de temperaturas menores de 0 grau foram os de 1942, 1946 e 1948, quando a temperatura baixou bruscamente no mês de maio e se manteve relativamente baixa até agosto. Como se sabe, o ano de 1942 foi o da última grande geada, que destruiu milhões de cafeeiros, tanto em São Paulo quanto no Paraná. Em compensação, de 1943 a 1945 a temperatura mínima na região de Londrina foi de 4,5 graus. (12-3-1952)

III

DESPERDÍCIO DOS RECURSOS NATURAIS DA REGIÃO — O HOMEM E O PRIMEIRO TRABALHO DE COLONIZAÇÃO — O PLANO DOS INGLESES DA ANTIGA COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ — CONTRIBUIÇÃO DOS FAZENDEIROS PAULISTAS — EXTRAORDINÁRIA AFLUÊNCIA DE NORDESTINOS

É pena que numa região como a do Norte do Paraná, verdadeira reserva de terras férteis, o desperdício dos recursos naturais atinja as proporções que ali se observam. Depois de uma chuva, quem vôa sobre a região nota a diferença entre a água que procede de rios que apenas atravessam matas e as águas escuras e vermelhas que vêm das zonas das derrubadas. São os nossos melhores solos que correm para o rio Paraná, sendo por êste levados para enriquecer a Mesopotamia argentina, região que, como se sabe, é formada pela aluvião transportada pelo rio Paraná e oriunda de derrubadas que há mais de três séculos vêm sendo feitas primeiro no Brasil Central e agora nos Estados do Sul. Também é de tristeza a impressão que se tem, ao ver recursos naturais, como as melhores madeiras do Brasil, apodrecerem no meio de lavouras recém-formadas ou serem destruidas pelas queimadas, que inutilizam toras de cedro, peroba, canela, timboril, canelão e tantas outras, muitas

das quais levaram vários séculos para formar-se, e que o machado não respeita e o fogo aniquila. São milhões de cruzeiros que, em cada zona, sob a alegação de falta de transporte, são assim destruidos, sem que ninguém cogite de pôr em prática métodos de exploração menos bárbaros e rotineiros. Hoje, no interior do Paraná, em locais mais acessíveis, como Rolândia, um metro cúbico de cabreuva já preparada custa nada menos de Cr$ 4.000,00, quando há um ano custava a metade. Cêrca de Cr$ 2.500,00 é o preço oferecido por um metro cúbico de cedro, canela ou timboril. No entanto, 100 quilômetros adiante dessa localidade, a mesma madeira é queimada e destruida, quando toda ela poderia ser racionalmente aproveitada. Êsse é talvez o maior crime que se comete contra os recursos naturais do País. Até quando os govêrnos federal e estadual permanecerão indiferentes diante da situação? É indispensável que se encontre uma fórmula capaz de, sem impedir a formação de lavouras de café, proteger as riquezas naturais do solo paranaense.

*

Como já dissemos, o primeiro e mais antigo trabalho de colonização do Norte do Paraná deve-se aos missionários espanhois, fundadores das reduções em que, segundo a história, cêrca de 100.000 índios convertidos passaram a viver, "em grandes povoações, sob um regime organizado e pacífico, recebendo ensinamentos religiosos de catequese e rudimentos de agricultura e até de indústria". O que foi êsse primeiro trabalho de colonização, iniciado em 1610, pode ser avaliado hoje, três séculos e meio depois, visitando-se as ruinas de Guaira, Jesus Maria, São Tomé, Arcanceles, Santo Antonio, São Miguel e outras. Depois, a região caiu no abandono. Sòmente em 2 de janeiro de 1851 foi decretada a fundação, no atual município de Jataizinho, da Colônia Militar, que, mais tarde, prestou valioso auxílio aos trabalhos de transporte de tropas para a guerra do Paraguai, servindo, além disso, de centro de ligação com os índios que vagavam pelas matas próximas e incentivando a produção, em suas terras, de vários alimentos, inclusive o café. Foi sòmente há trinta e poucos anos, no entanto, que alguns lavradores paulistas, entre outros os Barbosa Ferraz e os Ribeiro dos Santos, começaram realmente a revelar ao Brasil e ao mundo as grandes possibilidades dessa região, para cujo desenvolvimento o único empecílho era a falta de capitais que permitissem a construção de estradas para o transporte fácil e rápido das colheitas do café, milho, arroz, feijão, algodão etc.

Essa dificuldade começou a ser vencida graças à iniciativa de lorde Lovat, que fundou em Londres a "Brazilian Plantations Sindicate Ltd.", subdividida, como vimos, em duas companhias brasileiras, uma de colonização e outra de transportes. Lorde Lovat, que havia organizado e dirigido no Sudão uma organização similar e adquirira enorme experiência nesse tipo de trabalho, convidou para superintender a iniciativa o sr. Arthur H. M. Thomas, que também no Sudão se destacara na administração de uma fazenda. Esse técnico chegou ao Brasil em junho de 1924. Em seus primeiros anos de vida, a organização inglesa tentou o cultivo do algodão nas proximidades de Cambará,

dada, talvez, a longa experiência que seus técnicos e diretores tinham nesse terreno, mas apesar de todos os esforços, o êxito não compensou o trabalho e o cultivo dessa fibra foi abandonado. Foi então que a "Brazilian Plantations S. L." adquiriu do govêrno do Paraná seus primeiros trezentos e cinquenta mil alqueires de terras, mais tarde ampliados para uma área aproximada de 515.000 alqueires paulistas. Em 1944, as ações da Companhia pertencentes a capitalistas ingleses passaram para um grupo de brasileiros. Desde a sua fundação, a Companhia vendeu 380.000 alqueires, subdivididos, aproximadamente, em 26.000 lotes rurais, representando a área média de 15,6 alqueires por unidade. Segundo estimativas dessa mesma fonte, em cada lote vivem em média 4 famílias, tendo sido, portanto, introduzidas na área por ela primitivamente administrada cêrca de 100.000 famílias, no total de 400.000 pessoas mais ou menos.

O sistema de colonização estabelecido pelos ingleses e até hoje observado foi o de subdividir as glebas e vender três categorias de lotes ou terrenos: 1.º) — sítios e fazendas de 5 alqueires para cima; 2.º) — chácaras, ao redor das cidades e vilas, com a área máxima de 5 alqueires paulistas; 3.º) — lotes para residências (ali chamadas "datas") nas cidades fundadas pela companhia, com 500-600 metros quadrados cada um. Os sítios, fazendas e chácaras são vendidos a prazo não maior de 5 anos e todos êles são perfeitamente demarcados e medidos. Com essa orientação, começou o amplo trabalho de formação de lavouras de café na parte hoje mais progressista da região, tendo sido inicialmente construida uma sede de madeira "numa clareira da mata virgem, em cuja vizinhança surgiu uma povoação, hoje a importante cidade de Londrina, cuja breve história constitui um romance de progresso, crescimento vertiginoso e prosperidade". De Londrina, irradiaram-se as estradas, à medida que as terras eram loteadas e vendidas. Fazendas, sítios e chácaras começaram a surgir como cogumelos. Da mesma forma, as povoações, em pouco transformadas em cidades progressistas, como Cambé (ex-Nova Dantzig), Rolândia, Arapongas, Apucarana, Jandaia, Mandaguari, (ex-Lovat) e Marialva. Mesmo entre as cidades mais distantes, há pelo menos uma vila ou povoado cada 15 quilômetros.

Paralelamente, outras organizações adquiriram terras do govêrno do Paraná e iniciaram também a venda de lotes, em condições semelhantes e até com mais facilidades para os povoadores; e então, numa área de 2 milhões de alqueires, surgiram patrimônios, tendo por centro pequenos povoados, que são hoje verdadeiras cidades ou caminham ràpidamente para isso. É o caso de Sertanópolis, Cornélio Procópio, Bandeirantes, Jaguapitã, Porecatu, Centenário do Sul, Paranavaí, Campo Mourão, Bela Vista do Paraiso e tantas outras localidades, muitas fundadas há menos de 4 anos e atualmente já com aspectos de velhas cidades, com um movimento e vida como não se vê em centros muito mais populosos por este Brasil afora. Muita gente comprou áreas de 500, 1.000 e até mais alqueires e, necessitando de pessoal para promover as derrubadas e a formação de cafèzais, veio a princípio buscar trabalhadores em São Paulo, em zonas mais próximas como a Sorocabana e a Paulista. Saiam os caminhões do Norte do Paraná com mercadorias, especialmente arroz e feijão, e, na volta, despendiam todo o dinheiro

resultante da venda desses produtos no recrutamento de pessoal. Aos poucos, muitas pessoas passaram a dedicar-se exclusivamente a esse mister, estendendo seu ráio de ação até Minas Gerais e Rio de Janeiro. Finalmente, outros partiram para o Norte e o Nordeste e lá embarcavam magotes de gente nos navios costeiros, para Santos ou Rio de Janeiro, de onde eram encaminhados para o Norte do Paraná. Trabalho aliás semelhante ao que se fazia para os trabalhadores nordestinos que se destinavam a São Paulo. A nova estrada de rodagem Rio-Bahia e as dificuldades econômicas do Nordeste brasileiro facilitaram sobremodo o aliciamento de gente, vivendo os jornais cheios de notícias sobre intermináveis caravanas de caminhões, alguns transportando 70 pessoas, que atravessam o Brasil rumo ao Norte do Paraná... Toda essa gente, ao chegar à nova Méca do café, entra imediatamente em ação e como que desaparece no meio do turbilhão de trabalho das derrubadas e da formação de novos cafèzais. (13-3-1952)

IV

OS SALÁRIOS DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS. A INFLUÊNCIA DOS PAULISTAS NO DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO — AFLUXO DE TRABALHADORES DE TODO O BRASIL E DE DIVERSOS PAISES ESTRANGEIROS — VALORIZAÇÃO DAS TERRAS

Referimo-nos, na reportagem anterior, á enorme anfluência de trabalhadores nordestinos e de outras regiões brasileiras ao Norte do Paraná. Em média, um trabalhador ganha atualmente ali salários de Cr$ 40,00 por dia, livres, de modo que será dificílimo criar barreiras que impeçam os desempregados de outras zonas de acorrer a uma região em que não faltam dinheiro nem oportunidade de ganhá-lo. Os exemplos de pessoas que ali enriqueceram se contam, com efeito, ás centenas e milhares.

Geralmente, esses trabalhadores vão trabalhar no Norte do Paraná como assalariados a tanto por dia, ou nas empreitadas, em que começam como "piões", nome dado a qualquer trabalhador nas derrubadas ou formação de lavouras; depois, adquirindo pratica e habilidade, passam a "gatos", ou seja, empreiteiros de serviço.

A influência paulista é enorme em toda a região, havendo zonas em que todas ou que todas as terras foram adquiridas por fazendeiros, industriais e comerciantes de São Paulo, seja para formação de lavouras, seja para negócios, com a venda, tempos depois, das terras em lotes menores. Revelou-se esta uma das melhores transações que se conhecem no Brasil, dada a impressionante valorização daquelas terras.

Vale a pena apreciar em Londrina, Maringá e outras cidades o trabalho dos vendedores de lotes, e os milhares, até milhões de cruzeiros que alguns deles ganham em apenas uma semana ou um mês de atividade. Criou-se, mesmo, um linguajar característico que todos usam correntemente. E numa bolsa de imóveis, como não ha outra tão febril no País, os preços das terras do Norte do Paraná se vão elevando de tal forma, que serão imensos os prejuízos dos compradores se um contratempo qualquer determinar a queda das cotações do café. Hoje, um alqueire de terra coberta de mato e própria para café, bem distante das ci-

dades e em lotes de mais de 50 alqueires (pois nas proximidades dos centros urbanos a valorização é terrivelmente maior), é vendido, nas regiões de Londrina, Jandaia, Centenário do Sul, Maringá e Porecatu, por preços que vão de Cr$ ..... 12.000,00 a Cr$ 15.00,00; em Campos Mourão e Paranavaí, região já mais distantes, as terras alcançam de Cr$ 6.000,00 a Cr$ 10.000,00 o alqueire; e, finalmente, em locais denominados "boca do sertão", como as glebas de Cruzeiro, no município de Nova Iguaçu, ou Goyo-Erê, município de Campos Mourão, já não se encontram lotes a menos de Cr$ 4.000,00 o alqueire e muitas já estão acima de Cr$ 8.000,00. A obra destes novos bandeirantes é bem maior que os grandes planos de cultivo de plantas tropicais como o café, o algodão e o amendoim, em que se empenharam profundamente os ingleses e os franceses nas colônias africanas. Apesar de contarem com recursos formidaveis, muitas emprêsas inglesas e francesas se consideram malogradas. No Norte do Paraná, não. Tanto o café como o milho, o arroz e o algodão, e mesmo o amendoim e a batata, são culturas vitoriosas e sòmente o preço nos mercados nacionais ou externos poderá constituir obstáculo a um desenvolvimento maior nos anos vindouros. Se não sobrevier esse obstaculo, a produção será, sem duvida, excepcioal, sem paralelo em qualquer outra zona.

Há também na região forte colonização estrangeira, que se vem ampliando há quatro ou cinco anos com a entrada de milhares de deslocados de guerra. Em qualquer distrito, vêem-se japoneses, alemães, espanhois, portugueses, italianos, austriácos, húngaros, poloneses e suiços. Um levantamento estatístico feito há mais de dez anos provou que 47,2% dos lavradores que se dirigiam para o Norte do Paraná a fim de comprar terras eram estrangeiros, oriundos de 33 paises, constituindo os japoneses, italianos, alemães e espanhois cerca de 30,9% do total. O número de Japoneses aumenta dia a dia, e varios deles, que tiveram a sorte de transferir-se para o Norte do Paraná há dez ou mais anos, comprando terras ou formando fazendas, são hoje detentores de grandes fortunas. Vários filhos do Imperio do Sol Nascente compraram terras e preparam-nas de tal forma que, nos ultimos três anos, suas propriedades, seja pela extensão da area, seja pelo número de cafeeiros, seja pela boa localização, vêm duplicando e mesmo quintuplicando de valor todos os anos; dessa forma, seus proprietários tornaram-se arquimilionários com incrível rapidez. Não é por outra razão que se explica o fato de sòmente a renda de ingressos (a preços mais elevados que os cobrados em qualquer competição esportiva em São Paulo e Rio de Janeiro) para as exibições dos chamados "peixes voadores", na piscina do Country Club de Londrina, ter coberto as despesas da construção dessa piscina, avaliada em cerca de Cr$ 500.000,00. Tal renda foi obtida numa unica exibição dos celebres nadadores japoneses.

Mas o que muita gente ignora é que uma grande massa de agricultores também se desloca de Santa Catarina e Rio Grande do Sul para o Norte do Paraná. Há agora caminhões, ônibus e jardineiras que fazem um serviço ininterrupto entre as chamadas zonas coloniais catarinenses e gauchas e o Norte do Paraná. Em Londrina, conversamos com um sul-rio-grandense que vai de 15 em 15 dias ao seu Estado buscar gente para a nova Canaã; afirmou-nos ele que sòmente em 1950-51, mais de 12.000 familias venderam suas propriedades em Palmeiras, Erechim, Santa Rosa, Caxias, Lagoa Vermelha, Alfredo Chaves e outras zonas do Norte do Rio Grande do Sul a fim de se transferirem para o Norte do Paraná, cuja força de atração é tal que, na opinião do referido gaucho, outras 50.000 famílias sul-rio-grandenses, pelo menos, tomarão idênticas resoluções nos proximos

dois anos. A unica dificuldade está no seguinte: na zona colonial do Rio Grande do Sul, cada colono possui de 25 a 50 hectares de terras, com boa sede, por isso sòmente poderá lançar-se rumo ao Paraná depois de vender suas terras e propriedades.

O problema dos trabalhadores agrícolas que vão de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Nordeste e, mais recentemente, de Santa Catarina e Rio Grande do Sul para o Paraná começa a preocupar os govêrnos federal, estaduais e municipais. Já um jornal gaucho afirmou que na região de Santa Rosa, em menos de seis meses, um distrito inteiro ficou despovoado ! Como impedir — discute-se — tal exodo? A resposta, um tanto irônica, deu-nos um lavrador paulista já aclimado no Norte do Paraná: "Aqui não temos receio do exodo. O Norte do Paraná está livre a todos os aliciadores de gente. As portas estão abertas; quem tiver terras melhores venha aqui buscar gente á vontade... Resta apenas saber se ela irá!"

Para nós, a solução do problema está em criar condições de trabalho idênticas em todo o interior do País, e não sòmente na constituições de comissões disto ou daquilo, inoperantes do ponto de vista da recuperação e restauração das terras agrícolas, incapazes, portanto, de evitar a migração. Se não cuidarmos disso, só o Norte do Paraná, no Brasil, continuará atraindo o trabalhador nacional e o imigrante estrangeiro. Essa é que é a verdade.

(14-3-1952)

V

A ROTINA CONTINUA ENFRENTANDO A TÉCNICA — POUCO EVOLUIRAM OS MÉTODOS DE CULTIVO DO CAFEEIRO — A DERRUBADA E A QUEIMADA — O PLANTIO EM CURVAS DE NÍVEL CONSTITUI UMA EXCEÇÃO

Quem, conhecendo a cultura cafeeira de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo, visita o Norte do Paraná e observa suas lavouras, sejam as de trinta anos, sejam as recentemente formadas, nota imediatamente que a secular experiência adquirida sobre o plantio dessa valiosa rubiácea pouco ou nada valeu aos fundadores das fazendas que se vêm abrindo ali, em número impressionante, principalmente nestes últimos anos. Notam-se graves erros de técnica nessa nova região cafeeira, tanto no sistema de plantio como no espaçamento, tornando-se visível o desconhecimento das pesquisas realizadas nos últimos tempos a respeito, por exemplo, da adubação e do combate á erosão, bem como das recentes diretrizes traçadas pelos trabalhos experimentais efetuados no Brasil e no estrangeiro com o fim de permitir a mecanização da lavoura. Mecanização indispensavel, senão no início da derrubada antes do destocamento do terreno, pelo menos no futuro, para a limpeza dos carreadores e ruas dos cafèzais.

Para que se tenha uma idéia de como o sistema de plantio e cultivo do café permaneceu, nos ultimos trinta anos, estacionário naquela região, vamos reproduzir aqui trecho do relatório que o agrônomo do antigo "Serviço de Inspeção e Fomento Agrícolas", do Ministerio da Agricultura, elaborou em 1922 sobre essa lavoura no Norte do Paraná:

"A variedade mais apreciada na zona cafeeira do Estado é a "Crioula" ou "Comum", devido á sua rusticidade, boa produção, vita-

lidade da planta, não podendo competir com ela as outras. Entretanto, cultivam-se também as seguintes variedades: Bourbon, Java e Botucatu. As terras preferidas são, de um modo geral, as chamadas terras roxas, raramente os fazendeiros plantam em outras terras. O terreno que se destina ao plantio do cafeeiro é geralmente coberto por matas virgens, precisando ser submetidos ás seguintes operações: roçagem, derrubada e queima. Uma vez limpo o terreno, procede-se ao destocamento, com o fim de facilitar a ãbertura das covas. São raríssimos os agricultores que fazem viveiro para obtenção de mudas. Neste caso, as mudas são retiradas para o plantio definitivo quando atingem uma altura de 25 a 30 cm, operação que se realiza geralmente em junho ou agosto. Escolhem-se para o plantio as mais desenvolvidas do viveiro, eliminando-se pequena porção do sistema radicular. Mas, exceto em raríssimos casos, a plantação do cafeeiro é geralmente feita no lugar definitivo. Em regra, o agricultor do Norte do Paraná planta as sementes em covas abertas no terreno, geralmente de 50 x 40 cm. Empregam-se de 5 a 10 sementes em cada cova; depois de germinadas, faz-se o desbaste, eliminando-se as plantas raquíticas e defeituosas, de modo a ficarem em cada cova apenas 4 das melhores. O espaçamento entre um e outro cafeeiro é de 4 metros e 40 centimetros. Quando a plantação é feita com mudas de viveiros, procura-se resguardá-las contra os raios do sol por meio de pequenos abrigos construidos com achas de madeira. No inverno, quando a temperatura baixa muito, esses abrigos são cobertos com palha. Os colonos ou empreiteiros plantam no meio do cafèzal em formação: no primeiro ano, milho, á vontade; no segundo, duas carreiras de milho, entre as ruas do cafèzal; no terceiro, uma carreira de milho e, no quarto ano, sómente 2 carreiras de feijão".

Percorrendo agora muitas zonas onde as derrubadas para formação de fazendas de café se processam com grande intensidade, verificamos que só no que diz respeito á variedade e escolha de sementes, os lavradores do Norte do Paraná realizaram notável progresso. Mas, dada a sua importância, deixaremos este assunto para ulterior comentário.

As covas são agora mais rasas, em média de 50 cm de lado por 30 e até 25 cm de profundidade. Ora, a experiência de nossas estações experimentais tem provado que as covas devem ser ainda mais profundas do que as antigamente usadas. "As covas grandes — aconselha a divisão de Fomento Agrícola, da Secretaria da Agricultura de São Paulo — oferecem melhores condições de proteção ás mudas. Elas devem ser de 50x50x50 cm. Da mata derrubada, deve-se aproveitar tanto quanto possível a madeira de lei, não se fazendo a queimada, pois assim se evita a perda de grande quantidade de matéria orgânica do solo. Se for impossivel evitar a queimada, dado o atravancamento do terreno, então convirá atear o fogo após uma chuva, para que a queima tenha apenas o papel que se lhe quer dar: o de eliminadora do excesso de tranqueira existente".

Além disso, vem-se fazendo no Norte do Paraná muita economia de sementes, do que resulta excessivo número de falhas. Numa das fazendas que visitamos, o número de falhas atingiu a proporção de

25%, com os graves prejuízos disso decorrentes. O respectivo empreiteiro e o proprietário atribuem a várias causas essas falhas. Na realidade, porém, haviam sido colocadas em cada cova apenas oito sementes em média. Em São Paulo, para terras novas, na semeadura direta, vem sendo aconselhado pelo Instituto Agronômico de Campinas o emprego de 20 sementes por cova, em duas linhas de 10 sementes cada uma. Ùltimamente, há quem recomende também, o uso de 20 sementes, mas distribuidas em círculo junto ás paredes da cova, por ser assim mais facil, no desbaste, deixar quatro ou seis mudas perfeitamente distanciadas umas das outras, o que permite a boa formação de troncos não muito desenvolvidos mas bem equilibrados e não tão juntos uns dos outros, como se vê, aliás, em alguns cafèzais não sòmente no Norte do Paraná mas em outros Estados. Em geral, um quilo de café em pergaminho dá em média 6.000 sementes, e como no Norte do Paraná uma boa semente selecionada está custando cerca de Cr$ 60,00 o quilo, não há razão para economizá-las no plantio, pois a má germinação acarreta prejuízos muito maiores.

Mas o pior é o sistema de alinhamento. Não fossem o milhão e meio de cafeeiros plantados em curva de nível em parte das fazendas do sr. Geremia Lunardelli, os 400.000 — dentro do milhão ali existente — e que também obedecem a essa moderna prática de cultivo da Fazenda Maragogipe, de Presidente Ferreira, Comissária e Agrícola S.A., e mais alguns em outras propriedades onde se procurou fazer frente á rotina com a adoção da melhor técnica até hoje conhecida, poder-se-ia afirmar que no Norte do Paraná todos os cafèzais foram alinhados em quadrados, mais para facilitar a ação destruidora das águas do que para levantar empecilhos á erosão. Dizer que o atravancamento de tanta madeira impossibilitava a marcação das covas em curvas de nível, como muitos alegam, é querer resolver o problema do modo mais cômodo, pois existem os exemplos, que citamos, de lavouras formadas em curvas de nivel, e em terras onde a quantidade de madeira e os restos das derrubadas nada ficavam a dever ás dos seus vizinhos.

Examinaremos amanhã outros aspectos criticáveis da forma por que se está desenvolvendo a cultura do café no Norte do Paraná.

(15-3-1952)

VI

OUTRAS DEFICIÊNCIAS DAS FAZENDAS PARANAENSES — IMPRESSÃO DE UM AGRÔNOMO PAULISTA ESPECIALIZADO EM LAVOURAS DE CAFÉ — O CUSTO ATUAL DA FORMAÇÃO DE UMA LAVOURA

Relatamos ontem a má impressão que tivemos do predominio da rotina nos trabalhos de formação dos imensos cafèzais do Norte do Paraná. Aliás foi também penosa a impressão que um dos nossos melhores agrônomos especialistas em café trouxe, há três anos, daquela região. Assim relatou ele o que viu por ocasião da visita que realizou ao Norte do Paraná:

"Toda a mata virgem do Norte do Paraná está sendo substituida por cafèzais. Mas da maneira por que está sendo explorada a terra, sua fertilidade ràpi-

damente se esgotará. A's vezes, o lavrador planta o café em terras boa mas imprópria, devido ao perigo da geada. Isso acontece porque a produto está por bom preço e a febre de plantar café contaminou a todos os que possuem terras na região. Vi milhares de cafeeiros novos, em altitude inferior a 450 metros, em terrenos de baixada. Em fertilizantes quase ninguém pensa; e muitos até estranham que se fale em adubos. Pelo menos a palha de café deveria ser devolvida ao solo, mas nem isso se faz. As máquinas de benefício, geralmente localizadas nas cidades, se vêem a braços com os montes de palha, que aumentam cada vez mais, sem que os lavradores se lembrem de puxá-la. Um número limitadissimo de propriedades está protegido contra a erosão das terras cobertas pelos cafèzais. Nas que percorri não observei nenhum cuidado de conservação do solo. Os cafeeiros são plantados pelo processo comum da derrubada e queima da mata e alinhados em quadrado. Se as ruas coincidem com o maior declive do terreno, assim permanecem, e até o tratos culturais são feitos a favor da ação destruidora das águas. A plantação intercalada segue a mesma direção e os restos de cultura são enleirados de maneira a facilitar as enxuradas. As fazendas ainda não possuem instalações para o benefício do produto. Raramente se encontra um terreiro de tijolos para receber o café. A colheita obedece ao sistema de derriça no chão e o produto segue para as sedes, onde é esparramado em terreiros de terra até a secagem completa. Muitas vezes o café fica alguns dias amontoado nos carreadores à espera de meios de transporte para os terreiros. Outras vezes, o café colhido é esparramado nos próprios carreadores para secar, pasando por cima dele os animais, os carros e as carroças. É natural que um café assim preparado tenha pessimo aspecto, seja encardido, com cheiro desagradavel, ardido e, em consequencia, de bebida dura e ruim".

Este relato, de três ou quatro anos atrás, está desatualizado em alguns aspectos, mórmente no que se refere ao numero de propriedades possuidoras de terreiro e secadores e que procuram dar à colheita e à secagem orientação mais de acordo com os conselhos da ténica. Mas o plantio obedecendo ao sistema de quadrados, e coincidindo, até, com o declive, facilitanto a erosão, é o que causa o pior impressão a quem conhece a cultura cafeeira e vai ao Norte do Paraná convencido de ali encontrar lavouras formadas com a observancia de todas as boas práticas agrícolas. É o que raramente se vê na região. Mas, conversando-se com os lavradores, chega-se à conclusão de que eles se limitam a trabalhar de acordo com o sistema ali inicialmente introduzida. É comum, porém, ouvirem-se deles perguntas, minuciosas sôbre seu problema, prova de que anseiam por melhorar. É muito frequente, por exemplo, um lavrador perguntar se a profundidade das covas que está usando é satisfatória, ou que o visitante acha do espaçamento que adotou em sua fazenda.

Por isso, acreditamos que as Casas Rurais, servidas por agronomos regionais que dispõem de "jeeps" para o seu transporte pelo Interior, feliz iniciativa do atual secretário da Agricultura do Paraná, agrônomo Lacerda Werneck, irão prestar inestimaveis serviços na uniformização das normas e sistemas da lavoura cafeeira do Norte do Paraná — realização que por si só recomenda uma administração. Quem agora atravessa o Norte do Paraná encontra pelos caminhos os "jeeps" castanhos dos agronomos regionais, com as insígnias "Secretaria da Agricultura — Casa Rural", de modo que a qualquer momento, mesmo na estrada, o agrônomo pode ser identificado e desta forma consultado pelos lavradores de toda a região sobre os diferentes e mais variados problemas que recla-

mam ajuda do govêrno. Esse processo de identificação dos veículos a serviço dos lavradores não foi ainda adotado pela Secretaria da Agricultura de São Paulo, cujos "jeeps" e outros veículos dos Departamentos de Fomento não possuem nada que os diferencie dos demais. O que vimos no Norte do Paraná representa, portanto, uma inovação util e prática. No dia em que ali se organizaram pequenas estações experimentais ou pelo menos talhões experimentais com diferentes variedades, com diferentes sistemas de cultivo, adubação, métodos de combate á erosão, ou ainda campo de demonstração nas fazendas mais acessíveis de cada zona, não ha duvida de que os lavradores, que agora têm vivido completamente sem assistência, tomarão novos rumos, com benefícios para si, para o Estado e para o Brasil.

Para completar estas informações sobre a formação de lavouras de café naquela riquíssima região, eis algumas cifras a respeito do custo medio dos trabalhos, na maioria das zonas onde se fazem neste momento derrubadas:

A derrubada de um alqueire de terras custa atualmente cerca de Cr$ ..... 2.000,00; o alinhamento Cr$ 200,00; e o coveamento ou "coveação", como dizem os empreiteiros, de Cr$ 1,00 a Cr$ 1,50 por cova, sendo em média de Cr$ 1,20. O trato, até a 1ª colheita, é cobrado á razão de Cr$ 4,00 a Cr$ 4,50 por unidade ou cova. Em média, gastam-se Cr$ 0,20 de semente por cova, pagando-se mais Cr$ 0,15 para e semeadura por cova. Isto, para os que não dão aos empreiteiros a colheita do quarto ano. Ha também os que preferem fazer um contrato de formação de lavouras á razão de Cr$1,20 a Cr$ 1,50 por cova, dando aos empreiteiteiros a colheita do 4º ano. Em outros tempos houve contratos em que a colheita dos 4º, 5º e 6º anos eram entregues ao empreiteiro, não se obrigando o proprietario a nenhuma despesa. Esse sistema foi agora abandonado, porque o preço do café é altamente compensador, sendo preferível pagar a formação, por maiores que sejam as despesas, a entregar a colheita aos empreiteiros. É norma, também, dar ao empreiteiro um rancho construido no valor de Cr$ 2.500,00 a Cr$ 3.000,00, para cada 4 mil pés a formar; ou, então, pagar Cr$ 0,60 por cova para a construção do rancho, que ficará então por conta do empreiteiro.

Com esses dados, sabendo-se o valor das terras, pode qualquer um avaliar em quanto fica a formação de um determinado cafèzal no Norte do Paraná.

(16-3-1952)

VII

NA ESCOLHA DE BOAS SEMENTES DE CAFÉ, O NORTE DO PARANA ESTA SUPERANDO SÃO PAULO — INSTRUÇÃO DAS MELHORES LINHAGENS NAQUELA REGIÃO — AINDA O DISCUTIDO PROBLEMA DAS VARIEDADES — O CAFÉ SUMATRA AMEAÇA O BOURBON

Os primeiros cafeeiros plantados no Norte do Paraná eram, ao que parece, da variedade Comum ou Nacional. Há pouco tempo, um lavrador de Londrina escreveu á Secretaria da Agricultura de São Paulo dizendo possuir uma lavoura cuja idade devia estar perto dos cem anos. O agrônomo Mario Moreira Martins, da Divisão de Fomento Agrícola, que foi ver essa lavoura, descreveu-a da seguinte forma:

"Em companhia do sr. Miguel Prefeito, proprietário do sitio São Miguel, fomos até Jataizinho, nas barrancas do rio Tibagi, observar esse velho cafèzal, que se dizia abandonado dentro da mata. Mas os cafeeiros mencionados não se encontra-

vam pròpriamente dentro da mata. Encontramos diversas ruas com um total de 80 plantas, abandonadas dentro de uma capoeira de capim catingueiro e outras arvoretas, não se encontrando nesse local árvores frondosas. Alguns tocos, porém, indicavam que ali existiu mata. Contou o proprietário que roçara e queimara a capoeira em 1945 para plantar milho, como de fato se provava com os restos de cultura ali existentes. Mais tarde, semeou capim catingueiro para formar uma invernada. Os cafeeiros estavam feios, bem amarelados, com o aspecto de lavoura abandonada e quase sem frutos. Mais adiante, bem próximo á barranca do rio Tibagi, havia mais um certo número de cafeeiros, estes bem formados e carregados, igualmente fora da mata.

A história desses cafeeiros foi contada da seguinte maneira: durante a guerra do Paraguai, D. Pedro II, de passagem para o Sul, aquartelou em Jataizinho, nas margens do rio Tibagi. Mais tarde, fez doação dessas terras a alguns dos seus soldados, os quais, com o término da guerra, ali foram abrir fazendas e plantar café. Uma pessoa nascida na região, de 64 anos, informou que esses cafeeiros deviam ter uns 20 anos mais do que ele. Encontram-se no local as ruinas de uma casa, tapera da antiga sede, e laranjeiras velhas. Os cafeeiros da variedade Nacional apresentam avançada idade, talvez bem mais de 80 anos. A altitude da região andará pelos 450 m, talvez um pouco menos. A geada não deu cabo desses cafeeiros pelo fato de estarem bem próximos do rio Tibagi, portanto em zona protegida pela neblina. No mesmo sítio foi encontrado um cafeeiro com tronco de 12 a 15 cm e que crescera muito — 4 ou 5 metros de ultura — e depois, com o próprio peso se inclinou para o lado até tocar o chão, posição em que o encontrei. As cerejas desse cafeeiro eram bem grandes e redondas. Colhi alguns frutos e notei que muitos deles, algumas horas após a colheita, apresentavam uma rachadura no meio, por onde exudava o líquido ou suco".

Como se vê pela descrição desse cafèzal, talvez o mais antigo que se conhece no Norte do Paraná, todos os cafeeiros (com exceção do último, de frutos grandes e redondos), eram da variedade Nacional ou Comum, que, em outros tempos, constituiu o forte das lavouras brasileiras. Dela se originaram outras variedades nacionais e mesmo estrangeiras. Há trinta anos, ainda era o cafeeiro Nacional, segundo relatório de um técnico do Ministério da Agricultura, a variedade mais apreciada pela sua rusticidade, boa produção e vitalidade, não encontrando competição por parte de outras variedades já cultivadas e que eram, segundo a mesma fonte, o Bourbon, o Java e o Botucatu.

Com o tempo, a variedade Bourbon, introduzida em São Paulo por Luis Pereira Barreto, que em 1875 trouxe semente de sua fazenda Monte Alegre, em Rezende, para uma fazenda que abriu em Cravinhos, então no município de Ribeirão Preto, passou também para o Paraná. É bem provável que logo que a Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná — antiga Companhia de Terras Norte do Paraná — passou a vender lotes para a formação de fazendas de café, o plantio da variedade Bourbon tenha superado o de qualquer outra. Conversando com lavradores e técnicos que conhecem perfeitamente a região, pudemos concluir que hoje as lavouras paranaenses são constituidas, inclusive as novas plantações, de 88% da variedade Bourbon, 7% da variedade Sumatra e 5% das outras três variedades cultivadas, ou seja, o Nacional, o Caturra e o Maragogipe. É muito possivel, diante dos resultados alcançados tanto em São Paulo quanto no Paraná, que, nos proximos anos, as variedades de côr amarela, isto é, o Bourbon amarelo, e mesmo o Amarelo de Botucatu, venham a ter certa preferência naquela região.

A procura de café Bourbon, especialmente das linhagens do Instituto Agronômico de Campinas, acentuou-se de forma extraordinária nos últimos cinco anos. Já em 1948 o "Estado" comentava esse fato, dizendo: "Dado o interesse existente pela formação de novas lavouras, as sementes do café Bourbon selecionado estão tendo uma aceitação que as melhores sementes jamais alcançaram em qualquer período da história cafeeira paulista. Do Estado do Paraná têm vindo compradores que procuram saber onde há lavouras formadas com essas novas linhagens, para adquirir toda a colheita, despolpá -la e levá-la para o Estado vizinho, onde há compradores para qualquer quantidade de sementes. O fato evidencia um aspecto progressista da lavoura de café do Paraná, onde se procuram formar cafèzais com sementes de boa origem, de árvores produtivas e de produção uniforme". E assim tem sido.

Em 1938, o sr. Teodoro Vitorelli plantou em sua fazenda, localizada no município de Londrina, cerca de 500 cafeeiros da variedade Caturra. Esse café, como se sabe, é de porte anão, ou melhor, semi-anão, atingindo de 1,50 a 1,80 m em média de altura. Com o tempo, verificou esse lavrador que o café Caturra produzia mais que o Bourbon e apresentava ainda a enorme vantagem de facilitar a colheita, dado o seu pequeno porte. Aos 5 anos, os 500 cafeeiros Caturra produziram 35 sacos de café em côco e, no ano seguinte, deram outra carga igual. Animou-se, com isso, o lavrador e, em 1945, plantou mais alguns talhões (cerca de 7.000 cafeeiros) dessa mesma variedade utilizando o espaçamento de 15 palmos ou 3,30 metros. A fama desse café correu em pouco tempo todo o Norte do Paraná e de todos os rincões chegava gente para apreciar as cargas que o pequeno cafeeiro apresentava todos os anos. Dessa forma, não sòmente a produção desse lavrador de Londrina foi toda colocada nos últimos anos, mas também todo o café Caturra produzido em São Paulo foi levado para o vizinho Estado, sendo encontrados cafeeiros dessa variedade em toda parte, em fazendas de todos os municípios, em pequenos talhões de vários milhares de pés, que os cafeicultores resolveram semear a título de experiência. Há duas variedades ou linhagens do Caturra — uma amarela, outra vermelha. Segundo experiências feitas em varios pontos tanto de São Paulo como do Paraná, em talhões em que o Caturra figura ao lado do Bourbon, este último produziu proporcionalmente mais do que o primeiro. No entanto, afirmam os partidarios do Caturra que, se essa variedade fôr plantada no espaçamento adequado, ou seja, a uma distância de 12 palmos (2,64 metros), o que daria 3.472 cafeeiros por alqueire paulista, ou mesmo a 13 palmos (2,86 metros), com 2.958 cafeeiros por alqueire a pequena vantagem constituida pela diferença de produção entre o Caturra e o Bourbon desaparecerá, em face do alto custo da terra e das vantagens da capina pelo menor espaçamento. Em todo caso, enquanto não se evidenciar de modo indiscutível essa vantagem, parece, em face do que ouvimos dos lavradores, que estes continuarão semeando de preferência o Bourbon, tanto o vermelho como o amarelo, especialmente as linhagens melhores, e pequena quantidade de Caturra.

Mas há um café que, também no Norte do Paraná, ameaça o prestígio do Bourbon. Trata-se do café Sumatra. Como se sabe, vêm há tempos aparecendo em vários pontos de São Paulo cafés Sumatra de alta produtividade, com uma resistência jamais vista á sêca. No entanto, os especialistas do Instituto Agronômico de Campinas são de opinião que esse café não é uma variedade distinta, mas sim, o mesmo café Nacional classificado como "Coffea arábica L. var typica Cramer". O fato causou estranheza não sòmente entre os lavradores, mas até

a um velho professor recentemente falecido e que deixou obra muito ampla sôbre o cultivo do café e suas variedades. Esse professor, Carlos Teixeira Mendes, também considerava o Sumatra uma variedade diferente do Nacional e a mais produtiva em nosso meio. Ainda antes de morrer, publicou nos "Anais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz", de Piracicaba, um estudo sôbre o resultado de experiências feitas com quatro variedades de café, o Sumatra, o Nacional, o Amarelo e o Bourbon. Desse trabalho extraimos o seguinte trecho:

"Calculando a produção por mil pés, chegamos á conclusão de que o café Sumatra foi durante dez anos, o mais produtivo, vencendo os demais por larga margem. Cabe aqui, contudo, uma observação: os técnicos especialistas do Instituto Agronômico de Campinas não encontraram em suas pesquisas elementos biométricos bastantes para fazer do Sumatra uma variedade distinta do Nacional; ao contrário, asseveram ser erronea o conceito de variedade, afirmando ainda, que "nem como forma se justifica a descrição do café Sumatra, menos ainda como variedade". Mas, em conclusão, das quatro variedades que vinhamos cultivando experimentalmente, três revelaram decadência prematura; o Sumatra, todavia, não foi prejudicado e sobreviveu em condições normais de cafèzal em terra velha. Seja ele o Sumatra ou não, como preferem os técnicos do Instituto Agronômico de Campinas, o que nos interessa é a grande uniformidade da produção dessa variedade de café. Convém ainda acentuar que, no decorrer de 20 anos, só perdemos duas plantas, ao passo que as falhas no restante do cafèzal — variedades Nacional, Bourbon e Amarelo — foram sempre muitissimo elevadas".

Esse ponto de vista do ilustre professor de agronomia tem sido também confirmado por inúmeros lavradores, que notam como outras variedades são pouco resistentes á seca e como sucumbem em grande quantidade depois de uma carga muito boa. Daí o renome que vai ganhando o café "Sumatra de Mundo Novo", ou o "Sumatra de Dois Corregos", ambos em São Paulo, ou então o já famoso "Sumatra de Bela Vista do Paraiso", no Norte do Paraná, o qual goza da justa fama de dar as maiores colheitas em todo o Estado vizinho. Trata-se de um cafèzal de propriedade do sr. Manoel Ferreira Marques, cujos talhões vão até a cidade de Bela Vista do Paraiso e limitam com um talhão de café Bourbon do sr. Geremia Lunardeli. Ambos os cafés são muito produtivos, mas todos asseguram que ainda não se conhece, em todo o Norte do Paraná, qualquer lavoura cujos rendimentos médios possam competir com os do café Sumatra a que nos referimos. Por isso diante das notícias, que correm com incrível rapidez, das altas produções do "Sumatra de Mundo Novo", do de "Dois Córregos" e do de "Bela Vista do Paraiso", da sua alta resistência á seca e de sua vitalidade, graças á qual continuam produzindo satisfatóriamente mesmo em terras velhas onde outros cafeeiros entram em decadência, como o provou o professor Carlos Teixeira Mendes em 20 anos de experiências, confirmadas pela observação de tantos lavradores, não temos dúvida em afirmar que o café Sumatra de boa procedência poderá vir logo a competir com o Bourbon na preferencia dos lavradores paranaenses.

Muito tem contribuido, sem dúvida, para a introdução de boas linhagens de sementes no Norte do Paraná, assim como em São Paulo, o trabalho de quatro agrônomos, os srs. Lineu Carlos de Souza Dias, ex-diretor da Estação Experimental de Mococa, do Instituto Agronômico de Campinas; Rubens Alvaro Bueno, ex-diretor da Estação Experimental de Pindorama; Silvio Alqueres Batista, espe-

cializado em conservação do solo nos Estados Unidos; e João Ribeiro Borba, também ex-técnico da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Esses profissionais transferiram-se de São Paulo para o Paraná, onde foram formar fazendas e levaram sementes de variedades selecionadas das melhores linhagens de Bourbon, Sumatra, Caturra e Maragogipe. Em breve conquistaram ali muitos adeptos da utilização de boas sementes. Para que se possa avaliar o trabalho desse grupo de técnicos basta adiantar que on ano passado foram por eles colocados no Paraná nada menos de 12.000 quilos de sementes selecionadas. Além disso, sua obra representa para o vizinho Estado contribuição técnica da mai alta valia, que, com o tempo, poderá ter enorme influência no aperfeiçoamento dos metodos de cultura, de plantio e de colheita, por enquanto — como vimos e ainda veremos, muito rotineiros naquela região. (18-3-1952)

VIII

A FERTILIDADE DA TERRA E O PLANTIO DO CAFEEIRO — UM ERRO QUE SÓ MUI VAGAROSAMENTE COMEÇA A SER SANADO — A INFLUÊNCIA DO ESPAÇAMENTO NO CUSTO E NO TRABALHO DE CAPINA

Quando os primeiros lavradores escolheram o espaçamento entre covas para o plantio do café no Norte do Paraná, não levaram em conta, ao que parece, a experiência paulista e muito menos o fato de se tratar de um cultivo que se estava distanciando cada vez mais da zona tropical e subtropical, para penetrar numa região de clima temperado. Observando o viço das matas e a fertilidade das terras boas — as primeiras a serem ali exploradas — e considerando o alto desenvolvimento do cafeeiro em regiões semelhantes de São Paulo, a maioria foi de opinião que se deveria adotar um espaçamento maior entre as plantas. Em São Paulo, há muitos anos, aconselha-se, para terras de boa fertilidade, o espaçamento de 16 palmos (3,52 metros); e, em observância aos ensinamentos de recentes pesquisas, vem sendo aceito o principio de que o espaçamento "deve variar com a fertilidade das terras, mas guardar, de um modo geral, a distância de 3,50 metros entre as linhas e distâncias menores, de 2,50 a 3,00 metros, entre as covas da mesma linha". No Norte do Paraná, porém, desde o início as lavouras foram plantadas muito espaçadas. Assim, quem percorre os cafèzais paranaenses de vinte anos atrás ou mesmo mais, ou seja, os que se iniciaram na região de Jacarézinho e se foram estendendo rumo a Londrina, nota que o espaçamento adotado é em média de 20 palmos, isto é, de 4,40 metros.

Mas não ficou nisto o grave erro de desperdiço de terra numa região em que a principio eram elas relativamente baratas (haje seu valor é tal, que o problema do custo da propriedade precisa ser examinado com muito cuidado, cogitando-se do plantio do maior numero de cafeeiros por área; já não se pode, mesmo, seguir o velho método de calcular o rendimento por "mil pés", mas sim, por área de cultura). Houve, no começo, quem, ao comparar as suas terras com as do vizinho, e julgando serem as suas mais ferteis, achasse que o espaçamento de 20 palmos ainda era pouco, recomendando aos empreiteiros a distância de 21 palmos e até — pasmem os conhecedores da cultura do café — de 22 palmos (4,84 metros)!

Esse foi um grande erro — repetimos. Erro que se explica, é verdade, numa zona completamente nova, sem qualquer orientação cientifica ou experimental, pois até

hoje não dispõe o Norte do Paraná de uma estação experimental de café que recomende aos lavradores nem mesmo as normas mais simples, como a do espaçamento ideal para os dois ou três tipos principais de solos alí existentes. Mas não é só a crescente valorização das terras que atribui a esse problema importância econômica; ele agora se complica com a falta de trabalhadores e com o crescente aumento das despesas com o trato dos cafèzais.

Mas antes de discutir este problema, observêmos a tabela abaixo, em que se revela a influência do espaçamento sôbre a área de capina:

Espaçamento em:		Cafeeiros	Área de capina por 1.000 pés (em m2)	
Palmos	Metros	por alqueire	Aos 3 anos	Aos 12 anos
10	2,20	5.041	3.670	1.040
11	2,42	4.132	4.720	2.050
12	2,64	3.472	5.830	3.160
13	2,86	2.958	7.040	4.370
14	3,08	2.556	8.330	5.660
15	3,30	2.222	9.760	7.090
16	3,52	1.953	11.260	8.590
17	3,74	1.730	12.850	10.180
18	3,96	1.543	14.550	11.880
19	4,18	1.385	16.340	13.660
20	4,40	1.250	18.230	15.560
21	4,62	1.133	20.310	17.640
22	4,84	1.033	22.290	19.620

Para organizar a tabela acima, tivemos a paciência, durante a nossa visita ao Norte do Paraná, de medir a "saia" dos cafeeiros de 3 e de 12 anos, em vários tipos de terras, chegando á conclusão de que um cafeeiro de 3 anos tem, em média, uma "saia" de 1,20 m, e de 2,20 m de diâmetro aos 12 anos. Ora, deduzindo-se esta superfície coberta pelo pé de café, da area representada pelo espaçamento, teremos a superfície que exige capinas — três, quatro, ou mais por ano. Assim, numa plantação em que se adotou o espaçamento de 20 palmos, e considerando-se o desenvolvimento medio do cafeeiro na região, um colono capina, em lavoura de 3 anos, aproximadamente 18.230 metros quadrados por 1.000 pés, e na lavoura de 12 anos, 15,560 metros quadrados. No entanto, se esse cafèzal tivesse sido plantado com espaçamento ideal — digamos 15 palmos — o trabalho de capina por mil pés abrangeria apenas 9.760 metros quadrados em lavoura de 3 anos e 7.090 em lavoura de 12 anos. Em outras palavras: num cafèzal plantado com espaçamento adequado, um colono pode cuidar e tratar de 4.000 cafeeiros, ao passo que se o espaçamento fôr de 20 palmos, só com muito esforço cuidará de 2.000 pés, pois a area a capinar é justamente o dobro.

Atualmente, no Norte do Paraná, o contrato para tratamento da lavoura cafeeira é pago, em média, na base de Cr$ 2.000,00 por 1.000 pés, para um minimo de 4 carpas durante o ano. Ora é facil concluir que, para o mesmo numero de cafeeiros a despesa será o dobro nas lavouras de 20 palmos de espaçamento. Além disso, não é só o custo de trato que se eleva, mas também o numero de colonos ou camaradas necessários, problema muito mais difícil que o de pagar melhor...

Quando se sabe que mais de 80% das lavouras paranaenses, representando centenas de milhões de cafeeiros foram formadas com exagerado espaçamento,

compreende-se porque insistimos neste assunto, que é fundamental para a economia do café do Norte do Paraná.

Felizmente, já se vem notando, nestes três últimos anos, a tendência para reduzir o espaçamento, pois vimos muitas lavouras novas com a distância de 18 palmos entre as plantas, o que, diga-se de passagem, ainda está longe, a nosso vêr, do ideal. Quando os lavradores compreenderem este problema, diminuirá a importância da questão representada pelo alto custo das terras pelo custeio dos trabalhos e pelo numero de colonos ou camaradas necessários numa fazenda. Em muitos casos, o excesso de pessoal poderá ser empregado em outros serviços como o de preparo do adubo "composto", construção de cordões de contôrno contra a erosão etc. Vejam os lavradores do Norte do Paraná o que significa, do ponto de vista econômico, a adoção de um espaçamento adequado ao tipo de terra que possuem.

(19-3-1952)

IX

O DESCASO PELA ADUBAÇÃO CONSTITUI OUTRA GRAVE AMEAÇA À FERTILIDADE DAS TERRAS — A DESTRUIÇÃO DA MATÉRIA ORGÂNICA COMEÇA COM A DERRUBADA — COMO SE ESGOTA A RIQUEZA DA TERRA ROXA — URGE QUE SE INICIE UMA CAMPANHA SISTEMÁTICA PARA O PREPARO DO ADUBO "COMPOSTO"

Ha quatro anos um agrônomo do Serviço de Fomento da Secretaria da Agricultura de São Paulo foi ao Paraná, ansioso por compreender as razões da atração exercida sobre os lavradores por aquela região. Desejava, ainda, saber se a experiência paulista havia servido ali para os novos formadores de fazendas. Parte do relatório que no seu regresso apresentou já foi comentada anteriormente nesta reportagem, principalmente o trecho em que ele diz em fertilizantes ninguém fala, havendo até quem estranhe que se fale em adubo... A própria palha do café se perdia nas máquinas de benefício localizadas nas cidades, pois ninguém cuidava de aproveitá-la.

Também a este respeito a situação mudou de então para cá, embora não inteiramente.

Na região mais antiga, ou seja, dos limites com São Paulo até perto de Londrina, e mesmo na zona que se desvia para o Norte, onde vários cafèzais foram plantados há mais de vinte anos, sofreram rudes golpes as terras roxas misturadas ou as terras arenosas. E muitos lavradores já começam a compreender as sabias palavras de Dafert, que ha mais de 60 anos recomendava a adubação dos cafèzais desde a primeira colheita, adubação baseada "não sòmente na composição da cinza do café, mas sim nas exigências de toda a planta. Como as outras arvores frutíferas — dizia o ilustre cientista — o cafeeiro dará tanto mais frutos quanto melhor tratamento tiver e mais forte se achar". Quem medir pela análise o que a colheita retira por ano da terra em fósforo, potássio, azôto, cal, magnésio e outros elementos, ficará admirado em saber que a soma dos primeiros quinze anos corresponde ao total dos 45 anos seguintes, isto para um cafeeiro de vida média de 60 anos. E é natural, pois nos primeiros quinze anos as colheitas são tão volumosas que uma boa safra, quando o cafeeiro está com 10 ou

12 anos, em pleno desenvolvimento numa terra virgem, corresponde á soma de colheitas até de 10 anos reunidos, quando essa planta já está no fim da vida, em plena fase de decrepitude, e esgotada a terra. Portanto, o cafeeiro necessita mais de fertilizante em suas primeiras colheitas; e é também fundamental que, depois de 15 anos de produção, o cafeeiro continue a encontrar no solo fertilidade bastante para que a produção prossiga na mesma base das primeiras safras. As esperiências provaram — diz Dafert — que "desde dois anos de idade até cinco ou quatro, quando começa a primeira colheita, o cafeeiro melhora com 1 quilo de estêrco animal por planta". O emprego da casca de café á razão de 1 quilo por árvore também produz otimo resultado, mas o racional e transformar a casca junto com o estêrco e outros resíduos em "composto".

Mas tais princípios começam apenas a ser observados, e isso mesmo em poucas fazendas paranaenses, porque todos se esquecem, ali, da rapidez com que a terra roxa se esgota em matérias orgânicas, em azôto, cálcio, em potássio e em fósforo. Anàlises promovidas pela Secção de Agrogeologia do Istituto Agronômico de Campinas mostram a diferença de fertilidade ou riqueza de uma terra roxa, apurada em solo virgem e depois de esgotada pelo cultivo mal orientado e pela erosão. Eis como decai rapidamente essa fertilidade (calculo por alqueire paulista, numa espessura de 35 centímetros):

Elementos fertilizantes	Solo virgem		Solo cansado
Matéria orgânica	412.000 quilos.	Decaiu para	26.000 quilos
Azôto (N total)	11.000 quilos.	Decaiu para	1.400 quilos
Cálcio (CaO)	20.000 quilos.	Decaiu para	900 quilos
Potássia (K2O)	1.400 quilos.	Decaiu para	115 quilos
Fósforo (P2O5)	1.600 quilos.	Decaiu para	600 quilos

Sabe-se que muitas terras roxas de solos sujeitos á erosão se transformaram de virgens em esgotadas em menos de 15 anos, apesar de serem as que mais resistência oferecem aos efeitos das enxuradas. O ateamento de fogo nas derrubadas destroi, em muitos casos, em um dia apenas, a maior parte da reserva de matéria orgânica existente nos solos virgens (em media mais de 400 toneladas por alqueire). Em certos lugares, usando-se esse processo quando a matéria verde ainda não está bem seca, sendo o fogo, portanto, mais demorado, um terço senão metade da matéria orgânica é destruida, como se pode verificar em alguns trechos em que a terra fica, no dizer do caboclo "esturricada". Por isso, não é demais insistir que o govêrno necessita iniciar uma campanha junto aos lavradores para diminuir a intensidade das queimadas ou mesmo aboli-las. Caso não seja possível, realize-se a queima depois da chuva, para evitar que o fogo destrua a maior riqueza do solo. Essa matéria orgânica, além de manter as boas propriedades fisicas do solo, tem a propriedade de reter a água, o que é de grande alcance nos períodos de seca ou estiagem, como muitos lavradores já o sentiram em alguns anos.

Numa fazenda perto de Londrina anotamos o tipo de adubação adotado ha três anos. Resumia-se no seguinte: em 1949, empregaram-se 400 gramas por pé de café de uma mistura em partes iguais de farinha de ossos, e serrana fosfato; em 1950, 400 gramas de superfosto e mais 1 quilo de cinza; finalmente, na safra passada, em 1951, 400 gramas de farinha de ossos desgelatinada, mais 100 gramas de cloreto de potássio, por pé de café. Trata-se de uma lavoura com cafeeiros de idade entre 10 e 14 anos, portanto já com desenvolvimento completo e

que — segundo a experiência paulista o tem mostrado — deveria receber, em média, a seguinte quantidade de adubo por pé de café:

Adubos	Quantidade
1 — "Composto" ou estêrco	18 Kg
2 — Farinha de ossos a 25%	240 a 360 g
ou Fosfato a 27%	220 a 330 g
3 — Cloreto ou Sulfato de potássio a 60%	70 a 85 g
4 — Salitre do Chile a 15,5%	125 a 200 g
ou Sulfato de amonio a 20,5%	90 a 140 g

Como se vê, comparando a adubação ideal, que os técnicos de S Paulo aconselham para um cafêzal em plena produção, com o que vimos em algumas fazendas do Norte do Paraná, onde tímidamente começa a empregar-se fertilizantes, nota-se a completa ausência do mais importante — a matéria orgânica — na forma de adubo "composto", esterco, palha de café ou outro, ao passo que ha um desperdício de fertilizantes químicos ou mineral, muito mais caro. Demais, como provam as mais recentes experiências sobre o assunto, sòmente em presença de matéria orgânica, a planta retira do solo outros elementos por vezes existentes em porcentagem elevada, mas que não se aproveitam por não terem sido transformados.

Por isso, não se devem deixar imbuir por ideias falsas de fertilidade das terras, os lavradores do Norte do Paraná. O início da adubação em larga escala é uma necessidade inadiável, e os novos agrônomos regionais devem procurar desenvolver, a exemplo do que se fez em São Paulo, uma campanha a favor do preparo do adubo orgânico "composto" em todas as propriedades agrícolas, mesmo naquelas onde começam a despontar as primeiras colheitas. Olhem para trás os lavradores do paraná e não se esqueçam de que, nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, milhões de alqueires de terras roxas e virgens foram depauperadas em 150 anos, algumas em 80, varias em menos de 50, havendo exemplos de terras ferteis que se inutilizaram em menos de trinta anos. Não se esqueçam disso, se desejam que o Norte do Paraná continue a ser a nossa ultima reserva de terras agrícolas produtivas. (20-3-1952

X

O ESPANTALHO DA EROSÃO — TODA A ZONA LIMITROFE COM S. PAULO, DE TERRA ARENOSA, APRESENTA VISÍVEIS SINAIS DE ESGOTAMENTO — PLANTIO EM CURVA DE NÍVEL OU CONSTRUÇÃO DE CORDÕES DE CONTÔRNO

Dissemos num dos primeiros capítulos desta reportagem que um fator muito favorável de quase toda a região norte-paranaense à cultura do café é a sua excelente topografia, bem menos acidentada que a de outras regiões cafeeiras de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Os espigões, de altitudes variáveis, são verdadeiros tabuleiros que podem abrigar milhões de cafeeiros, parte apenas dos quais fica em terrenos de maior declive, que caem para os rios, riachos e arroios. Jataizinho, primeira comarca de que se originaram Londrina e outros municípios da região, foi, do ponto de vista da altitude, mal localizado: aquela cidade está apenas a 345 metros de altitude sobre o nível do mar. Mas,

à medida que o café foi avançando para os lados da fronteira do Paraguai, demonstrando algumas geadas a necessidade do abandono das baixas altitudes, para as lavouras, cidades e vilas se começaram a escolher espigões cada vez mais altos, destinando-se as terras de menor altitude e as situadas perto dos vales, para pastagens e cultivos de verão, que pouco ou nenhum dano sofrem com as geadas, mesmo nas safras tardias ou nos plantios precoces. Assim, Londrina já está a 610 metros de altitude, Cambé a 660, Bela Vista do Paraiso a 528, Porecatu a 580, Rolândia a 730, Arapongas a 815, Apucarana a 870, Mandaguari a 740 e assim por diante.

Já dissemos também que ninguém é capaz de dizer com exatidão quantos alqueires há no Norte do Paraná de terra roxa apurada ou de terra arenosa fértil ou medíocre. Mas, durante nossa visita à região, consultamos vários técnicos e lavradores sobre a porcentagem de terra roxa em relação à terra arenosa, e reunindo todas essas informações, podemos hoje estimar que a região, inclusive a zona de mata ainda a desbravar, é constituida de 1/3 de terra roxa e 2/3 de terra arenosa. E mais: da terra roxa, 60% podem ser considerados de fertilidade muito boa e 40% de fertilidade média ou regular. Da terra arenosa, que constitui as areas maiores, sejam roxas muito misturadas com areia, sejam alguns tipos de constituição semelhante à das terras da Alta Paulista e da Noroeste, em São Paulo, apenas 30% são considerados de fertilidade boa; 50% são regulares e 20%, derrubado o mato, se mostraram de qualidade inferior ou péssima. Resumindo: segundo a fonte de que lançamos mão, pode-se dizer que, do ponto de vista da fertilidade, 40% das terras são ferteis e de primeira qualidade; 45%, de média fertilidade ou regular; e 15% de terras ruins ou péssimas, cuja compra poderá constituir verdadeiro logro aos que não conheçam a sua estrutura e não sejam capazes, portanto, de avaliar a sua riqueza.

Ora, "os solos arenosos — já o disse um técnico especialista em agrogeologia — muito permeáveis, apesar da topografia suave da região, não sujeita a graus extremos de erodibilidade, podem apresentar desde pequenos canalículos superficiais até vossorocas de enormes proporções. São solos que precisam ser protegidos contra a erosão desde o início ou logo após a derrubada. Do contrário, acontece o que se comprovou na Noroeste, em São Paulo, onde solos antes cobertos de matas, meia dúzia de anos após a derrubada se tornaram quase desertos, especialmente quando neles se cultiva o algodão. A prática tem demonstrado que nesses tipos de solos formaram-se belas lavouras de café; depois, porém, de erosados e esgotados, é difícil manter neles novas lavouras de café."

Parece que essa descrição foi feita para uma larga região do Norte do Paraná, que começa entre Rolândia e Jaguapitã e se alastra em direção de Porecatu, Centenário do Sul, Paranavaí e toda a região limítrofe com São Paulo, bordejando o rio Paranapanema. Toda ela já apresenta sinais visíveis do esgotamento pela erosão da chuva e do vento e pela lavagem da fertilidade ou seu arrastamento para camadas mais profundas do solo. Aí, as medidas aconselhadas de combate à erosão, especialmente a construção de cordões de contôrno, devem constituir desde já a preocupação de todos os lavradores, se de fato desejam eles manter suas fazendas, sítios e chácaras em produção por muitos anos. E nas terras novas que estão sendo derrubadas, todos os esforços devem ser feitos para que as lavouras sejam plantadas em curvas do nível ou em contôrno. Tem-se alegado contra o plantio em contôrno a dificuldade constituida pelos troncos e pela madeira derrubada; mas tanto em Rolândia, na Fazenda Maragogipe, como em várias propriedades do sr. Geremia Lunardelli, há milhares e mesmo milhões de cafeeiros plantados de aonde

com esse sistema em terras novas e que apresentam um magnífico aspecto. Esse sistema facilita as capinas mecânicas, os sulcamentos para aplicação de adubos orgânicos como o "composto", a construção e manutenção dos cordões de contôrno para reter e infiltrar a água das chuvas, a esparramação mecânica do disco. Quem se der ao trabalho de observar lavouras que adotaram esse sistema racional de plantio imediatamente se inclinará por ele.

Se há a impossibilidade de plantar o cafèzal em contôrno ou em curva de nível por falta de gente habilitada, nenhum lavrador deve deixar de construir cordões de contôrno para proteger as lavouras. O agrônomo Silvino Alqueres Batista, que se especializou em conservação do solo no "Soil Conservation Service", do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, e que tem sido um elemento de valor inestimável na divulgação das boas práticas de proteção das terras, disse-nos que a maior dificuldade está na falta de pessoal habilitado para plantio em contôrno, ou seja, para a abertura de covas de acôrdo com esse princípio racional e científico. Por isso, para ao menos melhorar um pouco a lavoura, ele vem plantando os cafèzais que está formando em quincôncio, de modo a poder mais tarde formar os cordões de contôrno. O plantio em quincôncio, pelo fato de ficar um cafeeiro no meio do espaço da linha anterior, já representa um obstáculo à enxurrada e um passo no sentido do plantio em curva de nível, o que seria o ideal. Ao que parece o plantio em sebe, com espaçamento muito pequeno entre as covas das linhas que cortam a água, processo do qual se fez uma pequena experiência no Norte do Paraná, repetindo o que se realizou em Mococa, em São Paulo, ou sejam, linhas ininterruptas de café formando uma verdadeira cerca viva e distanciando então as linhas ou ruas entre uma sebe e outra, talvez venha a constituir uma solução tanto para a maior produção de café por alqueire, como para o combate à erosão. Mas essa é uma questão que depende de experimentação mais demorada.

Finalmente, como orientação para outros lavradores, apresentamos o custo de construção de cordões de contôrno, segundo dados que colhemos na Fazenda Maragogipe, em Rolândia, onde cêrca de 600 mil cafeeiros foram protegidos, nos últimos anos, por meio desse excelente sistema. Em 1950, em terra arenosa, a locação dos cordões custou Cr$ 83,30 por quilômetro, fornecendo a fazenda mais dois operários por dia ganhando Cr$ 25,00 cada um. A construção das leiras, com cêrca de 40 centímetros de altura, foi paga à razão de Cr$ 0,70 o metro em terra arenosa e Cr$ 1,00 em terra roxa. Já na safra 1951-52, o preço da construção das leiras subiu, na terra arenosa, para Cr$ 1,00 o metro e para 1,50 na terra roxa. Conhecendo-se as vantagens do trabalho de proteção das terras, reconhece-se que essa é uma despesa que se paga por si mesma e tão irrisória que o uso generalizado do processo é apenas uma questão de começar.

(21-3-1951)

XI

NA ESTEIRA DO CAFÉ AMPLIA-SE A PRODUÇÃO DE ARROZ, FEIJÃO, MILHO E ALGODÃO — OS MALES E OS BENEFÍCIOS DAS CULTURAS INTERCALADAS — AS ESTIMATIVAS DAS SAFRAS PARANAENSES PARA 1952

A formação de uma lavoura de café no Norte do Paraná obedece mais ou menos ao mesmo sistema em voga nas zonas paulistas. Em princípio, os formadores de cafèzais ganham na base de 4 anos de trabalho, para abrir covas no terreno depois da derrubada e da queimada, plantar o cafe e se encarregar dos tra-

tos culturais, capinas e replantas, entregando depois o cafèzal já formado ao fazendeiro. Como culturas intercalares, é permitido, normalmente, ao formador de lavouras cafeeiras, plantar á vontade arroz, milho. feijão e algodão. Ultimamente, muitos lavradores, convencidos dos enormes estragos que a lavoura algodoeira causa ao café novo, só estão permitindo as culturas intercalares de feijão, arroz e milho. O feijão é o cultivo que menos dano causa a um cafèzal, mas a oscilação do preço desse produto nos últimos anos, diante das grandes safras que não se podem escoar por falta de transporte rápido, e ao mesmo tempo o preço muito favoravel do arroz têm favorecido a tendência para o plantio deste último produto. Mas tudo isso na aparência, pois na verdade o Paraná está marchando ràpidamente para a liderança da produção de feijão no Brasil, suplantando o Estado de Minas Gerais.

Há também um grande número de fazendas em Londrina, Rolândia, Jaguapitã e outros municípios, nas quais não se permite o plantio intercalado nas lavouras formadas, concedendo os proprietários de terras um alqueire por 10.000 cafeeiros tratados para que o colono faça a sua lavoura. Há contratos em que se permitem duas carreiras de milho entre o cafèzal, ou uma de milho e duas de arroz, ou finalmente uma de milho e duas de feijão das águas e da seca. Desta forma, é raro o lavrador que tenha abolido por completo os cultivos intercalares, mesmo em cafèzais já entregues aos colonos, e de todas as idades. Ora, em consequência disso, e diante dos milhões e milhões de cafeeiros recentemente plantados, o volume das safras de arroz, milho e feijão do Paraná aumentou, nos últimos 12 ou 15 anos, de maneira impressionante, cabendo a maior parte ao Norte do Paraná. É o que se pode ver do quadro abaixo, em que registramos a produção desses alimentos, por toneladas, segundo os dados divulgados pelo Serviço de Estatistica da Produção do Ministério da Agricultura:

Anos	Arroz	Feijão	Milho
1939	11.734	31.499	338.081
1940	21.780	69.816	626.298
1941	37.400	103.464	698.944
1942	44.503	139.807	749.329
1943	55.553	136.025	820.616
1944	61.521	157.115	848.741
1945	45.264	107.141	619.478
1946	71.286	133.801	800.572
1947	77.412	126.511	727.319
1948	116.339	175.353	730.854
1949	69.757	227.246	598.457
1950	122.157	237.864	881.406
1951	134.486	229.890	941.386

A opinião dos técnicos sobre as culturas intercalares tem variado muito, sendo o assunto motivo de discordâncias. Quando, há alguns anos, a Secretaria da Agricultura de São Paulo organizou a "Comissão de Reerguimento da Lavoura Cafeeira", os agrônomos que a constituiam afirmaram : "O cafeeiro é formado, invariàvelmente, com o auxílio econômico de culturas intercalares, tais como o feijão, o milho, o arroz etc. Quando o solo é muito rico admite-se esta prática, pois o custeio da plantação ainda não formada se torna menos oneroso, talvez mesmo nulo. No entanto, formado que esteja o cafèzal e em plena produção, quan-

do já está pagando as despesas que acarretou e dando lucro, toda e qualquer cultura intercalar deverá ser eliminada, principalmente as de ciclo curto, que, por sua própria natureza, esgotam muito a terra. A fazenda de café bem organizada deverá ter sua produção própria de milho, arroz, feijão etc., enfim de tudo o que possa facilitar a vida de sua população quer humana quer animal. As terras deixadas para os colonos devem situar-se fora do cafèzal, em locais bem escolhidos adequados a cada cultura, e os tratos deverão ser tanto quanto possível fornecidos pela fazenda, como, por exemplo, o preparo das terras. A semeação, capinas e outros tratos culturais e colheita ficarão a cargo dos colonos, desde que se não consiga que todos plantem em conjunto, dando dias de serviço de acordo com a área cultivada por família. Em resumo: a não ser no início da plantação, toda e qualquer cultura intercalar no cafèzal é prejudicial. A que menor dano causa é a do feijão das águas".

Hoje, essa opinião modificou-se sensìvelmente. A maioria dos nossos especialistas aceita, "nas atuais circunstâncias, as culturas intercalares entre as ruas dos cafèzais como um **mal necessário** Assim sendo, qual o melhor caminho a seguir? Ora, se dos males o menor é permitir o plantio de tais culturas, escolham-se então as que menos dano causem ao cafeeiro, restringindo-se ao menor número possível de ruas. Ao invés de permitir tais culturas na totalidade das ruas, deve-se procurar limitá-las a 50% ou 25% apenas. Os resultados das experiências demonstram que o feijão das águas é o que menos mal causa á produção e aos cafeeiros. Seguem-se-lhe na ordem crescente dos prejuízos: o feijão da seca, o arroz, o algodão e o milho".

Diante disso e considerando-se que sem a permissão do cultivo intercalar não se conta com braço trabalhador e apesar de em alguns casos a queda da produção atingir até 22%, esse processo está sendo encarado como uma necessidade. Uma fórmula que vem sendo sugerida, diante da impossibilidade econômica de se proibir totalmente a cultura de arroz, do milho e do feijão nas lavouras de café, é a da "divisão da lavoura em três partes, com o plantio das três culturas em rotação, uma em cada divisão. Mudar-se-á a cultura de local todos os anos, de forma a plantar-se o milho depois do feijão e finalmente o arroz depois do milho, voltando em seguida ao feijão e assim por diante". Além disso, experiências feitas em algumas estações experimentais paulistas mostraram que tanto o milho como, em alguns casos, o algodão, apesar de mais prejudiciais ao cafeeiro, foram os que deram maior lucro; o arroz mostrou-se na média dos anos — tal a oscilação das colheitas e do seu valor — inconveniente como cultura intercalar.

Este é também um grave empecilho para o Norte do Paraná. No ano em que um lavrador verifica que o preço do milho está alto, lança-se a esta cultura, sendo acompanhado por todos os demais. Em consequência, se o tempo corre bem, a grande abundancia de milho determina a queda do preço, com o que todos perdem. O mesmo se dá com o feijão e com o arroz. Segundo estimativa ha poucos dias divulgada pela Secretaria da Agricultura do Paraná, é a seguinte a estimativa de alguns dos principais produtos agrícolas para o corrente ano:

Algodão — 4.500.000 arrobas.
Arroz — 1.900.000 sacas de 60 kg.
Milho — 16.500.000 sacas de 60 kg.
Amendoim — 1.700.000 kg.
Feijão — 4.000.000 sacas de 60 kg.
Batata — 1.600.000 sacas de 60 kg.

Tomando-se apenas o milho, o feijão e o arroz para efeito de comparação com os dados apresentados no começo deste trabalho, a safra paranaense é estimada em 114.000 toneladas de arroz, 240.000 toneladas de feijão e 990.000 toneladas de milho. Percorrendo o Norte do Paraná, verificamos que o arroz, que impresiona muito mais do que o milho e o feijão, pois cobre grande número de lavouras, se desenvolve sem uniformidade, e o que vai espigando apresenta também o incoveniente do plantio tardio. Poucas lavouras de arroz se apresentavam em condições de satisfazer perfeitamente quanto ao desenvolvimento e a vegetação. Não sabemos se a estimativa paranaense levou em conta este fato; se não levou, os cálculos devem ser revistos.

Quanto ao algodão, em fins de fevereiro, vemos no Norte do Paraná lavouras que tinham desde dois palmos de altura até — a maioria delas 1m30; algumas delas eram mais altas do que um homem de 1m75 a 1m80! Naquele fim de mês existiam algodoais magnifios no Paraná. Não temos elementos para dizer como se comportaram depois, com as chuvas que ali começaram a cair com impetuosidade desde o carnaval. A região arenosa, especialmente a de Paranavaí, é sem duvida muito semelhante á da Alta Paulista para o cultivo do algodão, e muitos acreditam que aquela região está destinada a representar para o vizinho Estado o mesmo papel que a zona de Presidente Prudente ha vários anos representa para São Paulo: o de maior centro algodoeiro. A tendencia do Norte do Paraná é para deixar de plantar algodão intercalado com o café, para a formação de grandes culturas algodoeiras isoladas. A safra deste ano reduzida a toneladas, segundo estimativa da Secretaria da Agricultura de Curitiba, é de 67.500 toneladas; a do ano passado, segundo a mesma fonte não foi além de 39.049.

Esses dados demonstram o quanto a cultura cafeeira vem contribuindo para a produção de milho, arroz feijão e algodão no vizinho Estado. Por isso, cabe a outros responder se as culturas intercalares constituem um bem ou um mal!

(22-3-1952)

XII

AO LADO DO CAFÉ, A CANA-DE-AÇÚCAR É UMA CULTURA DE INDISCUTÍVEL FUTURO — O TUNGUE, ACONSELHADO PARA O SOMBREAMENTO DO CAFÉ, CONSTITUIU UMA ESPERANÇA QUE MORREU... — AS MARAVILHOSAS INVERNADAS DE CAPIM COLONIÃO E OS POTREIROS DE GRAMA KIKUIO

É natural que ao lado do café e das principais culturas intercalares a que já nos referimos — o arroz, o feijão, o milho e o algodão — fossem experimentados, tanto na terra roxo como nas arenosas, outros cultivos de que os lavradores que se transferiram para o Norte do Paraná possuiam conhecimentos práticos. E assim, o amendoim, a menta, a batata, o trigo a mamona, o rami, a cana-de-açúcar, a alfafa etc. começaram a ser plantados aqui e ali, mostrando-se tão promissoras algumas dessas tentativas, que aos poucos vão aparecendo alguns distritos que tendem a especializar-se numa ou noutra dessas culturas, assim como num ou noutro tipo de criação: de porcos, bovinos, ovelhas, galinhas etc. Mas, de modo geral, além das culturas intercalares por nós anteriormente citadas, só o tungue, o trigo e a cana-de-açúcar apresentam importancia no meio do oceano de cafeeiros que se estende pelo Norte do Paraná.

É bem provável que o trigo possa vir a ser uma cultura economica naquela

região, principalmente quando se considera que quase todas as fazendas de café possuem áreas de maior declive e de mais baixa altitude, perto dos rios, arroios e córregos, inaproveitadas por temor dos efeitos da geada sobre os cafeeiros.

No município de Bandeirantes, já ha muito tempo foi introduzida uma variedade de trigo rio-grandense, que depois tomou o nome de "Bandeirantes", e que chegou a ser cultivada em grande extensões, sendo todo o trabalho mecanizado, desde o plantio até a colheita. Mas, como é evidente, a lavoura desse cereal, só poderá desenvolver-se em áreas completamente limpas e destocadas, que permitam o trabalho mecânico. E áreas assim, em larga escala, só no futuro haverá naquela região.

O trigo desenvolve-se bem no Norte do Paraná e produz espigas que nada ficam a dever ás melhores de qualquer outra região. Como vimos pela média das chuvas que caem no município de Londrina (possuimos dados sôbre outras localidades, mas que deixamos de publicar para não alongar desnecessariamente esta reportagem), chove mais no Norte do Paraná durante os meses de inverno do que em São Paulo; e é bem provável que esse fato, aliado á temperatura média mais baixa e á grande fertilidade da terra, representa grande vantagem para o cultivo do trigo e de outros cereais de inverno, como a aveia, o centeio e a cevada. Mas essa expansão só se verificará á medida que as terras forem sendo destocadas.

Um cultivo já de extraordinário valor econômico e cuja importância aumentará á medida que a região se for povoando mais intensamente, é o da cana-de-açúcar. Contando já o Norte do Paraná com um milhão e duzentos mil habitantes e recebendo diàriamente milhares de novos povoadores, a colocação de toda a produção de açúcar está naturalmente assegurada, não sendo, mesmo, suficiente para atender ás necessidades do consumo, de modo que outras usinas terão de ser instaladas, até que a região se torne independente da importação de açúcar, alcool e aguardente do Norte do Brasil e de São Paulo.

Merece encômios a lavoura de cana-de-açúcar do vizinho Estado. Ela soube assimilar os modernos conhecimentos da técnica agronômica e enfrentou o espantalho do destocamento, formando seus cultivos em curvas de nível, adubando-os todos os anos, escolhendo variedades mais ricas e produtivas e instalando indústrias modelares que continuamente se aperfeiçoam. Voamos sôbre uma dessas plantações e depois percorremo-la de automóvel: referimo-nos á Usina de Açúcar de Porecatu, de Ricardo Lunardelli S. A. Apesar de se dizer que a escolha do local não foi boa — é grande a distância em que fica da estrada de ferro — o fato é que aquela usina coloca toda a sua produção com facilidade, está muito bem montada, dispõe de uma oficina mecânica para conserto de maquinas, tratores, caminhões etc., tão bem aparelhada que é considerada a melhor do genero em todo o Estado do Paraná. Além disso, quase 1.800 alqueires de cana-de-açúcar estão plantados em curva de nivel, constituindo um exemplo e modelo de técnica e racionalização.

Nos últimos catorze anos, a Companhia de Terras Norte do Paraná procurou fomentar o plantio do tungue. E numa das suas publicações, dizia: "Durante 10 anos, a Companhia fez experiências com o tungue, árvore que produz um oleo muito procurado nos mercados mundiais. Plantadas com intervalos de oito metros por oito, as árvores crescem bem e começam a produzir frutos no quinto ano, aumentando a produção continuadamente nos anos seguintes. A Companhia tem registro de árvores que produziram até 80 quilos de nozes secas do oitavo para o nono ano. Ha diversas plantações em grande escala. Muitos

lavradores estão plantando o tungue intercalado com o café. É cedo ainda para certificar os resultados deste sistema ou avaliar seus efeitos sobre o café".

Infelizmente, o tungue tem encontrado pela frente dois grandes empecilhos. O primeiro é que as sementes distribuidas no Brasil — inicialmente em São Paulo — eram importadas da Manchuria sem a menor escolha, de modo que produziram plantas sem uniformidade: ao lado de alguns pés que poderiam dar de 50 a 90 quilos de nozes secas, outros não apresentavam rendimento ou produções economicas. Além disso, tanto em 1944 como em 1948, e depois ainda, em 1949, registrou-se completo desinteresse por essa oleginosa, não conseguindo muitos lavradores vender suas safras. Como planta intercalar para sombreamento, o tungue foi um malogro, pois justamente no inverno, quando a árvore deve oferecer abrigo contra as geadas, ela se despe de suas folhas... Hoje ha ainda alguns milhares de pés de tungue no Norte do Paraná, mas muitos deles já foram cortados, não se acreditando que renaça o interesse por essa cultura.

Uma das maravilhas do Norte do Paraná são as invernadas de capim Colonião. O atual secretário da Agricultura daquele Estado, agrônomo Lacerda Werneck, que se tem mostrado um seguro conhecedor dos problemas agrícolas e econômicos do vizinho Estado, sugerindo medidas praticas para a solução de suas dificuldades, pediu ha pouco que o govêrno premiasse a formação de invernadas em solos de matas virgens, de capoeiras ou terrenos já desbravados. "As pastagens do Norte do Paraná — diz esse distinto técnico e administrador — são, no Brasil, as que apresentam maior índice de suporte por unidade de superfície, pois comportam até mesmo 8 e 10 cabeças por alqueire, ao passo que os campos nativos do Sul do Estado, mesmo os de boas forrageiras, apenas agasalham um bovino por dois alqueires. Dai o supormos aconselhavel a intervenção do Estado, oferecendo facilidades para a formação de pastagens, auxiliando e premiando os criadores que envidem esforços no sentido de abastecer o Paraná de um alimento insubstituível como é a carne".

De modo geral, a formação de uma invernada de capim Colonião obedece á seguinte sequência. Ha duas variedades principais desse capim: o Colonião e o Sempre Verde ou Coloniãozinho. Ao que parece, este último começa a ser o preferido na região. O sistema consiste em ralear o mato, deixando as árvores grossas e queimando a derrubada, pagando-se por esse serviço de Cr$ 1.500,00 a Cr$ 1.800,00 por alqueire. O desbaste se faz principalmente no mês de junho e a queimada em agosto e setembro. Em seguida, o empreiteiro planta nessas terras o milho, para em dezembro e janeiro, na sombra do milho, plantar as mudas de Colonião ou Sempre Verde. O plantio, dando o lavrador ou proprietário o transporte das mudas, é pago ao empreiteiro na base de Cr$ 500,00 o alqueire, usando-se o espaçamento de 4 metros por 4 metros. A prática tem ensinado que o distanciamento de 4 metros favorece depois a germinação das sementes das mudas que florescerem e frutificarem, formando-se desta forma uma invernada uniforme. O Colonião e o Sempre Verde florescem no mês de maio. As sementes caem e começam a germinar com as chuvas de outubro. Sòmente depois de duas sementeiras, ou seja em junho de dois anos depois, a invernada está em condições de receber o gado. Então, nas boas terras do Paraná, as invernadas de capim Colonião ou do Sempre-Verde se tornam pastagens difícilmente igualadas em qualquer outra região do Brasil ou mesmo do exterior. Em pequenos, potreiros, galinheiros etc., usa-se muito no Norte do Paraná a grama Kikuio. No inverno

essa grama é atacada ali por uma lagartinha que destroi completamente o cultivo, mas o Kikuio volta novamente a verdejar com a chuva da primavera.

O valor do capim Colonião começa a ser devidamente apreciado. Louis Bromfield, que conhece profundamente o valor das pastagens, depois de percorrer algumas das nossas invernadas declarou: "O Colonião é um capim maravilhoso. Não sòmente pelas suas incomparáveis qualidades para a engorda do gado, mas pela capacidade de combater a erosão e de restaurar a fertilidade das terras". Não ha necessidade de melhor elogio para um capim que no Norte do Paraná se aclimou de modo tão extraordinário. (23-3-1952)

XIII

AS PRAGAS E AS MOLÉSTIAS NOS CAFÈZAIS PARANAENSES — AINDA HA ZONAS INTEIRAMENTE LIVRES DA BROCA — OS GRAVES ESTRAGOS DO "BICHO MINEIRO" — SENSÍVEL AUMENTO DAS COCHONILHAS

Em 1948 o Paraná possuia cêrca de 225 milhões de cafeeiros, mas apenas 94 milhões estavam em zonas infestadas pela broca. Naquela epoca, para uma colheita de mais ou menos um milhão e trezentas mil sacas, calculavam os técnicos da Secretaria da Agricultura do Paraná que o prejuízo causado pela broca seria de 12,8%, equivalentes a 56.000 sacas. Um levantamento aproximado afirmava que outros 68 milhões de cafeeiros estavam ameaçados de infestação, ao passo que 61 milhões estavam livres de perigo imediato.

O governador do Estado, em mensagem então enviada á Assembléia, solicitou recursos para o combate á praga dizendo: "Se confrontaramos a situação da broca do café nas zonas infestadas do Norte do Paraná com a de São Paulo, notamos imediatamente uma grande diferença, impondo-nos essa circunstância procedimento diferente para o cambate á praga. Enquanto S. Paulo se debate com a broca na quase totalidade das suas plantações, formando uma imensa área que se irradia em todas as direções, no Norte do Paraná encontramos apenas uma região intensamente atacada, isolada da maior porte dos cafèzais indenes e, principalmente, das novas lavouras. A periferia das zonas infestadas de São Paulo forma uma linha de milhares de quilômetros, sendo impossivel criar linhas de defesa que separem as plantações ainda indenes, das infestadas. Já o Paraná pode sustar a marcha da broca separando os dois territórios por uma rigorosa linha de defesa, excercendo uma ação severa nos núcleos que surjam dentro da região não infestada. Simultaneamente, o território infestado do Paraná, ainda relativamente pequena, poderá ser dividido em setores, por municípios procedendo-se ao combate sem tréguas, para impedir não só o avanço da praga mas também para fazê-la recuar".

Com o emprego dos novos inseticidas, trabalho que na prática se deve indiscutivelmente aos esforços do agrônomo C. A. Seixas, do Instituto Biológico de São Paulo, se pôde realizar com mais eficiência o combate á broca, que além de não ter encontrado no Paraná condições climaticas favoráveis, foi atacada severamente, com o que a infestação diminuiu sensìvelmente. Assim, em principios de outubro e novembro de 1951, se chegou a temer novo surto da praga, mas isso felizmente não aconteceu, e tanto em São Paulo como no Paraná, ao que se sabe, a infestação não atinge mais de 2 a 3% dos cafèzais, nas grotas e lugares onde o inseto prolifera com mais intensidade, deixando, assim, de representar perigo que ameace a qualidade e o volume da produção. Desde que se mantenha vigilância

permanente, acredita-se que os novos inseticidas e os atuais métodos de combate podem evitar surtos maléficos. Assim, já se pode considerar a broca como um inimigo meramente potencial que tem pela frente poderoso adversário: inseticidas de eficiência desconhecida há questão de meia duzia de anos. Durante a nossa visita ao Norte do Paraná, não encontramos sinais da broca nas fazendas que percorremos; disseram-nos os lavradores que, de fato, este ano a infestação é insignificante. Nas zonas novas, recém-desbravadas, a broca, como é natural, não existe, por viver exclusivamente em cafeeiros em produção. É preciso que esta região, coberta por milhões de cafeeiros, seja resguardada a todo custo, trabalho que compete aos técnicos da Secretaria da Agricultura do Paraná.

Mas se a broca deixou de apresentar uma ameaça, o mesmo não se pode dizer do "bicho mineiro", praga que se desenvolve ou estaciona de acordo com a temperatura e a chuva. "A mariposa do bicho mineiro — diz um boletim técnico — mede dois milímetros de comprimento e cinco de envergadura nas asas; é de côr cinzento-claro prateada, com a extremidade das asas manchada de preto. As lagartinhas medem de dois a três milímetros de comprimento, são de côr branco-amarelada, tendo o corpo formado por onze segmentos, alargados na região cefálica. A borboleta deposita seus ovos nas folhas do cafeeiro, dando nascimento ás larvas, que se vão localizar no parenquima, do qual se alimentam, abrindo galerias que produzem manchas avermelhadas nas folhas. Estas secam e a planta fica seriamente prejudicada por falta de elaboração de seiva. Um método eficaz não foi ainda encontrado para o extermínio desse inseto. O mais aconselhável, porém, consiste em apanhar a queimar as folhas atacadas, pois nelas é que vivem as lagartas e ai encrisalidam e se tornam mariposas. As pulverizações com soluções venenosas ou inseticidas não são aconselhadas, por se localizarem as lagartas, geralmente, na parte inferior das folhas, e também pelo seu modo de alimentação".

É crença, no entanto, entre alguns técnicos, de que será possivel combater o bicho mineiro por meio de pulverizações, utilizando os novos inseticidas que agem por ação multipla: por ingestão, contacto e como fumingante, em virtude dos gases tóxicos que desprendem. A infestação do bicho mineiro nas lavouras do Paraná é tremenda. Em alguns lugares pode ser comparada á que se nota nos piores anos em varios municipios de São Paulo, onde a queda das folhas é tal que desequilibra por completo a vida fisiológica do cafeeiro, provocando a perda das flores e dos frutos e causando prejuízos incalculáveis nos rendimentos. Tem-se afirmado que a solução provisória deste problema consiste no emprego de alta doses de adubo organico, como o "composto", estrume animal ou serrapilheira do mato, porque isso provoca a formação de novas folhas que substituem as que caem, não se notando tanto os efeitos da praga. Mas mesmo em terras ricas de matéria orgánica se notam estragos fortes desse inseto, e, ao contrario do que muitos afirmam, tanto em terra roxa como em arenosa.

Deve-se registrar, também, que em Maringá, em Centenário do Sul, em Porecatu e em vários outros lugares, ha lavouras muito prejudicadas pelas cochonilhas, que atacam as mudas novas, de menos de três ou quatro anos. A muda nova, se o ataque da cochonilha for muito intenso, não resiste e morre. Vimos algumas lavouras com cêrca de 5 a 10% de falhas, mal atribuido á falta de chuvas, mas devido, na realidade, ao ataque das cochonilhas.

As quatro doenças mais importantes do cafeeiro no Brasil, como o tombamento das mudinhas no viveiro, a podridão das raízes, a fumagina e a man-

cha das folhas, não apresentam maior perigo, a não ser o "tombamento das mudinhas no viveiro", que se acredita começa a apresentar uma ameaça em São Paulo; mas no Paraná isto não constitui ainda um problema. Como se vê, as pragas e moléstias são ali as mesmas que se conhecem em outras regiões cafeeiros do País, e se algumas ameaçam a produção, como é o caso do bicho mineiro e da cochonilha, o fato é que esta ameaça é indêntica á que ha mais de um século se observa nas lavouras paulistas, sem que os cafèzais deixassem de prosperar e produzir. Mas todas essas doenças e pragas precisam permanecer sob permanente e atenta observação; e, se possivel, dever-se-á elaborar um plano de defesa sanitária visando instruir os lavradores e ao mesmo tempo combater as infestações onde forem maiores, evitando-se assim a possibilidade de maior disseminação. (25-3-1952)

XIV

O CONTRATO PARA OS SERVIÇOS NUMA LAVOURA CAFEEIRA JA FORMADA — A COLHEITA, A FALTA DE TERREIROS E A SECAGEM DO CAFÉ — CUSTO DO MATERIAL DE CONSTRUÇAO — A PRECARIDADE DAS INSTALAÇÕES PREJUDICA A QUALIDADE DO PRODUTO

Preocupações diuturnas dos fazendeiros, sitiantes e proprietários de lavouras no Norte do Paraná são a falta de pessoal e o elevado custo do braço trabalhador de uma safra para outra. Informamo-nos numa fazenda sôbre o salário pago ao colono para o trato de mil cafeeiros. Na safra de 1949-50 fôra de Cr$ 1.200,00; pelo contrato desta safra, ou seja, a de 1951-52, esse salario já elevou a Cr$ 2.000,00, sabendo-se de vizinhos que estão pagando Cr$ 2.200,00 e até mais, ou então oferecendo vantagens por fora. De modo que o trato da lavoura está encarrecendo não só de uma safra para outra, mas dentro do mesmo ano agrícola.

Outro aspecto interessante do Norte do Paraná é o movimento de pessoal de uma região para outra, o que se verifica com muito mais facilidade do que em São Paulo em outros tempos. Há exemplos de fazendas que, sem aviso prévio, ficaram sem trabalhadores de uma hora para outra. Há também muita gente que não se acostuma no Norte do Paraná. Alguns trabalhadores que interrogamos alegaram estar apenas aguardando a colheita para regressar a São Paulo, porque embora se ganha mais ali, despesa é muito maior e as acomodações são precárias, se confrontadas com as colônias de muitas fazendas paulistas. Num caminhão vimos algumas famílias que regressavam para Jaú. Perguntamos a causa e um dos colonos nos respondeu: "Por mais que se ganha, não há dinheiro que chegue. Além disso, não há escolas para nossos filhos, e por isto resolvemos regressar!". Este é sempre o problema das zonas novas: escolas, estradas, casas, assistência médica etc. Mas, com tudo isso, o Norte do Paraná continua sendo uma Canaã para onde convergem milhares e milhares de trabalhadores...

Para que os nossos leitores possam avaliar as bases em que se ajusta o trato das lavouras de café naquela região, extraimos do contrato de uma fazenda os principais itens, referentes ao ano de 1951-52: "1.º — colono receberá pelo trato de 1.000 cafeeiro a quantia de Cr$ 2.000,00; 2.º — o ano agrícola inicia-se com a esparamação do cisco e encerra-se no termino da colheita do café; 3.º — as capinas serão tantas quantas a fazenda julgar necessárias. A época da arruação será fixada pela administração. Nas carpas os colonos são obrigados a usar exclusivamente enxadas, ficando o rodo sòmente para arruação; 4.º — O colono receberá

Cr$ 15,00 por saco de 120 litros de café colhido no chão e por saco de 110 litros colhidos no pano; receberá Cr$ 8,00 por saco de 120 litros quando apenas efetuar o levantamento do café derriçado pelos empreiteiros. Se houver necessidade de se proceder a varreduras, o colono receberá também Cr$ 15,00 por saco de 110 litros; 5.º — a fazenda fornecerá os panos e escadas para a colheita; 6.º o colono receberá Cr$ 30,00 a saco por dia de 10 horas de trabalho quando fôr chamado a prestar serviços; 7.º — o pagamento será efetuado de 60 em 60 dias, recebendo o colôno 1/6 da sua empreitada e mais os dias extras de serviços prestados. O ganho do colôno será pago á razão de 50% por ocasião dos pagamentos bimestrais e de 50% no final do contrato; 8.º — caso o colôno saia antes de terminar o ano agrícola, perderá as mesadas que vencerem após a sua saida, assim como o direito ás suas plantações; 9.º — a fazenda cederá ao colôno áreas correspondentes a 20% da sua empreitada em café para plantio de cereais e feijão, pagando-lhe pelo trato Cr$ 600,00 por ano e por mil pés. Serão permitidas: 2 carreiras de milho ou 1 de milho e 2 de arroz; ou três de arroz; ou 1 de milho e 2 de feijão das aguas e seca; 10.º — nos cafèzais novos de 2 anos o colôno poderá plantar 1 carreira de algodão a meia, fornecendo a fazenda a semente e ingredientes e Cr$ 600,00 por ano, sendo o plantio, desbaste, carpas, pulverização e colheita feitos por conta do colôno; 11.º — nos cafèzais novos os colonos zelarão pelas covas; 12.º — a colheita do feijão e do arroz será efetuada quando terminar o ciclo vegetativo da planta, e a do milho quando a fazenda determinar".

Além dessas condições fundamentais, figuram nos contratos, como aliás se verifica em outras regiões, condições específicas sôbre o preço do transporte, numero de cabeças de animais que cada família poderá manter nas pastagens e normas quanto à ordem e sossego dentro da propriedade agrícola. Normalmente, o ano agrícola começa em 15 de setembro e vai até 14 de setembro do ano seguinte. Em grande parte do Paraná a colheita tem inicio na terceira decada de abril ou em princípios de maio, e o forte da colheita se verifica nos meses de junho e julho. Em começos de setembro a colheita está finda, mas há exemplos de algumas que terminaram em outubro, com todas as graves consequências disso advindas para as floradas, o restabelecimento do sistema foliar etc.

Uma das grandes falhas das lavouras paranaenses é a precariedade das instalações de terreiros ou de secadores para o café, de acordo com as necessidades da produção. Mas isso explica-se e compreende-se porque não seria possível providenciar tais instalações no rítmo em que se desenvolve o plantio de cafèzais. Isto mesmo, aliás, já aconteceu em todas as zonas novas, tanto em Minas Gerais como no Espírito Santo e, principalmente, em São Paulo. Ainda hoje há muita fazenda paulista, até mesmo em zonas onde o café é cultivado há trinta ou cinquenta anos, e nas quais as referidas instalações, quando existem, são as mais simples. Há ainda em São Paulo fazendas em que o café seco em terreiro de terra, de modo que seria muito exigir das novas fazendas paranaenses, terreiros em boas condições. Um forte empecilho para isso é a falta de mão de-obra especializada — pedreiros, serventes, mestre-de-obras, carpinteiros etc. — bem como de material. Atualmente, o cimento é levado até de caminhão de São Paulo e ali vendido a peso de ouro. Quem dispõe de cimento precisa escondê-lo para se ver livre dos pedidos de empréstimos que surgem de toda parte, tal a falta desse produto. Um milheiro de tijolos custa de Cr$ 1.000,00 a Cr$ 1.200,00 e a telha comum não se encontra a menos de Cr$ 2.600,00 a Cr$ 3.000,00 o milheiro. E quanto mais para o sertão, mais caro, estando esses produtos em alta,

sendo difícil prever até onde irão seus preços diante do grande número de fazendas em formação ou de "aberturas", todas elas necessitando tijolos, telhas, cal, cimento e os mais variados materiais para construção. Não há região no Brasil onde se esteja construindo tanto, sendo fácil avaliar, assim, o empenho necessario para conseguir aqueles produtos .Por isso, quem viaja pelo Norte do Paraná encontra por toda parte grande número de olarias em construção, algumas em terrenos de barro não satisfatório; na falta de outro, o barro ruim vai atendendo às necessidades mais urgentes...

Mas é por isso mesmo que o Norte do Paraná está em condições de adotar, para a secagem do café, a técnica que vem sendo recomendada como a mais racional, ou seja, o abandono da lavagem por via úmida ou com água (sistema irracional porque molha o café que deverá ser seco), substituindo-a pelo sistema de lavador a seco ou por meio de seletores. Há vários seletores que separam as impurezas e classificam o café de acordo com o grau de maturação, facilitando assim na secagem. Ao que parece, o Norte do Paraná vai ter muito que progredir a esse respeito. Segundo as primeiras observações e estudos de alguns técnicos, a secagem exclusivamente em terreiro comum não resolverá a questão, dada a maior quantidade de chuva que cai ali nos meses de inverno. A solução parece estar na combinação de terreiros com tulhas secadeiras ou na secagem artificial, com o emprego de secadores a vácuo ou a ar quente.

Utilizando-se o sistema de lavador a seco ou seletores, conjugado com a secagem artificial, é possivel conseguir que todo o café cereja do Norte do Paraná produza boa bebida, igual á melhor de qualquer outra região do Brasil. Desta forma, a falta de instalações para a secagem do café poderá resultar num benefício para a região, se a Secretaria da Agricultura e os lavradores souberem abandonar o velho e rotineiro sistema de lavagem por via úmida, adotando técnicas mais adequadas, ao nível dos conhecimentos que hoje se tem sobre secagem e benefício. (26-3-1952)

XV

FALTA ORIENTAÇÃO PARA O MELHOR APROVEITAMENTO DAS MADEIRAS — PEROBAS ROSA, CABREUVAS E CEDROS CENTENÁRIOS — OS DONOS DE SERRARIAS ENRIQUECEM TANTO QUANTO OS CAFEICULTORES OU AINDA MAIS RAPIDAMENTE

Quem vôa durante os meses de fevereiro e março sobre as matas do Norte do Paraná fica encantado com o espetáculo que do alto se descortina da floresta virgem, com as primaveras em pleno florescimento. Como se sabe, esta planta, que se está tornando um dos arbusto ornamentais mais apreciados em diferentes paises do mundo, especialmente nos do Mediterraneo, nos Estados do Sul dos Estados Unidos, em vários países da América Latina, na Ásia, na África e nas ilhas da Oceania, é típica de nossas matas, desde a Bahia até Santa Catarina e mesmo o Norte do Rio Grande do Sul.

No Paraná a primavera é conhecida pelos nomes de "Flor Roxa" ou "Roseira", mas principalmente por Primavera ou Três Marias. Aliás, essas denominações é que devem ser usadas, e não o nome de "Bougainville", que vem do navegante francês que daqui a lavou, mais ou menos em 1761, para a região do Mediterráneo, de onde ela se difundiu pelo mundo, reentrando com seu novo nome em nossa terra. Há muita primavera florindo junto às casas das fazendas,

nos potreiros e invernadas, ou ao lado das cêrcas e estradas; mas seria interessante que maior quatidade delas fosse conservada e cuidada pelos lavradores do Norte do Paraná, como flor representativa da região. Poderiam eles cultivar também primaveras de outras cores e formas — são elas em numero de 12 — como já se faz em São Paulo e mesmo no Paraná, procurando também separar os tipos que se distinguem pelo modo e época de florescimento, pois tudo indica que esse arbusto está destinado a tornar-se uma das mais lindas plantas ornamentais dos nossos jardins. Da mesma forma, outras plantas ornamentais precisam ser conservadas e salvas da destruição, cabendo destacar dentre elas as do grupo das aracéias, as orquídeas, as bromeliáceas e tantas outras, que poderiam embelezar os jardins das sedes das fazendas e das colônias. A primavera multiplica-se muito bem por estacas finas da grossura de um lapis, de modo que não há dificuldade em conservar e aumentar o número dessas plantas.

Mas a maior destruição, a que impressiona e acabrunha, é a de madeiras de lei, que se tornam dia a dia mais escassas. A peroba rosa, o cedro, a cabreuva, a canela, o timboril, o marfim, o canelão são cortados a machado, sem uma orientação que sirva de norma para os empreiteiros e que evitem sua total destruição. O govêrno deveria pôr em execução a lei florestal que obriga os proprietários rurais a manter parte da área de suas terras cobertas com mata natural, aplicando contra os transgressores multas tão elevadas, que os forcem a cumprir a lei. Aliás, a experiência está provando que se os lavradores tivessem conservado, como se recomenta, de 15 a 25% de suas matas, hoje, com estradas de ferro e de rodagem á porta, poderiam explorar em condições completamente diversas essè patrimônio, e com lucros consideráveis, dado o alto preço hoje alcançado pela madeira.

A peroba rosa tem seu principal "habitat" na bacia do rio Paraná, mas suas principais reservas em Minas Gerais e S. Paulo já foram destruidas, sendo encontrada em maior quantidade apenas em Goiás, Paraná e Mato Grosso. Sendo muito grande o seu consumo no País em obras de carpintaria civil, esquadrias, escadas, tacos, vigamentos etc., é uma das madeiras mais procuradas, crescendo seu valor de ano para ano. No Norte do Praná há exemplares com mais de 30 metros de altura e algumas vezes com um diámetro, no tronco, de mais de um metro. Não lhe fica atrás o cedro, que, apesar de encontradiço em todo o Brasil, também apresenta nas matas da Bacia do Paraná exemplares magníficos. Em São Paulo eles já não existem mais, mas no Paraná não é raro emcontrar cedros com 30 metros de altura e troncos de um metro de diámetro. Trata-se de madeira apreciadíssima nos mercados estrangeiros, ao passo que a peroba é preferida em São Paulo, Rio de Janeiro e outros centros brasileiros.

A destruição dessa riqueza tem sido entre nós sem precedentes, pois, em outros países, quem quer que faça uma derrubada é obrigado a reflorestar a área explorada. Estudos promovidos por engenheiros silvicultores asseguram que de uma árvore florestal qualquer, só se aproveitam em forma de madeira, cerca de 30%; o restante é dividido da seguinte maneira: 26% em copas, folhas e ramos; 39% em cascas, cavacos e costaneiras; e 5% em perda de umidade. Para evitar desperdícios, tais, tem-se preconizado a necessidade de se manter em cada região uma area de florestas equivalente a ¼ do total. Se considerarmos a area florestada em função da população, para cada habitante deve existir de 0,3 a 0,5 de hectare coberto de matas. Esse é um princípio que todos os lavradores do Norte do Paraná deveriam adotar em seu próprio bem e em benefício do País,

conservando o valor das suas terras e, ao mesmo tempo, criando, com as matas preservadas da destruição, cortinas de proteção para os cafeeiros.

A madeira está-se valorizando extraordinariamente em todo o Norte do Paraná, não sendo exagerado prever-se que, um dia, o alqueire de mata custará mais e dará mais lucro do que um alqueire de cafèzais. É porisso que se afirma que, desde 1949, quem mais dinheiro tem ganho no Norte do Paraná são os madeireiros e os proprietários de serrarias. Para se fazer idéia de como a madeira se vem valorizando e da insesatez que representa a destruição das matas, alinhamos abaixo alguns dados sôbre a evolução do preço de um metro cúbico de madeira nas regiões de Londrina, Cambé e Rolândia, nos últimos três anos (Dados de fevereiro de cada ano):

Madeiras	1950	1951	1952
Cedro	Cr$ 600,00	Cr$ 1.600,00	Cr$ 2.500,00
Cabreuva	Cr$ 1.000,00	Cr$ 2.000,00	Cr$ 4.000,00

De acordo com estudos promovidos a respeito, verifica-se que os índices dos preços subiram de 100, há dez anos, para 343 em relação ao café em coco, e para 562 em relação à madeira em bruto. Os lavradores que estão derrubando matas virgens no Norte do Paraná para formar cafèzais devem, portanto, considerar a riqueza que estão pondo a perder. É tal o valor da madeira que a sua preservação compensa os gastos com a adoção de processos mais racionais de formação de lavouras.

Viajando pelo Norte do Paraná em companhia do agrônomo Lineu C. de Souza Dias, que alia aos seus conhecimentos de agrônomia uma idéia muito objetivo do melhor aproveitamento dos recursos naturais, dele ouvimos que já há quem pense, ali, em adquirir grandes tratores "bull-dozer" para empreitar serviços de "aberturas", fazendo a derrubada de apenas ¾ da área, e deixando faixas de matas cobrindo o quarto restante. Desta forma, seria possível fazer o destocamento, ajuntar os tocos nas proximidades das faixas de matas, dispensar o fogo e ao mesmo tempo limpar o terreno para o plantio em curvas de nível o que permitiria a mecanização mais avançada dos trabalhos agrícolas e a adoção de todos os princípios racionais de exploração do solo; com tais vantagens, lucraria não sòmente o lavrador, mas toda a Nação, preservando-se da total destruição as suas riquezas florestais e a fertilidade de suas terras. (27-3-1952)

XVI

(Conclusão)

QUANTOS MILHÕES DE CAFEEIROS HÁ NO NORTE DO PARANÁ? — AS ESTIMATIVAS E AS INFORMAÇÕES SENSATAS — O TRANSPORTE E O INDISCUTIVEL VALOR DO "JEEP" E DO AVIÃO — CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O PRESENTE E O FUTURO DO CAFÉ NO NORTE DO PARANÁ

Qual o número exato de cafeeiros em produção e de cafeeiros novos no Norte do Paraná? E quais as possibilidades maximas da produção cafeeira da região dentro de cinco, dez ou vinte anos? Eis o que todo mundo desejaria saber. E é evidente que não poderiamos regressar de nossa viagem ao vizinho Estado sem trazer uma opinião formada sobre o assunto. Para responder a tais perguntas, o

Departamento da Produção Vegetal da Secretaria da Agricultura, em cooperação com o Departamento Estadual de Eestatística, vem promovendo a coleta de dados, sendo provavel que tentro de algum tempo se possa dispor de estatísticas da produção e do número aproximado de cafeeiros existentes. Segundo essas fontes, já se podem divulgar as seguintes informações sobre o número de cafeeiros em produção e sobre a evolução das safras desde 1942:

Ano	Cafeeiros produzindo	Sacas de 60 Kg.
1942	——	549.567
1943	——	205.500
1944	66.770.690	728.584
1945	69.251.943	918.924
1946	71.159.646	1.781.900
1947	105.478.660	2.144.311
1948	137.116.000	2.226.942
1949	?	2.606.347
1950	?	3.259.779
1951	?	3.219.363
1952	?	4.400.000

O número de cafeeiros em produção foi estimado pelo Departamento Estadual de Estatística, mas desde 1949 varios agrônomos e lavradores que conhecem todo o Norte do Paraná são de opinião que os referidos dados estão muito aquém da realidade. Quanto ás estimativas da produção, foram elaboradas pela Secretaria da Agricultura, parecendo que se aproximam da realidade. Quando estivemos no Norte do Paraná, a Secretaria da Agricultura divulgou as estimativas das safras de 1952, inclusive a de café, e muitos conhecedores foram de opinião que se tratava de uma estimativa razoável; mas vários lavradores e vendedores de terras que percorrem toda a região informaram-nos de que não nos deveriamos surprender se a colheita atinguisse 5 milhões de sacas. O número dos que sustentam esta opinião é, porém, menor do que o dos que se inclinam, pela estimativa de quatro milhões e meio e até menos. Nas mesmas fontes, colhemos informações referentes ao número de cafeeiros plantados, e muitos agrônomos, extra-oficialmente, nos afirmaram ser de opinião que ha agora 300 milhões de cafeeiros produzindo, sendo 100 milhões na região mais antiga e 200 milhões na recém-desbravada. Outros acham que esse número não vai além de 250 milhões. Quanto ao número total de cafeeiros existentes — novos e em produção — a maioria das informações que colhemos afirma que ele não deve ser de menos de 500 milhões. Acrescenta-se que, se a febre de formação de fazendas continuar no mesmo ritmo e se prosseguir o afluxo de trabalhadores com a mesma intensidade verificada nos últimos dois anos — 1950-1951 — o Norte do Paraná deverá possuir dentro de dois ou três anos de 700 a 750 milhões de cafeeiros. Se tudo correr bem — afirmam as mesmas fontes — o Paraná, produzirá dentro de dez anos, 12 milhões de sacas e, em anos excepcionais, até 15 milhões. Mas estas previsões baseiam-se no que se fez nos últimos dois anos, e que representa trabalho sem paralelo em qualquer epoca de nossa história.

Boa impressão da grandiosidade da expansão cafeeira na região tem-se voando sobre a zona mais antiga do Norte do Paraná, onde, ha dois anos, já havia desaparecido todo vestígio de mata para dar lugar a novos cafèzais; ou voando até os extremos das "aberturas", rumo a Campo Mourão, adiante de Cianorte, Paranavai,

Jandai e outros centros ,onde se vêem milhões e milhões de cafeeiros recém-plantados que não figuram ainda nas estatísticas. Voando em companhia do aviador Gil dette Pires, num "Cessna—PT—AGW", que apresenta a vantagem de ter a asa alta, não perturbando a visão dos passageiros, pudemos apreciar devidamente a riquíssima região, confrontando depois essas primeiras impressões com observações feitas em viagens de "jeep" ou automóvel. Ha muitas lavouras de 30, 50, 100 e até 500 mil cafeeiros que ainda não começaram a produzir; são tantas, que não é possível estimar o número total de seus cafeeiros. Ha também, nas mesmas condições, muitas lavouras, mais de 15, com mais de 1 milhão de pés.

Mas nenhum lavrador conseguiu atingir a posição do Sr. Geremia Lunardelli, que em seis grandes fazendas que formou já possui quase sete milhões de cafeeiros, sendo justamente cognominado — o "rei do café no mundo". As plantações desse lavrador no Norte do Paraná distribuem-se da seguinte forma:

Nome das Fazendas	Cafeeiros
Cachoeira	2.500.000
Cascata	1.240.000
Cascatinha	1.100.000
Igaraçu	800.000
Chapadão	550.000
Barbacena	500.000
Total	6.690.000

Alguns milhões desses cafeeiros estão plantados em curvas de nivel e outros milhões protegidos com cordões de contorno, o que demonstra a possibilidade, mesmo em culturas dessa extensão, da pratica dos metodos mais racionais de trabalho. Observando essas plantações de avião e em viagens de "jeep", chega-se á conclusão de que a obra do sr. Lunardelli pode servir de exemplo a todos os lavradores da região.

Antes de concluir esta reportagem, queremos assinalar o quanto contribuiram para o progresso da região os modernos meios de transporte. Em lugar algum se usa tão frequentemente o avião para viagens de um ponto para outro. Sòmente no aeroporto de Londrina, cerca de 17 "taxis" aereos trabalham ininterruptamente transportando lavradores, compradores de café, empreiteiros, enfim, os mais diferentes passageiros, facilitando sobremodo a vida e a progresso da região. Muitos lavradores já construiram campos de pouso em suas fazendas, cumprindo agora ao govêrno estabelecer uma rede de boas pistas não sòmente para os "taxis" aéreos, mas também para os grandes aviões comerciais, que, por enquanto, não se podem aventurar por ali. Outro veículo extraordinário e de tal forma disseminado que pode ser considerado como verdadeiro simbolo da região, é o "jeep", que está representando para os pioneiros e desbravadores o que o "Ford" primitivo significou em outras epocas para outras zonas. Nas cidades e vilas do Norte do Paraná, onde está o caminhão e mesmo onde este ainda não chegou, já está o "jeep", e em tal numero que dos 800 carros, mais ou menos, que fizeram o corso nos dias de carnaval em Londrina, cerca de 85 por cento eram constituidos por esse tipo de carro. E o que se vê em Londrina se repete em todo o Norte do Paraná.

Mas nem por isso deve o govêrno esquecer-se da necessidade de melhorar as estradas, das quais algumas são sem dúvida boas, ao passo que muitas deixam tudo a desejar, principalmente quando chove. Estradas, pontes, escolas precisam acompanhar o desenvolvimento das cidades, que surgem como cogumelos. O café do Norte do Paraná, se o tempo continuar favorável e livre de grandes geadas, poderá proporcionar ao Brasil recursos imensos. O desenvolvimento extraordinário que procuramos retratar nesta reportagem é apenas um aspecto do presente. Mas quem percorrer aquela região como nós fizemos, não terá duvida em prever para ela um futuro que é o proprio futuro que se deseja para o Brasil, politica, social e econômicamente forte e independente.

28-3-1952)

"PANCOMTEL"
COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.
Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:
CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CAMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.
Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:
RIO DE JANEIRO: Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar Fone: 23-0012
SÃO PAULO: Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar Fone: 3-4976
SANTOS: Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278
(p) Agências nos principais Estados do Brasil

A REGIÃO CAFEEIRA DO NORTE DO PARANÁ

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATISTÍCO

ANO XVIII | São Paulo, 13 de Março de 1952 | N.º 314

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1951/1952

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	julho/jan.	1.ª dezena fevereiro	fevereiro 2.ª dezena	fevereiro 3.ª dezena	Totais
Santos a Jundiaí	122 653	195	4 469	550	127 867
Sorocabana	934 868	2 280	1 423	11 703	940 279
Paulista	1 883 535	4 657	4 833	1 995	1 895 068
Paulista	508 517	2 586	330	1 778	513 211
Mogiana	624 422	389	381	—	625 192
Araraquara	1 283 746	1 980	401	—	1 286 127
N. Brasil	487	—	—	(*)	487
C. Brasil	402	—	—	—	402
Estrada de Rodagem					
Total	**5 358 678**	**12 087**	**11 842**	**6 026**	**5 388 633**

NOTAS: Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias. (*) Não foram recebidos os dados da 3.ª dezena de Fevereiro da E. F. Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
julho/janeiro	339 526	303 020	8 732	53 621	704 899
1.ª dez. Fevereiro	500	4 060	—	—	4 560
2.ª dez. Fevereiro	1 800	6 073	—	—	8 773
3.ª dez. Fevereiro	305	2 594	—	—	2 899
Total	**342 131**	**316 647**	**8 732**	**53 621**	**721 131**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho/jan.	fevereiro 1.ª dezena	2.ª dezena fevereiro	3.ª dezena fevereiro	Totais
Paraná	107 263	13 873	4 670	(*) —	152 806
Minas Gerais	108 328	—	—	(*)525	108 853
Goiás	19 298	—	—	(*) —	19 298
Goiás (Rod.)	1 500	—	—	—	1 500
Mato Grosso	5 682	—	—	630	6 312
Total	**242 071**	**13 873**	**4 670**	**1 155**	**261 769**

(*) Incompletos

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1951/52 — (ATÉ 29 DE FEVEREIRO DE 1952)

Paulista	Despachado	Liberado	D. alterado e anulado	A liberar
Anteriores	1 280 727	1 278 620	2 107	—
1.ª dez. agosto 51	447 166	446 584	72	510
2.ª " " "	421 301	420 244	—	1 057
3.ª " " "	648 522	647 841	138	543
1.ª " setembro "	429 157	255 906	160	173 091
2.ª " " "	552 448	—	1 024	551 424
3.ª " " "	440 488	—	3 563	436 925
1.ª " outubro "	302 296	—	1 393	300 903
2.ª " " "	193 287	—	1 484	191 803
3.ª " " "	189 662	—	1 891	187 771
1.ª " novembro "	80 893	—	—	80 893
2.ª " " "	76 477	—	140	76 337
3.ª " " "	66 946	—	—	66 946
1.ª " dezembro "	57 160	—	175	56 985
2.ª " " "	58 588	—	—	58 588
3.ª " " "	39 105	—	—	39 105
1.ª " janeiro 52	20 092	—	—	20 092
2.ª " " "	18 711	—	—	18 711
3.ª " " "	20 853	—	—	20 853
1.ª " fevereiro "	12 087	—	—	12 087
2.ª " " "	11 842	—	—	11 842
3.ª " " "	6 026	—	—	6 026
Total	**5 373 834**	**3 049 195**	**12 147**	**2 312 492**
Despolpado	14 397	14 397	—	—
Rodoviário	402	—	—	402
Total Geral	**5 388 633**	**3 063 592**	**12 147**	**2 312 894**
(Outros Estados) (Até 3.ª dez. fev.ª)				
Paranaense	125 806	74 716	—	51 090
Mineiro	108 853	67 677	—	41 176
Goiano	19 298	13 760	—	5 538
Goiano (Rodoviário)	1 500	244	(*) 5	1 251
Matogrossense	6 312	2 987	—	3 325
Total	**261 769**	**159 384**	**5**	**102 380**

OBS: (*) — Apreendidas
— Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 1 646
— Destino alterado p/ "Interior e Cap." 10 106
— Anulado 395 12 147

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1950/51 — (ATÉ 29 DE FEVEREIRO DE 1952

Paulista	Despachado	Liberado	Destino Alterado	A liberar
Comum	7 138 440	6 850 235	287 125	* 1 080
Despolpado	28 528	28 528	—	—
Total	**7 166 968**	**6 878 763**	**287 125**	**1 080**
(Outros Estados) (até 3.ª dez. maio)				
Paranaense	670 995	621 090	49 905	—
Mineiro	354 107	346 954	6 392	** 761
Goiano	44 054	43 224	830	—
Matogrossense	7 395	7 395	—	—
Catarinense (V. M.)	1 540	1 540	—	—
Total	**1 078 091**	**1 020 203**	**57 127**	**761**

OBS.: Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 157 549
Destino alterado p/ "Interior e Cap." 128 379
Anulado 1 197 287 125

(*) Interditado
(**) Consultadas as EE.FF. a respeito

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE FEVEREIRO DE 1952

VIAS	PROCEDÊNCIAS				TOTAL
	S. Paulo	M. Gerais	Rio Janeiro	Esp. Santo	
E.F.C. do Brasil	8.039	19.290	—	—	27 329
E.F. Leopoldina	—	45.935	9.239	9.709	64.883
Regulador	—	—	—	25.195	24.195
Rodoviário	21.954	228.341	9.364	23.025	284.329(*)
TOTAL:	**29.993**	**293.566**	**18.603**	**57 929**	**401.736**

(*) — incluídas 1.645 scs. para a Bahia.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

JANEIRO DE 1952

Sacas de 60 quilos

Pôrto de embarque	Exterior	Cons. de Bordo	Cabotagem	Total
Janeiro de 1952:				
Santos	743 717	199	80	743 996
Rio de Janeiro	454 513	94	526	455 133
Vitória	58 643	—	22 705	81.348
Paranaguá	217 520	—	15	217 535
Angra dos Reis	26 709	—	—	26 709
Salvador	1 743	—	3 575	5 318
Recife	7 530	—	—	7 530
Total	**1 510 375**	**293**	**26 901**	**1 537 569**

FEVEREIRO DE 1952

Sacas de 60 quilos

Pôrto de embarque	Exterior	Cons. de Bordo	Cabotagem	Total
Fevereiro de 1952:				
Santos	781 570	154	222	781 946
Rio de Janeiro	307 611	17	1 240	308 868
Vitória	46 993	—	29 935	76 928
Paranaguá	291 820	—	—	219 820
Angra dos Reis	42 198	—	—	42 198
Salvador	3 603	—	2 647	6 250
Recife	3 650	—	—	3 650
Total	**1 405 445**	**171**	**34 044**	**1 439 660**
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Total de Jan a Fev.	**2 915 820**	**464**	**60 945**	**2 977 229**

NOTA: — Cifras sujeitas a retificação.

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE FEVEREIRO DE 1952

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	5.847	
	Bélgica	14.132	
	Dinamarca	11.838	
	Espanha	5.442	
	Finlândia	21.666	
	França	27.040	
	Grã-Bretanha	20.120	
	Holanda	5.300	
	Islândia	2.450	
	Itália	10.540	
	Iugoslávia	4.000	
	Malta	2.000	
	Noruega	2.000	
	Suécia	9.216	
	Suiça	1.946	
	Trieste	1.384	
	Turquia	3.792	148.677
AMÉRICA DO NORTE:	Canadá	1.080	
	Estados Unidos	111.288	112.368
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	24.177	
	Uruguai	1.200	25.377
ÁFRICA:	Egito	833	833
ÁSIA:	Chipre	3.613	
	Iraque	10.163	
	Líbano	500	
	Síria	415	
	Transjordânia	790	
	Turquia	4.875	20.875
	Total p/ o exterior:		**307.611**
CABOTAGEM:	Sul	1.240	1.240
	Total Geral:		**308.851**

— Consumo de bordo — 17 scs.

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1952	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	726 695	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	2 097 957
Janeiro — 1951	1 795 666	764 571	53 375	13 335	535 061	15 430	29 012	3 206 450
" — 50	2 230 542	901 153	96 224	28 687	236 574	45 369	36 147	3 574 696
" — 49	2 184 465	823 010	22 043	71 544	338 657	33 244	36 561	3 509 524
" — 48	2 174 053	684 426	72 478	78 374	300 121	38 827	42 361	3 390 640

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1952	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	726 695	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	2 097 957
Fevereiro	699 660	666 724	83 484	4 744	623 551	37 279	14 346	2 130 788
Fevereiro — 1951	1 871 225	745 428	57 426	12 866	538 034	18 869	25 982	3 269 830
" — 50	2 162 134	893 747	92 039	28 710	194 438	42 737	37 486	3 451 291
" — 49	1 863 488	786 326	56 837	69 127	274 750	18 515	34 715	3 103 758
" — 48	2 104 070	724 873	78 211	70 593	279 059	22 431	45 115	3 324 352

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO E VITÓRIA

FEVEREIRO DE 1952

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	4 móle	4 duro	5 sem descrição	7	7
1	199 50	198 00	195 50	177 00	159.80
4	199 50	198 00	195 50	177 00	160 20
5	199 50	198 00	195 50	176 00	161 10
6	199 50	198 00	195 50	176 00	160 00
7	199 50	198 00	195 50	176 00	159 90
8	199 50	198 00	195 50	176 00	159 90
11	199 50	198 00	195 50	178 00	158 60
12	199 50	198 00	195 50	178 00	158 50
13	199 50	198 00	195 50	176 00	158 50
14	199 50	197 50	195 50	176 00	156 60
15	199 50	197 50	195 50	177 00	156 40
18	199 50	197 50	195 50	176 00	158 40
19	199 00	197 50	195 00	175 00	158 00
20	199 00	197 50	195 00	174 00	157 80
21	199 00	197 50	195 00	174 00	157 20
22	199 00	197 50	195 00	174 00	156 90
27	199 00	197 50	195 00	—	—
28	199 00	197 50	195 00	174 00	156 60
29	199 00	197 50	195 00	174 00	157 10
Média	**199 32**	**197 84**	**195 32**	**175 78**	**158 36**

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1951/52

MESES	ENTRADAS						MOVIMENTO			Existência
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	
Julho	320 910	20 956	5 555	27 791	—	375 212	463 494	465 670	1 970	1 477 517
Agosto	446 425	30 019	2 331	32 534	300	511 609	613 037	595 291	2 119	1 373 970
Setembro	597 479	26 722	4 567	37 531	1 628	667 927	582 738	621 612	1 895	1 457 264
Outubro	745 505	31 257	4 726	43 582	2 500	827 570	761 542	742 231	1 681	1 521 611
Novembro	736 049	29 750	2 203	87 366	2 362	857 730	718 554	781 513	1 835	1 658 952
Dezembro	611 373	17 229	2 456	157 802	1 759	790 619	640 042	570 482	1 676	1 807 853
Janeiro	726 695	13 515	5 835	161 205	—	907 251	750 356	749 757	1 691	1 963 057
Fevereiro	699 660	15 160	2 909	8 977	733	727 439	774 516	773 786	5 635	1 910 345
Total	**4 884 096**	**184 608**	**30 582**	**556 788**	**9 282**	**5 665 357**	**5 304 279**	**5 300 342**	**18 502**	**12 170 569**

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

FEVEREIRO DE 1952

DIA	ENTRADAS						MOVIMENTO						Est. de Café em Santos em poder do D.N.C.		
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Liberado E.F.S.J.	Liberado p/E.F.S.	Liberado p/rodovia	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	Existência em poder do D.N.C.	Vendas	Existência
1	35 192	—	—	225	—	35 417	22 400	13 017	—	15 800	55 187	—	438	41 348	1 982 674
2	35 153	300	—	—	—	35 453	15 001	20 452	—	6 081	17 667	—	438	16 273	2 012 046
4	33 743	1 000	—	—	733	35 476	21 564	13 912	—	39 461	25 216	—	438	19 216	2 008 061
5	34 091	1 028	265	—	—	35 384	20 653	14 731	—	38 439	27 299	1 710	438	31 739	2 003 296
6	33 326	1 100	400	500	—	35 326	18 288	17 038	—	16 525	26 460	—	438	29 316	2 022 097
7	33 747	1 140	—	500	—	35 387	19 930	15 457	—	10 868	22 265	—	438	47 976	2 046 616
8	33 167	1 100	500	600	—	35 367	19 564	15 803	—	21 892	46 529	—	438	49 355	2 060 091
9	33 238	1 437	120	600	—	35 395	21 290	13 985	120	35 666	13 677	—	438	16 926	2 059 820
11	28 170	1 000	500	600	—	30 270	13 270	17 000	—	23 425	30 978	3 920	438	38 164	2 062 745
12	29 139	510	—	595	—	30 244	13 244	17 000	—	52 386	42 840	—	438	21 083	2 040 603
13	28 632	497	—	1 190	—	30 319	13 583	16 736	—	16 450	29 135	—	438	28 019	2 054 472
14	27 187	500	—	2 335	—	30 022	24 659	5 363	—	34 518	40 132	—	438	22 892	2 049 976
15	28 813	493	500	600	—	30 406	14 931	15 475	—	36 723	56 800	—	438	26 182	2 043 659
16	28 572	821	—	770	—	30 163	15 668	14 495	—	98 257	37 319	—	438	23 314	1 975 565
18	29 274	400	500	—	—	30 174	18 721	11 453	—	19 846	35 950	—	438	15 367	1 985 893
19	29 727	300	—	—	—	30 027	14 003	16 024	—	40 824	57 585	—	438	33 307	1 975 096
20	24 398	400	—	462	—	25 260	12 260	13 000	—	29 804	32 031	—	438	22 845	1 970 552
21	24 898	300	—	—	—	25 198	12 197	13 001	—	45 608	47 157	—	438	23 928	1 950 142
22	25 040	300	—	—	—	25 340	17 040	8 300	—	20 398	23 400	—	438	29 306	1 955 084
23	25 082	400	—	—	—	25 482	14 662	10 820	—	79 230	28 398	—	438	14 837	1 901 336
25	24 911	400	—	—	—	25 311	13 479	11 832	—	—	—	—	438	—	1 926 647
27	24 217	1 134	—	—	—	25 351	14 977	10 374	—	5 064	33 450	—	438	16 710	1 946 934
28	25 068	200	124	—	—	25 392	14 268	11 000	124	31 272	20 370	—	438	31 956	1 941 054
29	24 875	400	—	—	—	25 275	14 275	11 000	—	55 979	23 941	5	438	36 081	1 910 345
TOTAL	699 660	15 160	2 909	8 977	733	727 439	399 927	327 268	244	774 516	773 786	5 635		686 140	

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

FEVEREIRO DE 1952

DIA	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	E. Santo	Bahia	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Cons. Local	Existência
1	—	29 853	5 174	3 201	—	38 228	40 652	520	41 172	94	1 050	596 097
2	—	—	—	—	—	—	29 839	—	29 839	—	1 050	565 208
4	2 370	19 711	411	15 067	—	37 559	18 078	425	18 503	—	1 050	583 214
5	129	30 639	—	—	—	30 768	32 382	—	32 382	—	1 050	580 550
6	14 086	10 823	—	15 646	—	40 555	3 000	—	3 000	—	1 050	617 055
7	150	27 274	—	—	—	27 424	8 000	—	8 000	—	1 050	635 429
8	—	22 455	—	—	—	22 455	4 973	—	4 973	—	1 050	651 861
9	—	—	—	—	—	—	10 643	—	10 643	—	1 050	640 166
11	—	11 859	—	10 558	—	22 417	35 738	—	35 738	—	1 050	625 795
12	2 164	12 821	1 405	5 262	—	21 652	11 565	—	11 565	—	1 050	634 834
13	—	19 395	748	580	—	20 723	120	—	120	—	1 050	654 387
14	—	21 954	—	—	—	21 954	—	—	—	—	1 050	675 291
15	—	6 357	5 688	6 949	—	18 994	6 682	155	6 837	—	1 050	686 398
16	—	—	—	—	—	—	14 415	140	14 555	—	1 050	610 793
18	4 551	6 822	—	—	—	11 373	24 282	—	24 282	—	1 050	656 834
19	3 446	5 860	—	—	1 645	10 951	9 811	—	9 811	—	1 050	656 924
20	—	14 153	—	—	—	14 153	14 568	—	14 568	—	1 050	655 457
21	—	13 896	—	—	—	13 896	8 920	—	8 920	—	1 050	659 385
22	3 097	6 246	5 177	666	—	15 186	5 652	—	5 652	—	1 050	667 869
27	—	12 013	—	—	—	12 013	25 540	—	25 540	—	3 150	650 142
28	—	12 285	—	—	—	12 285	1 250	—	1 250	—	1 050	660 127
29	—	9 150	—	—	—	9 150	1 501	—	1 501	—	1 050	666 726
TOTAL	**29 993**	**293 566**	**18 603**	**57 929**	**1 645**	**401 736**	**307 611**	**1 240**	**308 851**	**94**	**26 250**	—

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

FEVEREIRO DE 1952

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	7 Tipo	7 Tipo
1	54 50	54 25	56 00	55 00	—	49 00
4	54 50	54 25	56 00	55 00	—	49 00
5	54 50	54 25	56 00	55 00	—	49 00
6	54 50	54 25	56 00	55 00	—	49 00
7	54 37	54 12	55 87	54 87	—	48 75
8	54 37	54 12	55 87	54 87	—	48 75
11	54 37	54 12	55 87	54 87	—	48 75
13	54 37	54 12	55 87	54 87	—	48 75
14	54 25	54 00	55 87	54 75	—	48 75
15	54 25	54 00	55 87	54 75	—	48 75
18	54 00	55 87	54 87	54 87	—	48 75
19	54 25	54 00	55 75	54 87	—	48 50
20	54 25	54 00	55 75	54 75	—	48 50
21	54 25	54 00	55 75	54 75	—	48 50
25	54 25	54 00	55 75	54 75	—	48 50
26	54 00	53 75	55 25	54 25	—	48 50
27	54 00	53 75	55 25	54 25	—	48 50
28	54 00	53 75	55 25	54 25	—	48 50
29	54 00	53 75	55 25	54 25	—	48 50
Média	54 26	54 12	55 74	54 73	—	48 70

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Fevereiro de 1952)

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	2	9	16	23	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 58 1/2	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	57 15/16
Armenia	(2) 58 1/2	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	57 15/16
Manizales	(2) 58 1/2	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	57 15/16
Cucutá	(2) 58 1/4	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	57 11/16
Bogotá	(2) 58 1/4	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	57 11/16
Tolima	(2) 58 1/4	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	57 11/16
Ocana	(2) 58 1/4	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	57 11/16
COSTA RICA:					
Duro	(2) 59 00	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 28 1/2	58 5/16
Atlântico Fino	(2) 58 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 58 00	58 1/16
EQUADOR:					
Lavado	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	55 00
Extra não lavado ...	(6) 48 1/2	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 49 00	48 7/8
GUATEMALA:					
Antigua	(×) 59 1/4	(×) 59 00	(×) 59 00	(×) 59 00	59 1/16
Extra primeira	(2) 58 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 58 00	58 1/16
Lavado bom	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	56 5/8
Bourbon	(2) 56 3/4	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	56 00
HAITÍ:					
Lavado bom mole ..	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	55 00
Catado à mão	(6) 51 3/4	(6) 51 1/2	(6) 51 1/2	(6) 51 00	51 7/16
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 1/2	56 1/8
Tipo 5 - comum duro	(6) 48 1/2	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 49 00	48 7/8

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Fevereiro de 1952)

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	2	9	16	23	MÉDIA
MÉXICO:					
Coatepec	(2) 57 3/4	(2) 56 3/4	(2) 56 3/4	(2) 56 3/4	57 00
Tapachula primeira .	(2) 57 3/4	(2) 56 3/4	(2) 56 3/4	(2) 56 3/4	57 00
NICARÁGUA:					
Matagalpa	(—) 56 1/2	(§) 56 00	(§) 56 00	(§) 56 00	56 1/8
Lavado primeira ...	(2) 56 00	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	55 13/16
EL SALVADOR:					
Lavado primeira ...	(6) 59 00	(6) 58 1/2	(6) 58 1/2	(6) 58 1/2	58 5/8
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole ..	(6) 53 00	(6) 52 1/2	(6) 52 1/2	(6) 53 00	52 3/4
Fino	(6) 55 00	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 55 00	54 3/4
VENEZUELA:					
Maracaibo	(6) 58 1/4	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	(6) 58 00	57 15/16
	—	—	—	—	—
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 58 00	(6) 58 00	(6) 58 00	(6) 58 00	58 00
Natural robusta	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 48 00	48 00
MOOCA:					
Mooca (Arabia)	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	57 3/4
N.E.I.:					
Genuino Java lavado	(6) 69 00	(6) 69 00	(6) 69 00	(6) 69 00	69 00
UGANDA:					
Lavado	(6) 48 1/2	(6) 48 1/2	(6) 48 00	(6) 48 1/2	48 3/8

INDICAÇÕES:
(1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
(2) Desembarcado à vista líquido
(3) Disponivel
(4) F.O.B. (Nova York)
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal
(X) Embarques em Fevereiro/Março
(§) Pronto Embarque
(—) Embarques em Fevereiro

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "U"

FEVEREIRO DE 1952

DIA	Março		Maio	
	A	F	A	F
1	n/cot	53 55	n/cot	n/cot
4	"	53 45	"	"
5	"	53 30	"	"
6	"	53 40	"	"
7	"	53 50	"	"
8	"	53 50	"	"
11	"	53 00	"	"
13	"	52 75	"	"
14	"	53 05	"	"
15	"	52 95	"	"
18	"	52 95	"	"
19	52 75	52 45	"	"
20	n/cot	52 30	"	"
21	"	52 30	"	"
25	"	52 25	"	"
26	"	52 05	"	"
27	"	52 10	"	"
28	"	52 40	"	"
29	"	52 55	"	"
Média	**52 75**	**52 94**	—	—

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 grs.) — "Contrato "S"

FEVEREIRO DE 1952

DIAS	MARÇO		MAIÓ		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	54 75	54 65	54 39	54 38	54 10	54 00	53 65	53 50	53 11	53 00
4	54 85	54 55	54 30	54 29	54 10	53 95	53 55	53 45	53 10	52 95
5	54 54	54 40	54 22	54 16	53 90	53 82	53 40	53 32	52 90	52 82
6	54 30	54 50	54 05	54 18	53 70	53 85	53 25	53 30	52 70	52 81
7	54 75	54 60	54 30	54 35	53 95	54 05	53 40	53 50	52 95	53 01
8	54 80	54 62	54 40	54 40	54 20	54 07	53 65	53 37	53 00	53 17
11	54 84	54 60	54 41	54 15	54 15	53 85	53 50	53 32	53 20	52 85
13	54 50	54 36	54 10	54 03	53 80	53 68	53 25	53 08	52 75	52 58
14	54 50	54 65	54 02	54 30	53 65	54 00	53 10	53 35	52 70	52 95
18	54 75	54 55	54 35	54 24	53 95	53 94	53 25	53 34	52 90	52 88
15	54 40	54 33	54 25	54 05	53 94	53 73	53 30	53 15	52 85	52 70
19	54 30	54 05	54 00	53 80	53 60	53 43	53 00	52 83	52 60	52 45
20	54 00	53 90	53 66	53 80	53 37	53 42	52 75	52 83	52 40	52 43
21	53 80	53 90	53 80	53 75	53 40	53 42	53 80	52 45	52 35	52 46
25	53 80	53 83	53 75	53 75	53 30	53 45	52 80	52 91	52 44	52 51
26	53 84	53 66	53 75	53 71	53 35	53 41	52 90	52 88	52 60	52 50
27	53 55	53 72	53 70	53 72	52 70	53 46	52 88	52 90	52 50	52 52
28	53 90	54 03	53 89	53 96	52 87	53 69	52 95	53 14	52 54	52 75
29	53 90	54 13	53 90	53 98	54 10	53 70	53 85	53 09	53 20	52 70
Média	**54 32**	**54 26**	**54 07**	**54 05**	**53 68**	**53 74**	**53 22**	**53 13**	**52 79**	**52 75**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de

FEVEREIRO DE 1952

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
1	52,4160	18,72	—	—	4,3158	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
2	52,4160	18,72	—	—	4,3158	—	2,7353	1,7096	0,6572	—	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,3158	—	—	1,7096	—	—	—
5	52,4160	18,72	—	4,9271	4,3165	—	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	4,3158	—	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
7	52,4160	18,72	—	4,9271	4,3152	—	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	4,2783	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
9	52,4160	18,72	—	4,9234	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
11	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
12	52,4160	18,72	—	—	4,3158	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
14	52,4160	18,72	—	4,9234	4,3167	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	4,3191	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	9,1095	—	4,3185	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	—	—	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	—	0,0535
21	52,4160	18,72	—	4,9271	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,0535
22	52,4160	18,72	—	4,9234	4,3196	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	0,6572	—	—
28	52,4160	18,72	—	4,9234	4,3186	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	4,3215	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
	52,4160	**18,72**	**9,1095**	**4,9249**	**4,3145**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO

1952

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta praça, durante FEVEREIRO

MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Libras	1.986.315	2.586.990
Dólares	17.969.323	25.606.529
Francos Franceses	2.133.240.277	2.270.575.173
Escudos	71.633	212.916
Pesetas	548.964	830.824
Francos Suiços	414.009	843.859
Francos Belgas	71.853.129	91.053.941
Pesos Argentinos	——	115
Pesos Uruguaios	——	78
Corôas Suecas	14.584.859	19.142.604
Corôas Dinamarquesas	6.242.776	8.919.083
Florins (Holanda)	717.626	362.704
CONVÊNIOS		
US$ — Alemanha	4.840.326	6.060.198
US$ — Áustria	435.620	335.731
US$ — Chile	34.157	183.642
US$ — Itália	1.039.227	1.788.232
US$ — Japão	2.827.644	2.633.687
US$ — Polônia	4.691	——
US$ — Portugal	159.915	435.466
US$ — Tchecoslováquia	109.606	153.153
US$ — Uruguai	8	18
US$ — Yugoslávia	250.639	250.639
Brasileiro-Argentino	Cr$ ——	Cr$ 3.115.982,00
Brasileiro-Holandês	Cr$ ——	Cr$ 293.024,20
Brasileiro-Norueguês	Cr$ 52.293,10	Cr$ 390.550,00

RESUMO DOS NEGÓCIOS REALIZADOS NO MÊS DE FEVEREIRO DE 1952

MOEDAS	QUANTIDADE	VALOR EM CR$
Corôas Dinamarquesas	5.196.674	14.214.462,00
Corôas Suecas	14.255.657	51.618.311,00
Dólares	47.564.483	890.407.133,00
Escudos	107.949	70.944,00
Florins	1.378.420	6.788.580,00
Francos Belgas	96.724.475	36.542.507,00
Francos Franceses	2.472.974.542	132.304.138,00
Francos Suiços	1.068.461	4.609.878,00
Libras	3.833.076	200.914.528,00
Pesetas	894.093	1.528.542,00
Pesos Uruguaios	107	977,00
TOTAL		**1.339.000.000,00**

Total em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada este mês por esta Bolsa.

£	25.545.635 =	52,4160
U$S	71.527.778 =	18,72—

Total computado em Fevereiro de 1951	1.386.000.000,00
Total computado em Janeiro de 1952	1.599.000.000,00
Total computado em Fevereiro de 1952	1.339.000.000,00

Secretaria da Bolsa, em 29 de Fevereiro de 1952

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

FEVEREIRO DE 1952

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa
1	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,31 28	7,90 71	n/cot.	3,62 09
2	52,41 60	18,72 00	4,30 64	0,65 72	1,30 64	7,81 87	"	3,62 09
4	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,30 64	7,81 87	"	3,62 09
5	52,41 60	18,72 00	4,30 64	0,65 72	1,30 64	7,91 54	"	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,31 65	7,90 71	"	3,62 09
7	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,31 92	7,93 22	"	3,62 09
8	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,31 74	7,93 22	"	3,62 09
9	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,31 74	7,91 54	"	3,62 09
11	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,31 74	7,91 54	"	3,62 09
12	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,31 20	7,91 54	"	3,62 09
13	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,32 48	7,91 54	"	3,62 09
14	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,32 86	7,91 54	"	3,62 09
15	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,33 24	7,84 91	"	3,62 09
16	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,33 43	7,78 38	"	3,62 09
18	52,41 60	18,72 00	4,31 59	0,65 72	1,33 43	7,78 38	"	3,62 09
19	52,41 60	18,72 00	4,31 96	0,65 72	1,33 52	7,65 64	"	3,62 09
20	52,41 60	18,72 00	4,31 96	0,65 72	1,33 71	7,65 82	"	3,62 09
21	52,41 60	18,72 00	4,31 96	0,65 72	1,33 81	7,24 18	"	3,62 09
22	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,33 91	7,02 44	"	3,62 09
23	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,33 91	7,35 56	"	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,33 91	7,35 56	"	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,33 91	7,35 56	"	3,62 09
29	52,41 60	18,72 00	4,32 15	0,65 72	1,33 91	7,35 56	"	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,31 62**	**0,65 72**	**1,32 62**	**7,70 54**	"	**3,62 09**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS A VISTA

FEVEREIRO DE 1952

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa
1	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 54	1,28 62	7,61 87	n/cot.	3,55 51
2	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,27 99	7,61 08	"	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,27 99	7,61 08	"	3,55 51
5	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,27 99	7,62 66	"	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,28 98	7,61 87	"	3,55 51
7	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,29 25	7,64 24	"	3,55 51
8	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,29 07	7,64 24	"	3,55 51
9	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,29 07	7,62 66	"	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,29 07	7,62 66	"	3,55 51
12	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,29 53	7,62 66	"	3,55 51
13	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,29 80	7,62 66	"	3,55 51
14	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,29 80	7,62 66	"	3,55 51
15	51,46 40	18,38 00	4,20 54	0,63 64	1,30 54	7,56 38	"	3,55 51
16	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,30 73	7,50 20	"	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,20 35	0,63 64	1,30 73	7,50 20	"	3,55 51
19	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,30 82	7,38 15	"	3,55 51
20	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,31 00	7,19 37	"	3,55 51
21	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,31 10	6,98 86	"	3,55 51
22	51,46 40	18,38 00	4,20 54	0,63 64	1,31 19	6,78 23	"	3,55 51
23	51,46 40	18,38 00	4,20 54	0,63 64	1,31 19	7,09 65	"	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,20 54	0,63 64	1,31 19	7,09 65	"	3,55 51
28	51,46 40	18,38 00	4,20 54	0,63 64	1,31 19	7,09 65	"	3,55 51
29	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,31 19	7,09 65	"	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,20 46**	**0,63 64**	**1,29 91**	**7,42 62**	—	**3,55 51**

ÍNDICE

COLABORAÇÕES:

A potaça na adubação do cafeeiro — J. Bemelmans 215
Moderniza-se a agricultura — J. Testa 217
A cultura de Café, adaptada ao nosso tempo — Sigmar Kaufmann 221

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Reerguimento das fazendas d ecafé em zona "velha" 231
O café visto nos Estados Unidos — (Cartas mensais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) 234
O café no norte do Paraná 238

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatistico n.º 314 283
Exportação Brasileira de Café — janeiro 286
Exportação Brasileira de Café — fevereiro 286
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro — durante o mês de fevereiro 287
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — janeiro e fevereiro 288
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio e Vitória — fevereiro 289
Movimento de café em Santos — Safra 1951/52 290
Movimento de café na praça de Santos — fevereiro ..... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — fevereiro ..... Apenso
Cotações de cafés Brasileiros no disponível em Nova York — fevereiro 291
Cotação do disponível em Nova York — Cafés estrangeiros — fevereiro 292
Cotações de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "U" — fevereiro 294
Cotações de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — fevereiro 295
Câmbio em São Paulo — Média diária — fevereiro 296
Câmbio — 1952 — Resumo das operações, efetuadas pelos Bancos — fevereiro 297
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Mercado Livre — Vendas à Vista — fevereiro 298
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Mercado Livre — Compras à Vista — fevereiro 299
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — fevereiro ..... Apenso

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Xavier de Toledo, 266, 9.º andar, sala 95
Fones, 32-8357 e 32-9579
R. PASTORE

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1	página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1	"	Cr.$1.500,00
" " "	½	"	Cr.$ 800,00
" " "	¼	"	Cr.$ 500,00

——— Os agentes autorizados são portadores de apresentação ———

—— AVISOS ——

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL